

L I T E R A T U R A

Arte

NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

ARTE E EDUCAÇÃO
ACIMA
DE TUDO

**Educação musical
significativa**

**A artesã da arte
do barro que
sonhou modelando
a Biblioteca**

**Linha do tempo:
encontros com
escritores nas
Feiras de Leitura**

Levantar uma cena

SE VOCÊ JÁ SE SENTE EM CASA NA COMPANHIA DE UMA BOA LEITURA, IMAGINE AO LADO DE VÁRIAS.

Com ambientes que promovem bons encontros e a troca de conhecimento, as lojas da Livraria Cepe Editora são os melhores destinos para todo mundo que procura conteúdo de qualidade em livros ou periódicos, além de um atendimento de primeira, com profissionais prontos para ajudar com a orientação para todos os produtos. Tudo isso a um preço justo e com ótimos descontos, especialmente para professores e estudantes.



SEDE

Rua Coelho Leite, 530
Santo Amaro - Recife
Segunda à sexta: 7h30 às 16h30

CENTRO CULTURAL CAIS DO SERTÃO

Avenida Alfredo Lisboa, s/n
Recife Antigo - Recife
Terça à sexta: 9h às 17h
Sábado e domingo: 13h às 17h

MUSEU DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Livraria Cepe Editora Ramires Teixeira
Avenida Rui Barbosa, 960
Graças - Recife
Terça à sexta: 9h às 17h
Sábado e domingo: 14h às 17h

CENTRO CULTURAL MERCADO EUFRÁSIO BARBOSA

Avenida Doutor Joaquim Nabuco
Varadouro - Olinda
Terça à sábado: 9h às 17h

ONLINE

www.cepe.com.br/lojacepe
Entrega em todo o Brasil.
Opção de retirada gratuita
na loja da Sede.

LIVRARIA
Cepe
EDITORA

  [cepeeditora](https://www.cepeeditora.com.br)
www.editora.cepe.com.br



L I T E R A T U R A

Artes

NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO



NÃO NOS
CALARÃO

Expe diem te

Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização, Revista #3, Ano 2019

Revista do Centro de Estudos
em Educação e Linguagem – CEEL

A Revista do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) tem como objetivo primordial promover um debate em torno das produções culturais que circulam dentro e fora da escola e que formam leitores da literatura e da arte.

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca do Centro de Educação da UFPE

L775 Literatura e arte no ciclo da alfabetização / UFPE, Centro de Estudos em Educação e Linguagem. – Ano 1, n.1 (set. 2017)
Recife: CEEL/UFPE, 2017-.
Anual.
ISSN 2595-6086
Fascículo atual Ano 3, n. 3 (nov. 2019)

1. Literatura. 2. Arte. 3. Alfabetização. 4. Leitura. I. Silva, Beatriz de Barros de Melo e (Org.). II. Rosa, Ester Calland de Sousa e (Org.). III. Dubeaux, Maria Helena Santos e (Org.). IV. Leal, Telma Ferraz (Org.).

372.4 CDD (22.ed.)

Organização

Beatriz de Barros de Melo e Silva
Ester Calland de Sousa Rosa
Maria Helena Santos Dubeux
Telma Ferraz Leal

Autoria

Anna Paula Alves Monteiro
Beatriz de Barros de Melo e Silva
Carmen Lucia B. Bandeira
Ester Calland de Sousa Rosa
Flávia Messias Lucena Melena
Flávio Tenório de Medeiros
Gabriel de Santana
Helen Regina Freire dos Santos
Marcus Flávio da Silva
Marli Neves Ferreira
Maria Betânia do Nascimento Andrade
Maria das Graças Melo
Maria Emília Lins e Silva
Maria Helena Santos Dubeux
Telma Ferraz Leal
Ywanoska Gama
Wilma Pastor de Andrade Sousa

Revisão

Ana Maria Araújo Lima

Design

Hana Luzia – Coordenação e Diagramação
Breno Chamie – Projeto Gráfico
Rodrigo Fischer – Ilustrações

Parceiros

Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura
Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães
Biblioteca Comunitária Cepoma
Biblioteca Comunitária do Alto do Moura
Biblioteca Comunitária Educ Guri
Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Biblioteca Multicultural Nascedouro
Biblioteca Peró
Biblioteca Popular do Coque

Summá rio



6 Editorial

Artigos

- 8 Princípios para uma educação musical significativa – apresentando *Orff Schulwerk*
- 12 Bebês leitores em bibliotecas comunitárias
- 19 Literatura para surdos: como e por onde começar?

Entrevistas

- 23 Izabel Concessa: Não cresci mais. De lá até cá, continuo como criança: “brincando”, como dizem os mamulengueiros ...
- 28 Terezinha Gonzaga: artesã da arte do barro que sonhou modelando a Biblioteca Comunitária do Alto do Moura
- 31 Júnior Aguiar: Coletivo Grão Comum

Histórias

- 37 Histórias da criação de um espaço vivo de leitura ou lenda urbana com personagens de carne e osso na favela do Canal do Arruda

40 Poesia

Relatos de experiências

- 43 Uma proposta de formação de professor de educação infantil na área de arte
- 49 Feminismo para crianças: mediações em bibliotecas comunitárias

Depoimentos

- 55 Encontros com escritores nas Feiras de Leitura do Centro de Educação - linha do tempo
- 59 7 anos de aproximação CEEL – bibliotecas comunitárias

Cenas de leituras

- 65 Formas de expor os acervos nas bibliotecas comunitárias e a formação de leitores

Sugestões de atividades

- 68 Roda de ritmo, som e movimento
- 69 Levantar uma cena

Lugares para visitar

- 71 Museu Paço do Frevo

Biblioteca: eu recomendo

- 75 Minha trajetória na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaras

Resenhas

- 79 **O gato Malhado e a andorinha Sinhá**
- Jorge Amado
- 81 **Verão no aquário**
- Lygia Fagundes Telles
- 83 **Um pouco de humor e apurando o olhar**

Edição rial

Mediadores de leitura somos todos nós que temos a paixão pela arte, pela literatura e dividimos o prazer de ler, de narrar, de poetizar. Somos todos nós que contemplamos o belo, nos emocionamos, deixamos fluir a expressão de nossas identidades, de nossas subjetividades.

A *Revista Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização* é feita por e para mediadores de leitura. É fruto de mãos que constroem linguagens, objetivando formar comunidades de leitores e escritores. Destina-se a bibliotecários, professores, artistas que queiram dialogar sobre o nosso cotidiano de educadores, que queiram enfrentar os difíceis momentos que estamos vivendo, em que a educação e a cultura estão sendo renegadas pelas políticas públicas nacionais.

Nesse difícil momento histórico em que os recursos para a cultura e para a educação passam por cortes e contingenciamentos, comprometemo-nos com a resistência e assumimos nosso lugar político em defesa de um mundo mais humanizado.

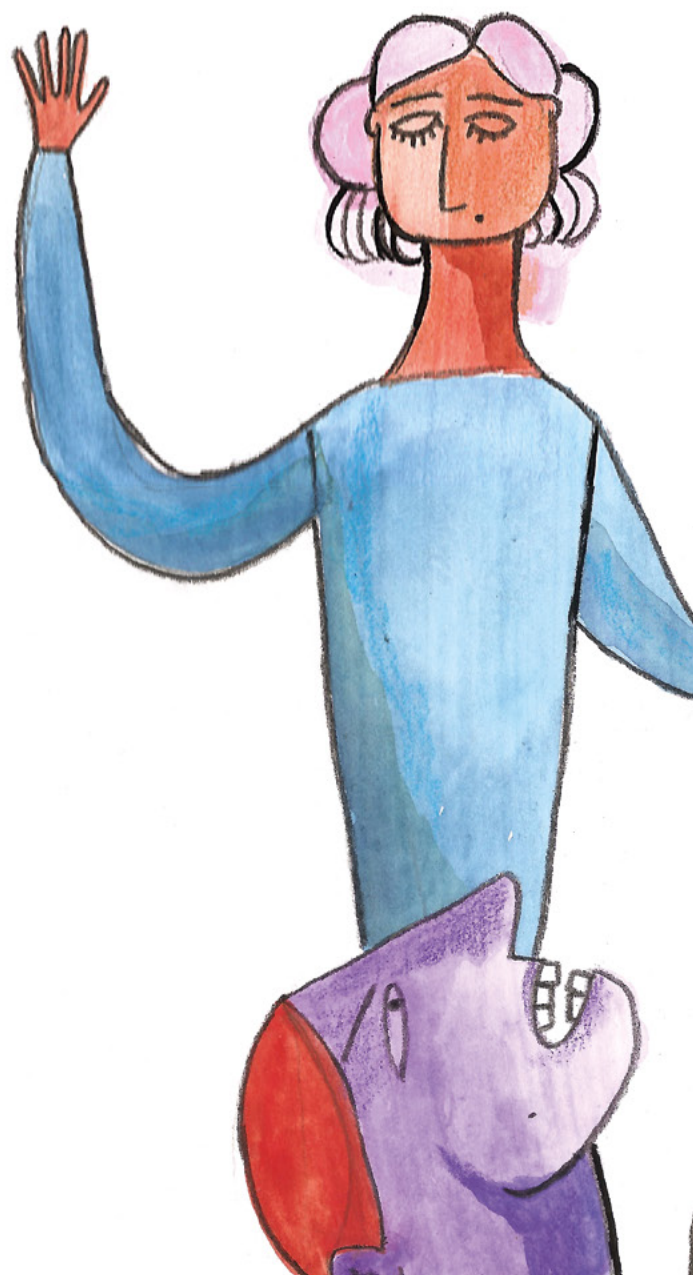
Os autores são professores da Universidade Federal de Pernambuco e educadores da Releitura – bibliotecas comunitárias em rede, Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaras e do Alto do Moura, assim como membros do Centro de Estudos em Educação e Linguagem. Falamos sobre nossas vivências em espaços de formação de leitores e escritores. Socializamos experiências e espalhamos textos e imagens que nos cativam. Refletimos sobre nosso papel na democratização do acesso à arte.

Neste terceiro número da *Revista*, publicamos artigos, entrevistas, relatos de experiência, depoimentos, resenhas, poemas, textos de humor, sugestões de lugares para visitar e de atividades a serem realizadas com crianças, jovens e adultos em processo de formação. É um pouco do que vimos compartilhando nos nossos encontros de conversa e planejamento de ações em bibliotecas comunitárias e universidade.

Cada texto foi elaborado com muito carinho, no intuito de estabelecermos diálogos profícuos, que possam gerar frutos saborosos nas escolas e em outros espaços sociais onde a arte, a literatura ocupem lugar de destaque, de relevância para a formação de pessoas que leiam a sociedade com olhos de estranhamento e ousadia. Pessoas que se aproximem da arte para sonhar com um mundo mais justo, solidário, democrático.

Boa leitura!

As Organizadoras





LEITURA
É
LIBERDADE

Artigos

LIVRO
LIVRE

... E.I. Escrito que se con-
nentos. Pedido, orden
... missiva. Mapa / Ca
... de cartolina, plástico, do
... participação oficial que
... he ter sido conhecida mere
... era assinada pelo r...

Princípios para uma educação musical significativa

– apresentando *Orff Schulwerk*

Flávio Tenório de Medeiros

São muitas as realidades contextuais, e muitos os problemas e desafios da educação musical no Brasil, notadamente em relação aos princípios que definem as formas de ensino da música nas escolas.

Experimentamos um momento crucial e decisivo para a educação musical no Brasil. Após algumas décadas de ausência nos currículos escolares, a música retornou às escolas públicas e privadas e está inserida na condição de disciplina obrigatória, nos termos da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Mas já se vão onze anos, e muitas intervenções ainda precisam ser realizadas.

Os debates que se seguiram sobre a aplicação da nova Lei e as discussões sobre a sua regulamentação nas escolas proporcionaram um envolvimento dos educadores das áreas artísticas, no sentido de lutar e conquistar importantes espaços culturais e educativos. Entretanto, a participação efetiva em políticas públicas educacionais que favoreçam a prática da música na escola e a formação de profissionais para atuar nesse universo permanecem como preocupações constantes de todos os que sonham com uma educação musical de qualidade.

O objetivo deste artigo é o de refletir sobre princípios da educação musical significativa, ou seja, uma educa-

ção musical que envolva e impacte o estudante, que, de fato, o faça ter vivências com e a partir da música.

Atualmente, nos espaços educacionais que se propõem a realizar uma musicalização, seja para crianças, seja para jovens ou adultos, há uma lacuna no ensino de música no que diz respeito à priorização de uma aprendizagem vivencial e uma prática musical em que seus elementos, tais como expressão, criação, reflexão e crítica, sejam potencializados, de forma prazerosa.

Outro problema no cotidiano das salas de aula é o fato de encontrarmos professores de música despreparados e alheios aos princípios fundamentais da educação musical, que acabam por apresentar resultados pouco produtivos. Na prática, esses professores reproduzem na sala de aula o que aprenderam. Muitos receberam até uma formação universitária dentro de um curso de Licenciatura em Música, porém com um modelo clássico de ensino já desgastado.

Em se tratando do Ciclo de Alfabetização e primeira etapa do Ensino Fundamental, vemos poucos professores com formação específica na

Sobre o autor

Professor do Curso de Música da Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Educação pela UDELMA – Chile. Este artigo é parte da Tese de Doutorado PRINCÍPIOS PARA UMA EDUCAÇÃO MUSICAL SIGNIFICATIVA NA CONTEMPORANEIDADE: A RELAÇÃO ORFF SCHULWERK EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS MUSICAIS EM RECIFE E A VIVÊNCIA DO MARACATU - 2013.

área de Música atuando. O trabalho com essa disciplina tem se dado a partir da atuação de professores pedagogos, que, em sua maioria, levam para a sala de aula atividades com o objetivo de proporcionar ambiente mais lúdico, sem compreender fundamentos e princípios – aspectos carentes, de maneira geral, em suas formações.

A educação musical ainda não é considerada uma atividade essencial para o crescimento individual e coletivo. Por conseguinte, a linguagem musical é colocada em patamares hierárquicos inferiores a outras disciplinas de igual relevância para a formação humana. Desconhece-se que ela proporciona uma maior interação entre os participantes e promove a competência de se trabalhar em grupo, fazendo nascer no indivíduo a consciência do fazer coletivo, sem perder de vista o valor estético presente numa educação significativa, integradora e determinante para uma melhor qualidade de vida.

As propostas educacionais em que não só a percepção musical, mas também a visual e a tátil são apresentadas como formas de experimentar e expressar a música levam o aluno à utilização das habilidades de entender os significados no plano sensório-corporal. O ensino musical significativo é aquele em que a escuta, a compreensão da linguagem musical e a abrangência da música como história e cultura de um povo devem ser propiciadas ao educando, levando-o a vivenciar atividades que envolvam a pesquisa, a discussão e a escolha dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Podemos afirmar que uma musicalização integradora é estabelecida por diferentes áreas do conhecimento musical. A experimentação, a improvisação e a composição geram possibilidades de utilização das paisagens sonoras dos mais diversos espaços educativos.

No contexto de uma educação musical integradora e significativa, estratégias de ensino em que são utilizados movimentos corporais associados ao

ritmo e à música devem se fazer presentes. A utilização do ritmo e do movimento, fenômenos percebidos em todo o universo, pode se tornar um recurso de qualidade para a área da educação musical, ampliando as habilidades humanas de percepção e expressão.

Partimos da percepção de que os conteúdos de um enfoque educacional significativo, abordados e discutidos de forma participativa, devem envolver o interesse e a compreensão dos alunos. Ou seja, os educadores precisarão refletir e desenvolver procedimentos educacionais que se baseiem no universo vivencial dos educandos, indo além dele, favorecendo a ampliação de suas percepções, de sua autonomia e de seu posicionamento crítico e participativo.

Um dos princípios importantes na educação musical é a utilização do canto como ação participativa e expressiva dentro desse processo. Principalmente na dança e nos movimentos realizados simultaneamente com o canto, e ao usar instrumentos musicais, especialmente os de percussão, o aluno é movido a perceber e entender a articulação rítmica que ocorre na música que está sendo cantada. Surge, a partir desse instante, um momento propício à aprendizagem musical.

A experiência como músico e educador levou-nos a priorizar o *Orff Schulwerk*¹ como uma abordagem de educação musical completa para o processo de musicalização de crianças, jovens e adultos. A escolha do *Orff Schulwerk*, conhecido como abordagem Orff ou Pedagogia Orff, ou simplesmente *Schulwerk*, deu-se principalmente por ser um estudo e uma prática que exigem dos seus educadores um pensamento instigante quanto ao seu próprio processo de trabalho e quanto ao fazer artístico em sala de aula.

A ideia básica oferecida pelo compositor e educador musical Carl Orff é a de que a música, a palavra e o movimento são inseparáveis e formam uma unidade chamada de Música Elementar. Esse conceito significa, basicamente, a música, o movimento e a fala

<1> O termo *Schulwerk* ou *Orff Schulwerk* refere-se a uma abordagem criativa de música e movimento desenvolvida pelo compositor e educador musical Carl Orff e por Gunild Keetman. É uma abordagem de musicalização para crianças, jovens e adultos, realizada por meio da atividade de criação, improvisação e prática de conjuntos instrumentais. A tradução literal desse termo é “tarefa de escola”. Muitos não consideraram esse termo oportuno, entretanto a palavra “werk” é ampla e tem muitas associações. Pode significar a ideia de que “se aprende fazendo” (RABELO, 2011, p. 14).

feitas por crianças sem qualquer treinamento especial, ou seja, sem fazer qualquer esforço não natural e sem nenhuma instrução prévia. Para Orff, a música primitiva é aquela que está ligada ao corpo, ou seja, o ouvir está intimamente ligado ao movimento corporal, como se um não existisse sem o outro e, assim, não há ouvintes no sentido de espectador, apenas executantes. (OLIVEIRA, 2009)

Para entender a abordagem *Orff Schulwerk*, é importante afastar a ideia de que é um método de educação musical. De acordo com Wry (1985, p. 27), “é uma abordagem epistemológica e ontológica baseada em processos que inspiram os participantes a criar, através da música e do movimento, formas de expressão”. O fazer musical torna-se uma experiência única e individual, processo transformador que se reinventa continuamente dentro de sua compreensão de abordagem pedagógica musical.

Toda a abordagem *Orff Schulwerk* e seus princípios traduzem-se no desenvolvimento das capacidades e vivências próprias do ser humano, quais sejam: o falar, o movimentar-se, o cantar e o dançar. Esses princípios mostram-se eficientes, uma vez que se aproximam dos aspectos naturais e elementares do ser humano, contribuindo, assim, para a facilitação do processo de aprendizagem.

Orff redimensionou a educação musical ao desenvolver sua pedagogia. Dentro dessa perspectiva de método ativo, três pressupostos básicos são claramente percebidos: todos os elementos da música podem ser experimentados e vivenciados com a utilização do movimento; todo som musical começa com um movimento – portanto, o corpo, que faz os sons, é o primeiro instrumento musical a ser praticado; há um gesto para cada som, e um som para cada gesto. Cada um dos elementos musicais – acentuação, fraseado, dinâmica, pulso, andamento, métrica – pode ser estudado através do movimento, da dança.

Orff acreditava que esse processo de educação musical possibilitaria que crianças experimentassem a ideia de uma união e integração mundial por meio da aprendizagem prazerosa de cantar músicas de sua própria cultura e de outros povos, de aprender suas danças e conhecer suas histórias, despertando e transformando, assim, a consciência musical de cada participante nessa abordagem.

Observou, ainda, que as crianças, quando em contextos e situações não estruturadas e formais, ou seja, em plena liberdade de criação, se expressavam coletivamente utilizando palavras, músicas e movimentos, sempre mesclando esses elementos. Observou também que quando uma criança dançava, sempre cantava e produzia diversos sons em seu próprio acompanhamento, e quando cantava, movia-se ao ritmo do seu canto. Orff sempre enfatizou que sentir a música ou ter uma experiência com a música deveria vir em primeiro lugar.

Na aplicação dessa abordagem educacional, chamam a atenção todos os fatores humanos, como os cognitivos, físicos, emocionais, sociais, culturais e terapêuticos, que estão conectados entre si e com o prazer de realizar música. A abordagem Orff é considerada holística, ou seja, é endereçada ao homem como um todo. A música, nesse caso, é utilizada com o aluno como meio de intensificar sua própria humanidade.

É fundamental que a emoção do aluno seja trabalhada constantemente, uma vez que ela possui forte relação com a experiência musical. O desenvolvimento emocional da criança está também relacionado ao prazer de fazer música. Não se pode perder de vista que na aprendizagem musical é de extrema importância que o equilíbrio entre o corpo e a mente seja considerado.

As características principais desse conceito pedagógico aqui tratado são a unidade de música-movimento-fala, a utilização de instrumentos de percussão, o envolvimento total de cada aluno através do corpo, da cognição e do seu próprio emocional-afetivo e a aprendizagem com o grupo e por meio do próprio grupo.

Sangiorgio (2010) recomenda a reflexão sobre alguns princípios considerados importantes no *Schulwerk*:

- O ser humano é mais do que a soma de suas partes. Cada pessoa tem que ser visualizada como unidade indissolúvel do corpo, do espírito e da mente. O *Schulwerk*, na educação musical, pode ser definido como holístico na medida em que leva em conta a pessoa como um todo e sua dimensão antropológica.
- O homem é um ser social. Ele vive e cresce através de relações interpessoais.

- O homem é criativo. Cada pessoa é capaz de descobrir e desenvolver seu próprio potencial criativo.
- Criatividade pode ser entendida como uma habilidade para trabalhar suas próprias experiências e pensamentos em novas e significativas formas.

Sangiorgio (2010) afirma que a música pertence a todos. Sendo assim, cada pessoa pode expressar-se através da música, da dança, com o seu próprio nível de proficiência. Com uma diferenciação adequada de instruções do professor, cada aluno pode ser integrado ao grande grupo.

Bourscheidt (2008) assinala um aspecto importante no *Schulwerk*, que é a sua adaptação às condições de cada cultura, país ou circunstâncias em que está sendo aplicado. Uma educação musical no contexto contemporâneo motiva a expansão dessa visão educacional, sugerindo a integração de outras formas de ouvir e fazer música, e o intercâmbio com manifestações culturais e seus princípios de organização. É nesse aspecto que se evidencia uma grande lacuna no cenário nacional, notadamente quando observadas as práticas educacionais desvinculadas de cultura, tradição e de um saber criativo.

A utilização das palavras para o ensino rítmico, caminho apresentado por Orff, é um dos grandes indicadores para utilizar a fala como instrumento para desenvolver a musicalidade. As rimas e poesias conduzem os alunos a múltiplas possibilidades no decorrer da vivência do processo. Assim, trabalhar desde cedo com rimas infantis da literatura oral popular será de grande valia, pois elas obedecem a ritmos específicos e à cadência, propiciando a relação corpo – movimento – palavra. Passar a trabalhar com provérbios e ditos populares para internalizar o ritmo e propiciar vivências de ouvir, falar, cantar, dançar e movimentar-se resultará numa ampliação significativa no contato e sensibilização da criança ao universo sonoro e musical.

Refletir sobre princípios de educação musical pode fazer toda a diferença na condução das atividades em sala e no resultado que esses encaminhamentos podem propiciar nos estudantes. &

Referências

BOURSCHEIDT, L. **A aprendizagem musical por meio da utilização do conceito de totalidade do sistema Orff/wuytack**. 2008.

Dissertação (Mestrado em Educação Musical) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

OLIVEIRA, P. L. M. G. M. **Educação musical e algumas metodologias**: um estudo de abordagem teórica. 2009.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, 2009.

RABELO, M. R. P. **Carl Orff e seu instrumental**: análise dos princípios pedagógicos da música na escola. Monografia (Especialização em Educação) Faculdade Paulista de Artes. São Paulo, 2011.

SANGIORGIO, A. **Orff-Schulwerk as Anthropology of Music**.

Tradução para o Inglês: Margate Murray. *Orffinfo*. Istanbul, n. 16 p. 6-21. (Winter, 2010), edited by Orff-Schulwerk Egitimve Danismanlik Merkezi Türkiye (Turkish Orff-Schulwerk Association).

WRY, O. Philosophical Implications of Orff Schulwerk. In I. Carley (Ed.), **Orff ReEchoes** – Book ii: American Orff Schulwerk Association, 1985..

Bebês leitores em bibliotecas comunitárias

Ester Rosa, com a colaboração de
Maria Betânia do Nascimento Andrade,
Flávia Messias Lucena Melena
e Marli Neves Ferreira

Quem já leu “para” algum bebê sabe que na realidade a gente lê “com” os bebês. Desde bem pequenos, vários são os sinais de que eles e elas estão lendo junto. Pesquisadores também já registraram evidências das diversas formas de participação de bebês ao interagirem com livros mediados por um adulto.

Quando essa leitura ocorre no ambiente familiar, o destaque que se dá é para a aproximação e vínculos afetivos que o encontro entre adultos, bebês e livros pode propiciar (PETIT, 2009). Outro ambiente em que bebês se encontram com livros e participam de situações de leitura compartilhada é a creche ou outra instituição educativa. Nesses espaços, o contato com livros se amplia, criando novas oportunidades para o letramento literário dos pequenos, já que

as experiências com textos alcançam novos patamares de significação quando a professora disponibiliza livros para que a criança experimente diferentes formas de apreciação de intimidade com os exemplares. (...) O contato com livros pode estar assegurado não só em momentos planejados durante a rotina, mas também em locais aconchegantes na sala, organizados para que as crianças possam manipulá-los, ‘lê-los’ com os parceiros ou, então, individualmente. (RAMOS e ROSA, 2012, p. 100).

Esse novo patamar que se agrega à vivência leitora dos bebês é favorecido pela instituição escolar que propicia o contato com novos mediadores, novos espaços e o convívio com outras crianças no circuito de interações com livros e histórias.

E a biblioteca, será um lugar também para bebês e para ler para e com eles?

Sobre as autoras

Ester Rosa | Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais (DPOE) e membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Maria Betânia do Nascimento Andrade | Gestora da Biblioteca Popular do Coque e mediadora de leitura.

Flávia Messias Lucena Melena e Marli Neves Ferreira | Mediadoras de leitura da Biblioteca Comunitária do Lar Meimei.

Neste artigo, refletimos sobre a inserção de bebês em espaços de bibliotecas, particularmente nas bibliotecas comunitárias. Defendemos que novos elementos são agregados à trajetória leitora dos bebês ao participarem de eventos mediados por livros que envolvam a interação com adultos e com outras crianças no espaço da biblioteca. Para abordar este tema, inicialmente trataremos da presença do bebê na biblioteca comunitária e da preparação para sua recepção naqueles ambientes. Em seguida, apresentaremos alguns depoimentos e fragmentos de práticas de leitura com bebês em duas bibliotecas comunitárias: o Lar Meimei e a Biblioteca Popular do Coque.

É o bebê chegado à biblioteca comunitária: acervo, espaço e mediadores preparados?

A recepção de bebês na biblioteca requer alguns cuidados especiais. É preciso disponibilizar um espaço que favoreça o contato com os livros e selecionar acervos que sejam adequados às mediações com os pequenos. Além da ambiência

e dos acervos, também é importante a forma como mediadores programam essa chegada e a acolhida aos bebês.

Quanto aos espaços, sabemos que as bibliotecas comunitárias são, usualmente, locais com pequenas dimensões e que na maioria das vezes dispõem de um único ambiente para realizar suas diferentes atividades¹. Mesmo assim, o ambiente pode ser preparado para receber os pequenos e suas mães ou outro adulto acompanhante. Desse modo, mais do que assegurar um espaço fixo, o que se organiza são “instalações” ou “estações de leitura” (PERROTTI, PIERUCCINNI e CARNELOSSO, 2016) adaptadas às características de leitores na faixa etária entre 0 e 2 anos.



Acervo para bebês da Biblioteca Popular do Coque exposto em tapetes e almofadas.
Fonte: Biblioteca Popular do Coque, 2019.

O que caracteriza essas “instalações” é a garantia de acesso seguro aos livros, dentro das condições de mobilidade de bebês de colo, daqueles que já engatinham ou dos que estão aprendendo a andar e ganhando mais autonomia em seus movimentos. Para tanto, é importante disponibilizar uma variedade de títulos com formatos, tamanhos e características diversas. Na composição desses acervos cabem livros de palavras, de imagens, textos poéticos, narrativas breves e que componham pelo menos dois conjuntos de coleções: livros literários e informativos (CARRASCO, 2012).

Além disso, diferente do que vivenciam em casa e nas creches, ao frequentarem as bibliotecas os bebês têm acesso visual a um conjunto

<1> Fernandez, Machado e Rosa (2018) identificaram que das 143 bibliotecas comunitárias pesquisadas em 45 municípios brasileiros, 55 (38,5%) estavam instaladas em espaços muito pequenos, de até 40 m². Também constataram que no universo pesquisado, 75 (52,4%) bibliotecas concentravam suas atividades em um único espaço, contra 68 (47,6%) que tinham espaços variados.

mais amplo de livros – que estão ocupando estantes e expositores -, e não apenas aqueles selecionados para eles ou que estão à disposição para seu manuseio mais próximo. Desse modo, circulam em um ambiente que é uma “casa de livros” e podem interagir com acervos que não são direcionados, necessariamente, à leitura de bebês. Isso indica que a forma como os livros estão dispostos na estante, a altura das prateleiras e os cantinhos organizados para a leitura são aspectos importantes dessa ambientação, como vemos na foto da biblioteca do Lar Meimei abaixo.

Quanto à composição dos acervos para a bebeteca das bibliotecas comunitárias, é importante lembrar, como sugere a pesquisadora Reyes (2010), que a exploração dos livros pelos bebês inclui, dentre outros aspectos, o desenvolvimento da habilidade de manusear e passar as páginas, colocar na boca e experimentar sensorialmente o objeto. Neste sentido, é importante escolher exemplares em papelão, plástico ou pano e com gramatura de folhas e bordas seguras, para a manipulação das crianças. Porém, na biblioteca é possível também introduzir, de forma segura, livros que desafiem a motricidade,



Ambiente da biblioteca Lar Meimei com livros acessíveis a crianças de até 2 anos.
Fonte: BC Lar Meimei, 2019.

que não foram pensados necessariamente para os menores. Desse modo, na lista elaborada pelas mediadoras do Lar Meimei, consideram-se como livros para bebês obras com diferentes características, desde os que podem ser lidos sem o acompanhamento do adulto até aqueles que precisam dessa intermediação.

Acervo da biblioteca do Lar Meimei

A cama dos sonhos - Lauren Child
Do que eu gosto de mim? Allia Zobel-Nolan
O sapo bocarrão - Keith Faulkner
O ursinho Apavorado - Keith Faulkner
Toque e Explore - Katie Sounders
O Peixinho - Katie Sounders
Mundo Animal - Dorling Kindersley
Tem um lobo no meu quarto - Lauren Child
Meus porquinhos - Audrey Wood
Adivinha quanto eu te amo - Sam Mc Bratney
Não, Marta – Atilas
Papai! - Philippe Corentin
O Grúfalo – Julia Donaldson
Monstro, não me coma! - Carl Norac
O menino e a gaiola – Sonia Junqueira
Noite de cão – Graça Lima
Bruxinha Zuzu - Eva Furnari

É possível, portanto, oferecer várias oportunidades de letramento literário aos bebês, ampliando o que já adquiriram em sua vivência familiar ou no espaço escolar. Eles podem brincar com os livros que foram selecionados para seu manuseio, podem se admirar com os livros expostos nas estantes, podem observar o comportamento de leitores mais experientes, podem convidar um amigo para observar as imagens de forma compartilhada, podem ouvir os barulhinhos ou sentir as texturas presentes em algumas das obras. Podem, ainda, ser envolvidos na organização do espaço, devolvendo livros às estantes ou cestos. Podem fazer suas escolhas dentre os livros expostos no tapete ou localizar no expositor o livro que querem ler...

No entanto, essa experiência leitora pode e deve ser ampliada ainda mais quando mediadores de leitura entram

em cena e mobilizam a imaginação infantil com a leitura em voz alta dos livros, conforme trataremos a seguir.

Lendo com bebês na biblioteca comunitária

A importância da leitura em voz alta para bebês tem sido defendida por muitos estudiosos que apontam para repercussões positivas no desenvolvimento oral, na imaginação, na criatividade, no pensamento simbólico (LÓPEZ, 2016; CARDOSO; SEPÚLVEDA, 2016; REYES, 2010, 2012). Pesquisas também evidenciam que as mediações de leitura com bebês favorecem outras aprendizagens acerca de livros e sobre o que se faz com eles (HAMPEL, 2016).

Ramos e Rosa (2009), por exemplo, coletaram depoimentos de professoras de berçário sobre suas práticas de leitura com bebês e como percebiam os efeitos que essas práticas tinham nos pequenos. Vejamos o que diz a professora Maria Virgínia, que atuava num berçário (para bebês com até 12 meses de idade) em uma creche municipal de Recife:

Percebi que os trava-línguas deixam as crianças bem observadoras, atentas aos movimentos sonoros e gestuais da boca de quem fala. Elas mexem suas bocas, me imitam, olhando para mim, como se quisessem reproduzir aquele turbilhão de rimas que escutam. Fazendo uma relação entre poesias, trava-línguas e movimento, é possível dizer que esses elementos ajudam a criança a se expressar, através de uma linguagem própria dessa faixa de idade, que é antecessora da linguagem verbal e necessária para a aquisição da mesma. (RAMOS e ROSA, 2009, p. 100)

Em estudo recente, Ferreira e Rosa (2019) também identificaram alguns sinais de participação nos pequenos leitores de uma creche (com bebês de 12 a 24 meses), que se expressam em gestos, vocalizações e emoções durante as situações de leitura compartilhada. Nas observações de sessões de leitura foram registrados movimentos nos braços, tentando pegar nas imagens, pulos e danças, vocalizações e gritinhos que acompanhavam os sons e entonações da voz da professora enquanto lia em voz alta, além de sorrisos, demonstrações de espanto ou outra emoção sintonizada com o conteúdo do livro lido. Essas diferentes for-

mas de participação dos bebês, quando acompanhadas e interpretadas pelos adultos que atuam como mediadores, resultam em aprendizagens que antecipam comportamentos que se observam, mais adiante, em leitores autônomos.

E na biblioteca, como é a participação dos bebês em momentos de leitura compartilhada? Identificamos pelo menos dois modos de ler que integram as práticas vivenciadas nas bibliotecas comunitárias Lar Meimei e na Biblioteca Popular do Coque, conforme apresentaremos a seguir.

Entrando na roda...

No modo como se configuram as bibliotecas na atualidade, elas se constituem em ambientes que favorecem a realização de mediações de leitura compartilhada. Isso ocorre também nas bibliotecas comunitárias, onde ler em voz alta para grupos de crianças é uma prática que caracteriza as intervenções cotidianas naqueles espaços². Quando se trata de realizar encontros de leitura compartilhada com bebês, alguns desafios se colocam. Vejamos o que dizem a esse respeito as mediadoras do Lar Meimei:

É um desafio manter a atenção das crianças na história, por isso sempre iniciamos com músicas, conversas, instrumentos musicais e objetos que estimulem a curiosidade para tocar e até morder os livros. Investimos em 'livros brinquedos' que a cada virada de página trazem uma emoção diferente. As crianças, quando chegam à biblioteca, ficam felizes e pegam mais de um livro para manusear e mostrar a imagem ao outro colega, repetindo a maneira que eu faço com elas. (Flávia Malena)

É um sentimento diferente para cada turma: no início as crianças não me querem por perto, choram bastante e não querem ouvir as histórias. Com a continuidade, elas vão se acostumando com minha presença e começam a confiar e passam a interagir nas mediações. Percebo que a música, os sons, os fantoches

<2> Na pesquisa conduzida por Fernandez, Machado e Rosa (2018), já mencionada acima, os momentos de leitura compartilhada em bibliotecas comunitárias foram indicados como: sessões de contação de histórias com apoio de livros (131, ou seja, 91,6%) e rodas de leitura em voz alta de livros (101, ou seja, 70,6%). Nesta listagem também apareceram as rodas de história, sem a presença de livros (96, ou seja, 67,1%) e o recital ou sarau poético (87, ou seja, 60,8%).

são artifícios que auxiliam muito a mantê-los atentos do início ao fim. (Marli Ferreira)

Na sequência de imagens, a seguir, vemos a mediadora Flávia Malena com um grupo de crianças de 2 anos de idade, lendo juntos o livro *O Grúfalo*, de Julia Donaldson, ilustrado por Axel Scheffler. Nessa roda, além do livro e da voz da mediadora, também foram apresentadas imagens ampliadas de partes do livro em forma de círculos, o que permitiu que o grupo visualizasse melhor as imagens durante a leitura.

Roda de leitura na biblioteca comunitária Lar Meimei, com a mediação de Flávia Malena
Fonte: BC Lar Meimei, 2019.



A sequência de cenas capturada nas fotos evidencia que a roda de leitura envolveu não apenas o olhar atento ao livro e à mediadora, mas diferentes movimentações das crianças, que ora se aproximaram para olhar de perto uma imagem, ora se levantaram para tocar no livro, mudando a cada momento a configuração original da roda. Nas imagens, vemos os garotos Alisson e Almir, ambos de 2 anos, demonstrando intenso interesse em “pegar na história” e experimentar as imagens contidas no livro. Eles apontam para as imagens, ajudam a passar as páginas, enquanto escutam a leitura em voz alta. Toda essa movimentação aparentemente não interrompe a sessão de leitura, conduzida com tranquilidade por Flávia, que acolhe essas reconfigurações como parte do jeito de ler de crianças pequenas.

As repercussões dessa prática na vida das crianças são percebidas pela mãe de Odara (2 anos e 2 meses), também frequentadora da biblioteca do Lar Meimei, quando relata:

Acho de fundamental importância o contato das crianças com livros e com a biblioteca. Fico feliz que minha filha tenha a oportunidade de experienciar isso desde tão cedo e grata ao Lar Meimei pela iniciativa de promover esse contato delas com os livros.

Ao receber as fotos de Odara na biblioteca folheando livros ao lado dos amigos, esses sentimentos mais uma vez vieram à tona, profunda felicidade e gratidão. Vejo que de uns tempos pra cá ela não amassa mais as páginas, folheia com mais atenção os desenhos, cita o que vê, cores, animais, árvores etc... Também percebo que ela vem desenvolvendo a fala com muita rapidez.

Aos 2 anos e 2 meses ela já se comunica muito bem, pedindo coisas das quais precisa, falando o que quer e o que não quer fazer, mas o que também tem me chamado atenção é o fato dela empregar o plural. Acredito que se deva à leitura, já que no dia a dia, comumente não temos tanto cuidado ou tanta necessidade de pronunciar as palavras tão corretamente, com formalidade, porém, quando lemos, o fazemos.

(Marlene Muniz Silva, 33 anos, assistente social, mãe do Zion e da Odara)

Lendo no colo...

A leitura com bebês na biblioteca comunitária também pode ser realizada num modelo em que estejam presentes apenas o bebê e seu mediador ou mediadora. Nestes casos, as famílias também são convidadas a realizarem a leitura para seus bebês.

O depoimento de Betânia, mediadora da Biblioteca Popular do Coque, evidencia quais as motivações e possibilidades que esse tipo de situação propicia. Vejamos como ela descreve o projeto “Mediação de Histórias para bebês”, desenvolvido já há alguns anos na biblioteca:

A Contação de histórias para bebês me despertou porque a quantidade de mães grávidas na comunidade é muito grande e de idade muito precoce. São mães na idade de 13 a 17 anos, numa idade em que elas deveriam estar na escola e na formação dos desejos e anseios. Com isso, a chegada desse bebê torna-se um evento muito forte na vida delas, que dizem que pensavam que seria mais fácil lidar com a maternidade.

Observando isso, meu projeto vem para ajudar essas mães a lidar melhor com essa nova vida, tendo como meio o primeiro contato de mães e bebês com o livro. Sendo assim, as atividades realizadas consistem em um primeiro momento, em que sentamos com elas e os filhos, colocamos os livros no tapete para que todas tenham a maior intimidade com o livro a ser escolhido por elas.

Sabemos o quanto é importante a leitura para os primeiros anos de vida do bebê e percebe-se que quando o livro é aberto na sua frente, o bebê identifica as ilustrações de uma maneira muito mágica: seus olhos fazem um passeio por todo o livro lhe proporcionando risos e expressões no rosto de prazer; aos poucos as histórias vão criando tom de voz, som, mímica, música e apropriação com a literatura lúdica e imaginária. Com o tempo, esse bebê, ao abrir o livro, seus olhos se direcionam para as ilustrações, atentam para a voz da mãe e como parte dessa interação começa a balbuciar sons e palavras. São vários os indícios de que o bebê começa a participar da mediação de leitura: ele grita,

mexe os dedos, braços, e todo seu corpo acompanha as histórias. Oriento as mães para que a mediação seja feita de maneira bem calma, com voz baixa e que prestem atenção para poder sentir o bebê e analisar o olhar dele para o livro. É muito importante que o bebê fique no colo da mãe e o livro na frente do bebê e que a mãe converse sempre com o bebê de maneira bem descontraída para que ele tenha toda atenção voltada para a leitura e o livro.

A leitura e a mediação construídas junto com a música, a dança, movimentos de integração com as mães têm um resultado de aconchego e aproximação com quem essa criança tenha contato no seu ambiente. O resultado dessa experiência aproxima a mãe do bebê e da leitura logo cedo, pois esse contato com a literatura nos primeiros meses de vida tem uma importância no seu desenvolvimento cognitivo, sonoro, visual, e isso proporciona um melhor desenvolvimento no letramento futuro.

Nesse momento vemos como a literatura, entendida como direito humano, provoca reações e pode ser mobilizada desde muito cedo, em práticas regulares mediadas por adultos.

Na sequência de imagens a seguir vemos Betânia e Tauana, mãe da pequena Thyanne Vitória, de 11 meses, compartilhando leituras na biblioteca. Nesses encontros, mediadoras e bebê olham juntas as imagens, a bebê ouve a leitura, permanece atenta às imagens, tenta mudar as páginas, pega no livro.



Betânia e Tauana leem para a pequena Thyanne Vitória, de 11 meses.
Fonte: Biblioteca Popular do Coque, 2019.

Por fim, o depoimento de Cilene, outra mãe que frequenta a Biblioteca Popular do Coque, também agrega elementos sobre a presença de bebês na biblioteca e seus impactos:

Bom, pra começar me chamo Cilene Gomes Alves, minha filha se chama Milena Gomes de Matos.

Milena nasceu dia 13/06/13, prematura, de parto cesariano. Eu, como mãe, sempre me preocupei com o desenvolvimento dela e acompanhava pela internet o seu desenvolvimento, se era de uma criança normal, pois a gestação foi bem complicada. Gostava de conversar sempre com ela, cantar pra ela e percebia que ela gostava porque ela ficava atentamente ouvindo cada palavra que eu falava. Daí comecei a ler para ela. Ainda muito bebezinha, ela se tornou um bebê dócil. Não chorava, era carinhosa porque eu sempre estava lá conversando, lendo, cantando pra ela.

Bom, Milena começou a reconhecer os animais, a natureza, ainda bebezinha. Passei a frequentar com ela a biblioteca que era na rua da minha casa e lá eu tinha acesso a livros que ela podia tocar, sentir, ouvir sons, já que tinha livros para reconhecimento dos animais. Eles tinham sons do patinho, do cachorro. Quando ela apertava, saía o som e ela ficava encantada com o olhinho aberto cheia de sorrisos no rosto com o novo mundo que ela estava conhecendo. Eram livros direcionados a bebês e ela pegava o livro e, da forma dela,

ela se comunicava comigo, apontando para as figuras.

Na biblioteca, Betânia me orientava sobre quais livros levar emprestado para casa para a faixa etária dela. Separava os livros numa pastinha para que eu pudesse levar pra casa; sempre quando chegavam livros novos ela me indicava.

Quando veio as primeiras palavras, Milena pronunciava os nomes das imagens que ela via nos livros corretamente. Nunca falou uma palavra errada. Quando eu a levava para a biblioteca, ela escolhia os livros que eu já havia contado as histórias pra ela, porque em casa ela queria ler eles para eu ouvir da forma dela e claro, ela resumia as histórias. Eu ficava encantada com tudo que estava acontecendo na vida de Milena.

Hoje Milena está com 5 anos; já começou a ler e continua com seu amor pela leitura e pelos livros. Na escola, a professora fala que ela é uma criança bem inteligente e obediente; só gosta de conversar muito (kkk, filha única!). Ela pede todos os dias para eu ou o pai contar histórias pra ela. Ela vai no quarto, escolhe o livro e traz para a gente ler, e antes de dormir também. Ela continua a mesma e sempre para pra ouvir atentamente as histórias de um mundo mágico que os livros nos levam a encontrar.

A biblioteca comunitária é, portanto, um lugar que cria ambientes, disponibiliza acervos, promove encontros com livros e histórias, acolhe os diferentes gestos e modos de ler dos bebês. Na biblioteca, bebês compartilham leituras com diferentes adultos e com seus pares. E, como bem disse Cilene, mãe de Milena, o amor pela leitura e pelos livros pode começar numa biblioteca. &

Referências

CARDOSO, Beatriz; SEPÚLVEDA, Angélica. Entrar na cultura escrita pela porta da literatura infantil: reflexões a partir da pesquisa sobre a compreensão e os usos dos materiais educativos. In: Brasil. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Literatura na educação infantil: acervos, espaços e mediações** / Monica Correia Baptista ... [et al.], org. – Brasília: MEC, 2015. p.81-107.

CARRASCO, Alma. Escuelas y construcción de acervos: libros de calidad para la primera infancia. BATISTA, M. (Org.) **Literatura na Educação Infantil: acervos, espaços e mediações**. Disponível em: <<https://goo.gl/hr.YFxo>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. **O Brasil que lê: bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. – Olinda : CCLF ; São Paulo : IC&A ; Brasil : RNBC, 2018.

FERREIRA, Lourdiana C.; ROSA, Ester C. S. **Práticas de Leitura Literária com Bebês no CMEI Professor Paulo Rosas**. Trabalho de Conclusão de Curso. Pedagogia, UFPE, 2019.

HAMPEL, Letícia Carla dos Santos Melo. **Os bebês, a professora e os livros de literatura: reflexões sobre a mediação da leitura no berçário**. Recife, 2016. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco.

LÓPEZ, Maria Emília. **Bebês como leitores e autores** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – 1.ed. – Brasília: MEC / SEB, 2016.

LÓPEZ, Maria Emília. A emancipação dos bebês leitores – o pequeno leitor emancipado. In: **Caderno Emília**. N,1, 2018.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINNI, Ivete; CARNELOSSO, R.M. Os espaços do livro nas instituições de educação infantil. In: BRASIL. **Livros infantis: acervos, espaços e mediações**. (Coleção Leitura e Escrita na Educação Infantil, vol. 8). MEC/SEB, Brasília, 2016.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

RAMOS, Tacyana e ROSA, Ester C.S. **Os saberes e as falas de bebês e suas professoras**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária, Leitura e Literatura na primeira infância** – 1ªed. – São Paulo: Global Editora, 2010.

_____. **Ler e brincar, tecer e cantar** – Literatura, escrita e educação – São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

Literatura para surdos: como e por onde começar?

Wilma Pastor de Andrade Sousa

O objetivo principal deste artigo é discutir acerca do acesso à literatura pelas pessoas surdas. Inicialmente vamos refletir um pouco sobre o processo de aprendizagem da leitura e, posteriormente, discutiremos como esse acesso acontece. Pensar nesse tema, para esse público específico, pode parecer desafiador, já que a formação de leitores conscientes, críticos e autores na construção do seu próprio conhecimento parece algo distante dessas pessoas que, no caso dos surdos brasileiros, têm a Língua Portuguesa como segunda língua.

É importante ressaltar que diversas pesquisas relacionadas à leitura e à surdez afirmam que não existe nenhuma incapacidade ou inabilidade cognitiva no surdo para a compreensão leitora. Esses estudos apontam, ainda, como um dos problemas centrais para a dificuldade apresentada durante a leitura a falta de ensinamento aos leitores surdos de como interpretar textos utilizando estratégias metacognitivas. Sem dúvida, o acesso à literatura configura-se como um verdadeiro desafio para as pessoas surdas em função de esses sujeitos, na sua maioria, só terem acesso à literatura em línguas orais, e, muitas vezes, sem uma tradução para a língua de sinais.

De acordo com Botelho (2002), os indivíduos surdos se deparam com inúmeros obstáculos no processo de formação e constituição como sujeitos leitores. Um dos motivos que justifica essa dificuldade é o fato de a Língua Portuguesa ser organizada por correspondências grafofônicas. Assim, a falta de integridade na audição leva esses sujeitos a desenvolverem um processo de aprendizagem da leitura por meio de um percurso visual, diferente do sujeito ouvinte, para quem a leitura acontece pelo som.

Logo, o acesso à literatura, como produção escrita, representa um desafio a esses indivíduos. Entretanto, Candido (1977) defende que a fabulação é natural ao homem, e isso independe de classe social ou nível de letramento. Trata-se de

uma questão de direitos humanos. O acesso à literatura pelas pessoas surdas tem sido pouco discutido; além disso, as ações favorecedoras do processo de letramento literário ainda são poucas.

Dentre as muitas inquietações que temos a respeito dessa temática, destacamos duas: como realizar a mediação literária com estudantes surdos? Por onde devemos começar? Em pesquisa feita com adultos surdos sobre a experiência com literatura, os dados nos mostraram que, em geral, eles não têm uma boa prática.

Melo (2016) investigou as trajetórias de leitores surdos adultos e as obras literárias em Língua Portuguesa. Participaram desse estudo três surdos adultos usuários da Língua Brasileira de Sinais - Libras. A autora constatou que os sujeitos participantes tinham maior aproximação com a literatura surda do que com a literatura em Língua Portuguesa. Sobre a existência de momentos de leituras e contações de histórias na escola, uma das participantes falou que aconteciam em sua

Sobre a autora

Professora do Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais (DPOE) e membro do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

rotina sim, mas que ela não entendia nada. A falta de compreensão durante a contação de histórias justifica o alto número de pessoas surdas que têm total aversão à leitura. Esse tipo de experiência também foi vivenciado por todos os sujeitos, em grande parte de suas trajetórias escolares, nas salas regulares pelas quais passaram.

A pesquisa de Melo (2016) também mostra que um dos elementos que dificultaram o acesso das pessoas surdas à leitura de obras literárias em Língua Portuguesa foi a predominância da oralidade como recurso de comunicação durante as mediações literárias, tais como: leituras, contações e conversas sobre as obras. Entretanto, o uso da Libras nas mediações literárias mostrou-se como elemento facilitador ao acesso à leitura de obras literárias em Língua Portuguesa. É sabido que a Libras facilita não apenas o acesso aos conteúdos das obras, mas também às conversas sobre elas. Outro elemento apontado como facilitador nesse acesso foi a presença de ilustrações nas obras. De acordo com os sujeitos participantes, a imagem exerceu forte contribuição na compreensão dos textos lidos.

A partir dessa pesquisa temos pistas de como trabalhar literatura com estudantes surdos. O primeiro passo é, sem dúvida, utilizar a Libras no momento da mediação, ou seja, discutir e conversar sobre a obra de forma acessível, para que desperte no público o desejo pela leitura e a curiosidade. É justamente isso que a professora Isabela Gomes, participante de uma pesquisa que estamos desenvolvendo sobre letramento literário em salas bilíngues para surdos na cidade do Recife, está fazendo na imagem a seguir.

A professora Isabela Gomes fez uma roda de diálogo, conversou com os estudantes sobre um livro e, em seguida, fez a contação da história em Libras. Após esse momento, ela apresentou o livro e contou a história, sempre usando a Libras como língua de instrução. Essa estratégia, já apontada como um elemento facilitador, possibilita que no momento da contação as crianças possam acompanhar a história e mergulhar no imaginário. Diferente de o professor iniciar uma mediação sem comentar nada da história ou fazer isso apenas usando a língua oral.

O blog “Mãos Aventureiras”, idealizado pela professora surda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Carolina Hessel, tem como objetivo apresentar em Libras vários livros infantis. A mediação feita por ela em Libras tem despertado o interesse não apenas das crianças surdas, mas também da Comunidade Surda em geral, de conhecer os livros por ela apresentados, aventurando-se no mundo da literatura.

A imagem na página ao lado mostra a professora Carolina Hessel em um momento de contação de história apresentado em um de seus vídeos. É importante ressaltar a estratégia usada por ela para mostrar o livro, ou seja, a posição em que ela segura o livro durante a apresentação, próximo ao rosto e ao espaço em que está fazendo o nome do livro por meio do alfabeto manual. Isso faz com que a pessoa surda visualize ao mesmo tempo a informação na Libras e na Língua Portuguesa.

Em seguida, à medida que ela vai narrando a história em Libras, ela apresenta as ilustrações do livro. Isso instiga nos estudantes o desejo de querer pegar no livro, explorar as imagens e, conseqüentemente, ler a história contada.

Diversos surdos relatam que o texto escrito é frio para uma pessoa que não domina a língua; já na Libras, a pessoa surda sente a emoção no momento em que está sendo narrada a história. Essa emoção durante a leitura do texto em Língua Portuguesa também é possível se a pessoa conhecer a história na sua língua, a de sinais, para no momento da leitura lembrar-se da narrativa em Libras. É



Conversando sobre uma história que irá contar.
Fonte: A autora, 2019.

Digitação do nome do livro por meio do alfabeto manual. Fonte: <https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/>



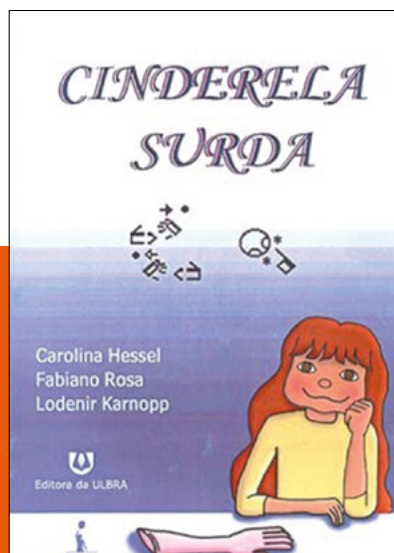
Contando história em Libras / Mostrando as imagens do livro "Gildo" durante a contação. Fonte: <https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/gildo-2/>

essa emoção que acontece com muitas pessoas surdas que assistem aos vídeos da professora Carolina.

Outro aspecto importante quando se trata do desafio de "por onde começar" a proporcionar literatura para surdos é investir na formação de leitores por meio da literatura em língua de sinais, ou literatura surda, como é conhecida. Ao pensar na formação de leitores surdos, é importante discutir algumas produções da comunidade surda e verificar as formas subjetivas e culturais que o texto literário pode apresentar.

Nessa direção, temos a imagem, por exemplo, do livro "Cinderela Surda" (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003).

Primeiro livro de literatura infantil do Brasil escrito em língua de sinais. Fonte: <https://escritadesinais.files.wordpress.com/2010/08/cinderela-surda.jpg>



Ele foi o primeiro livro de literatura infantil do Brasil escrito em língua de sinais. Trata-se de uma versão do tradicional conto que insere elementos da cultura e identidade surdas. Ao invés de perder o sapato de cristal, a cinderela que, assim como o príncipe, é surda, perde a luva. A perda desse acessório não é sem sentido, já que se trata de um elemento identitário da cultura surda.

É importante pontuar que a adaptação e a inserção de personagens surdos nas narrativas aproximam mais ainda os surdos da literatura, já que essas adaptações estabelecem uma relação de identificação entre a pessoa surda e as personagens, além de atuar sobre seu imaginário.

Portanto, retomando nossos questionamentos: como realizar a mediação literária com estudantes surdos? Por

onde devemos começar? Concluímos que é imprescindível o uso da língua de sinais no trabalho de letramento literário com estudantes surdos. Este deve ser o primeiro passo, já respondendo ao segundo questionamento: fazer uso da língua de sinais no momento de conversa sobre a obra, bem como de contação da história. Além disso, o uso de imagens e de expressões corporais também ajuda, já que o contexto poderá ser mais bem compreendido. Além disso, inserir no acervo das bibliotecas comunitárias, da escola e ou do cantinho da leitura na sala de aula obras que tenham personagens surdos, para que seja despertado nos alunos o interesse de conhecer a obra e, assim, ter o contato com a Língua Portuguesa. Outro recurso muito utilizado na releitura é o teatro envolvendo os estudantes. &

Referências

- BOTELHO, P. Surdez, leitura e escrita. In: **Linguagem e letramento na educação de surdos: Ideologias e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, pp. 61-102.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. **Cinderela surda**. Canoas. Ed. ULBRA, 2005.
- MELO, J. F.B.; **Trajatórias de leitores: o adulto surdo bilíngue e as obras literárias escritas em língua portuguesa**. (TCC) Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

POR UM
PAÍS DE
LEITORES

Entre vistas





Izabel Concessa Alencar Arrais é atriz, diretora e professora do Departamento de Artes do Centro de Artes e Comunicação da UFPE. É apaixonada por teatro, sobretudo, pelo teatro de animação. Leciona as disciplinas *Teatro de Formas animadas*, *História do Teatro de Bonecos* e *Teatro para a Infância e a Juventude* no Curso de Licenciatura em Teatro.

Izabel Concessa: Não cresci mais. De lá até cá, continuo como criança: “brincando”, como dizem os mamulengueiros...

Entrevista por
Marcus Flávio da Silva

Como foi o seu encontro com o teatro de bonecos?

Nunca o procurei. Ele veio ao meu encontro. Eu fazia teatro humano (uso esta expressão para diferenciar o teatro feito pelo ator de carne e osso do teatro feito por atores-objetos) quando fui convidada a trabalhar com bonecos. Eu começava (ora, vejam!), no fim da adolescência, as minhas primeiras “brincadeiras” de bonecos. “Brincadeira”, como diz o artista popular no lugar de espetáculo. O local era o Centro de Comunicação Social do Nordeste – CECOSNE, onde funcionava o Teatroneco, grupo profissional de teatro de bonecos, fundado em 1969 pelo escritor, pesquisador e homem de teatro Hermilo Borba Filho e por Madre Armia Escobar Duarte, religiosa dedicada à educação através da arte. Fiel ao pensamento do seu criador, que buscava construir um teatro nordestino baseado nos folguedos populares, o Teatroneco, embora explorando diferentes tipos de teatro de bonecos, tinha como linha mestra a pesquisa e a recriação dos espetáculos de mamulengo, forma de teatro de bonecos popular do Nordeste. Lá conheci os bonecos. Lá fui arrebatada por eles. Num país onde não havia (e ainda não há) um local de formação profissional em teatro de animação, o CECOSNE foi um centro de formação para mim e para muitos artistas bonequeiros. Lá aprendi o primeiro gesto, o primeiro movimento, a primeira fala. Construí meu primeiro boneco. Li o primeiro livro: “Fisionomia e espírito do mamulengo”, um clássico, de Hermilo Borba Filho. Não

cresci mais. De lá até cá, continuo como criança: “brincando”, como dizem os mamulengueiros...

Quais são as diferenças e semelhanças entre o mamulengo, o teatro de sombras, a marionete e o teatro de objetos?

Melhor começar dizendo que todos esses termos se referem a formas de teatro pertencentes ao chamado “Teatro de Animação” ou “Teatro de Formas Animadas”, constituído por três gêneros específicos: o teatro de máscaras, o teatro de bonecos e o teatro de objetos. Agrupam-se sob a mesma nomenclatura porque, nesses gêneros de teatro, imagens e objetos inanimados representam personagens que ganham vida ao serem movimentados por meio da manipulação do ator-animador. Portanto, os bonecos, quando animados, deixam de ser meros objetos e adquirem *anima*, ou seja, alma, vida.

O teatro de sombras, a marionete e o mamulengo pertencem ao gênero “Teatro de Bonecos”. O teatro de sombras possui uma característica que o distingue dos outros tipos de teatro de bonecos, pois não é o boneco que aparece em cena e, sim, a sua sombra. Nele três elementos básicos são necessários: uma tela, que permita a passagem da luz, sobre a qual incidirá a sombra; uma fonte de luz; um objeto bidimensional ou tridimensional animado pelo ator-manipulador e interposto entre a tela e a fonte de luz. A marionete é um boneco manipulado por meio de fios fixados em pontos estratégicos do corpo do boneco, permitindo que ele faça os movimentos desejados e,

na outra extremidade, há uma estrutura de madeira denominada “controle” ou “avião”. Na França, a palavra *marionnette* é utilizada para designar o teatro de bonecos em geral, e não para designar a técnica de manipulação em fios, como no Brasil e em outros países. Atualmente, no Brasil, já se percebe uma tendência para o uso desse termo como sinônimo de teatro de bonecos, mas ainda não é um uso generalizado.

O mamulengo é uma forma de teatro de bonecos popular do Nordeste brasileiro. Não se trata de uma técnica de manipulação, como no caso da marionete, mas, sim, de uma forma singular de teatro de bonecos nascida no Brasil e que apresenta espírito dramático e características próprias. É um teatro feito por artistas populares, com temas e personagens que representam a vida do homem do povo do Nordeste.

Finalmente, o Teatro de Objetos representa um gênero do teatro de animação em que os personagens não são representados por bonecos, mas por objetos do cotidiano, objetos que não foram construídos para a cena, mas que, sem sofrer alteração na sua forma original, atuam na cena adquirindo novos significados. Um leque, por exemplo, por associação de ideias, pode representar uma mulher, uma gravata pode representar um homem, um ventilador pode atuar como um jornalista.

Quais as potencialidades do teatro de formas animadas para as séries iniciais?

O conhecimento adquirido pelas crianças, na faixa etária correspondente às séries iniciais, é apreendido, principalmente, por meio do brincar. É por meio do brincar que elas se comunicam e expressam seus desejos, seus sentimentos e sua compreensão sobre o mundo e sobre as relações que ocorrem dentro dele. A escola deve proporcionar à criança oportunidade e espaço para a livre expressão. É função do professor organizar e promover na escola as atividades lúdicas e artístico-pedagógicas. E o teatro de animação deve estar presente no planejamento dessas atividades para as séries iniciais, pelo potencial que apresenta para a formação e o desenvolvimento da criança.

O teatro de animação, e nele, sobretudo, o teatro de bonecos, atua como elemento facilitador na relação da criança com o mundo. O teatro de bonecos está muito próximo do universo do faz-de-conta da criança, em que qualquer objeto pode se transformar em personagens vivos que atuam em inúmeras histórias. A criança reconhece de imediato no boneco o seu mundo próprio, lúdico e imaginário, transportando para dentro dele todas as sensações, percepções e sentimentos vivenciados no mundo real. Junto ao boneco a criança se sente tão confiante que revela seus mais íntimos sentimentos, seus segredos e acontecimentos ligados a ela e aos que dela estão próximos.

Na atividade dramática com bonecos, tanto assistindo como representando, a criança amplia sua capacidade de atenção e concentração. Também favo-

rece a empatia, quando as crianças acompanham as situações vividas pelas personagens, envolvendo-se nos seus conflitos e sentimentos, identificando-se com elas, muitas vezes torcendo contra ou a favor. O boneco favorece a comunicação do adulto com a criança e também permite que a criança se expresse por meio dele, revelando seus medos, conflitos, alegrias, incertezas, curiosidades. A criança vivencia papéis sociais através das brincadeiras e dramatizações com bonecos e também reconhece a sua própria identidade.

O teatro de bonecos, interagindo de forma lúdica com a criança, pode ajudá-la a compreender o lugar do outro, favorecendo a adoção de atitudes inclusivas e o respeito às diferenças, porque pode aproximar as crianças de personagens de etnias, culturas e condições físicas e sociais diversas, materializando esses personagens. O boneco estimula o desenvolvimento do senso estético, da imaginação, da criatividade e da cognição, porque faz parte do mundo da criança e facilmente interage com ela. Por meio do boneco a aprendizagem acontece de modo mais afetivo e social.

Que relações você estabelece entre o letramento e o teatro de formas animadas?

Compreendendo o letramento não apenas como alfabetização, mas de uma forma mais ampla, como a capacidade de ler o mundo, de compreender os contextos e de expressar-se sobre eles, podemos dizer que o teatro de animação favorece muito o letramento. Favorece na medida em que estimula as práticas sociais, na medida em que estimula o diálogo, a conversação, a observação e a escuta. O teatro não é uma arte solitária, mas coletiva. Realizado em grupo e compartilhado em grupo. O boneco funciona como um elemento facilitador e estimulador da comunicação, pois a criança ouve e fala para o boneco ou pelo boneco. E os bonecos ouvem, falam e interagem uns com os outros e com a plateia.

O boneco abre espaços de comunicação na sua relação com a criança. As situações vividas através das dramatizações e os diálogos a elas pertinentes ampliam o repertório de temas e o vocabulário das crianças, que aprendem associando as palavras ao seu contexto.

Como fruidora, mesmo aquela criança ainda não alfabetizada, pode “ler” o espetáculo escutando o texto falado e gestualizado, interpretando os seus sentidos. Ouvir o texto falado em entonações, alturas e ritmos diferentes, a partir da interpretação dos personagens, dá sentidos diferenciados às palavras. O espetáculo, reproduzindo em imagens, gestos, sons, formas e cores o texto falado, está ampliando o conhecimento do texto e fortalecendo a sua compreensão. Ler é buscar sentido. Portanto, interpretar as diferentes situações dramáticas, compreendendo o que acontece e se posicionando, favorece a construção do pensamento com consequências para o aprendizado da leitura e da escrita.

Já como realizadora da atividade dramática com bonecos, a criança cria seu próprio texto ao mesmo tempo em que constrói ações para os personagens, partituras de

gestos e movimentos coerentes com o texto falado, imprimindo sentido à dramatização, confrontando personagens em linguagens verbais e não verbais. Experimenta o vocabulário, brinca com as palavras, identifica e amplia seus sentidos. Incorpora às histórias dramatizadas situações por ela vividas no seu cotidiano. E vivencia tudo isso num processo compartilhado com outras crianças e com a mediação do professor. Por fim, num processo mais avançado, constrói o boneco, cria a história, escreve o texto e realiza o espetáculo.

Quais são as suas referências no universo do teatro de bonecos/formas animadas em âmbito local, nacional e internacional?

No plano local não posso deixar de citar os mestres mamulengueiros, como o mestre Miro, da cidade de Carpina, os mestres Zé Lopes e Zé de Vina, da cidade de Glória de Góitá, e tantos outros, que com sua arte divertem e encantam públicos de todas as idades. Outra referência, de caráter erudito, porém com base na tradição, é o Mamulengo Só-Riso, grupo de teatro de bonecos fundado em Olinda, em 1975, pelos atores-bonequeiros Fernando Augusto Santos, Nilson de Moura e Maurício Carvalheira. O grupo dedica-se à pesquisa do mamulengo e à criação de espetáculos baseados nesse “brinquedo”, mantendo a sua essência e o seu espírito popular, mas recriando-o na forma, conferindo-lhe sofisticação estética.

No plano nacional devo mencionar o grupo Giramundo, que considero a

referência mais importante, pela sua trajetória e permanência no cenário teatral brasileiro, desde 1970, quando foi criado, em Belo Horizonte – MG, pelos professores-artistas Álvaro Apocalypse, Tereza Velozo e Madu Martins. Hoje, o grupo está sediado num espaço que funciona como museu, teatro e escola, local que abriga cerca de 1.500 bonecos oriundos de 36 espetáculos produzidos ao longo de sua trajetória, apresenta espetáculos e forma bonequeiros. A preocupação com a formação sempre esteve presente. Como jovem bonequeira em processo de formação, tive a satisfação de vivenciar uma oficina de criação chamada “Som, Forma e Movimento”, ministrada pelo grupo e participar do espetáculo “Massa Corrida”, dirigido por Álvaro Apocalypse. Esse trabalho foi realizado no “Teatro de Bolso”, no Leblon, Rio de Janeiro, alugado pelo Serviço Nacional de Teatro – SNT – para uso exclusivo do teatro de animação, que florescia no Brasil na década de 80. O Giramundo, elevando a arte do boneco a um alto nível de sofisticação técnica e artística, influenciou vários grupos, tornando-se referência para gerações de alunos e artistas bonequeiros.

No plano internacional tenho que mencionar os inesquecíveis Muppets, bonecos criados pelo bonequeiro norte-americano Jim Henson, na década de 1960, que tem encantado gerações. Quem não se lembra do sapo Caco e dos irmãos Ênio e Beto da Vila Sésamo? E da famosa porquinha Senhorita Piggy? Todos até hoje vivos e atuantes em filmes e programas de televisão.

O que se faz necessário para introduzir o trabalho de teatro de formas animadas nas escolas?

Em primeiro lugar creio que os professores devem estimular o interesse dos alunos pelo teatro de animação, oferecendo-lhes a oportunidade de assistir a filmes, a programas e a peças de teatro construídos dentro dessa linguagem. Uma vez estimulados e conhecendo a diversidade do teatro de animação, os alunos estarão mais receptivos à ideia de expressarem-se explorando essa linguagem e curiosos acerca das suas técnicas e modos de fazer. A partir daí o professor deve organizar aulas de construção de bonecos com materiais de fácil acesso e simples utilização, construindo bonecos simples, de

Personagem do espetáculo *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, dirigido por Álvaro Apocalypse, do grupo **Giramundo** (BH).





Cenas do espetáculo
O Senhor dos Sonhos,
da Cia Truks (SP).

acordo com as possibilidades construtivas da faixa etária com a qual está trabalhando. Os alunos sentirão prazer em construir seus próprios bonecos ou máscaras, mas, se isso não for possível, o professor pode começar oferecendo bonecos prontos para serem manipulados. A criação de personagens e de histórias, representadas com bonecos, máscaras ou objetos, deve ser proposta a partir de diversas formas, desde o jogo dramático até a criação de cenas e pequenos espetáculos. Mas o que se faz necessário mesmo para a introdução do teatro de formas animadas nas escolas é o reconhecimento do professor de que esta é uma linguagem rica e extremamente prazerosa, que traz infinitas possibilidades de expressão artística para os alunos e que, por isso, precisa estar presente no planejamento do professor. E, para isso, se faz necessário que o professor se interesse por conhecer essa linguagem, aproxime-se dela, pesquise-a e adquira os conhecimentos básicos para utilizá-la em sala de aula.

Liste os materiais (livros, revistas, DVD's entre outros) que possam auxiliar o trabalho em sala de aula com o teatro de formas animadas.

- AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Formas Animadas: máscaras, bonecos, objetos*. São Paulo: Edusp, 1991.
- _____. *O ator e seus duplos: máscaras, bonecos, objetos*. 2.ed. São Paulo: SENAC, 2004.
- _____. *Teatro de Animação: da teoria à prática*. São Paulo: FAPESP; Ateliê, 1997.
- BALARDIM, Paulo. *Relações de vida e morte no teatro de animação*. Porto Alegre: Edição do autor, 2004.
- BELTRAME, Valmor Nini (Org.) *Teatro de Sombras: técnica e linguagem*. Florianópolis: UDESC, 2005.
- _____. (Org.) *Teatro de Bonecos: distintos olhares sobre teoria e prática*. Florianópolis: UDESC, 2008.
- BORBA FILHO, Hermilo. *Fisionomia e espírito do mamulengo*. Rio de Janeiro: Inacen, 1987.
- FERREIRA, Idalina Ladeira e CALDAS, Sarah P. Souza. *Fantoches e Cia*. São Paulo: Scipione, 1993.
- MACHADO, Maria Clara. *Como fazer teatrinho de bonecos*. São Paulo: Agir, 1970.
- MAMULENGO. Revista da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. Rio de Janeiro: SNT/ INACEN, 1973-1982.
- MÓIN-MÓIN: revista de estudos sobre teatro de formas animadas. Jaraguá do Sul: SCAR/EDUSC, 2005. Anual. ISSN 1809-1385.
- OBRY, Olga. *O teatro na escola*. São Paulo: Melhoramentos, [195-]. &

Terezinha Gonzaga:

artesaã da arte do barro que sonhou modelando a Biblioteca Comunitária do Alto do Moura

Entrevista por
Emília Lins



A artesã **Terezinha Gonzaga** (Terezinha Gonçalves Simões) nasceu em 24 de outubro de 1962, na Comunidade do Alto do Moura, Caruaru - PE. A mesma é conhecida como uma grande liderança e conseguiu com muito talento e determinação, imprimir o seu nome na Arte do Barro do Alto do Moura. Fundadora do Espaço Atelier, ela tem uma história antiga e apaixonada com sua comunidade e com a arte do barro. Sua trajetória como artesã vem, assim como muitos da região, de família e de muito tempo atrás. Em detalhes, ela fala como é o seu processo criativo na arte do barro, seu envolvimento com a Biblioteca do Alto do Moura e o sonho, que deu origem a uma explosão literária na sua comunidade.

Como se deu o início da sua arte de modelar o barro?

Desde pequena, aos 7 anos de idade, acompanhei meus pais na produção das peças de barro e também ia com eles ao Marco Zero de Caruaru para vender as panelas e os potes de barro. Sempre acompanhava meus pais na carroça de burro, na madrugada, para vender as peças na feira. Ali eu via ele vender e fui achando que eu tinha que também seguir essa arte. Ele não fazia peças figurativas não. Pai fazia um prato de barro, um pote. Ao passar do tempo, meu pai já era um senhor... ele parou de ir para a feira e minha mãe continuou e eu ia com mãe. Comecei a fazer panelinhas e cavalinhos e levar para a feira. Eu tinha meu lugarzinho lá no calçamento, colocava minhas panelas, meu cavalinho de barro e ali eu vendia e aquele dinheiro já era para o meu dia a dia e ajudava minha mãe.

A senhora estudou aqui mesmo no Alto do Moura?

Sim, eu estudava aqui. Só tinha até a 4ª série primária. Eu estudei até a 4ª série. Quando eu passei da 4ª série tinha que estudar na cidade. Era dois problemas: não tinha transporte, era uma dificuldade grande e meu pai também não deixava porque era mulher para ir para a cidade, sabe? Também não tínhamos condições financeiras, era tudo pago, tudo, tudo. Não era como hoje, que tem mais facilidade com o estudo. Eu parei de estudar, que é o que hoje eu sinto falta ainda. Me casei muito nova: com 15 anos me casei, 16 anos eu tive meu 1º filho e continuei trabalhando. Ainda muito nova achava

muito bom quando chegava a 6ª feira, porque no sábado eu pintava os cavalos e já ia levar para vender na feira. Eu saía de madrugada com minha mãe e vendia as peças de barro e comprava seda e fumo para dar de presente ao pai e achava que aquilo ali era uma vitória para mim sabe? Eu arrumava dinheiro do meu trabalho para comprar isso aí para ele, e comprava roupa para mim. Quando chegou os 15 anos que eu casei e tive meu 1º filho com 16 anos, já estava tudo mais evoluído aqui, aí eu tive cinco filhos homens. Ensinei desde cedo a trabalhar com o barro, mas não obriguei, deixei que eles escolhessem a profissão que gostariam de exercer quando crescessem. Se eles quisessem escolher uma profissão diferente do artesanato eu ia ajudar, mas todos eles optaram pelo artesanato. Casaram e hoje sou vó, tenho meus netos. Todos os cinco são artesãos e trabalham com o barro aqui no atelier. Muito nova também meu esposo ficou doente, eu tava com 34 anos e dei continuação, não deixei minha arte morrer, não deixei o que ele fazia ficar parado no tempo, como ele ficou. Um dos meus filhos, o Angelo, deu continuação à arte do pai. Hoje ele trabalha igual a ele e até melhor. É um grande oleiro. São bem reconhecidas as peças dele. Ele faz peças de todos os tamanhos e ele trabalha aqui comigo. Os outros trabalham para eles, mas todos aqui no meu atelier. Hoje eu sou feliz por ter nascido no Alto do Moura, por ter essa profissão abençoada por Deus e não tenho do que reclamar. Só tenho muito a agradecer por ser muito feliz pelo que eu sou, por tudo que aprendi e por tudo que meu pai me ensinou muito nova.

O que significa para a comunidade a criação da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura?

Foi um dos projetos, não posso dizer o único, mais um dos projetos mais abençoados que teve... foi essa biblioteca. Ela me fez voltar muito no tempo. Ler é muito importante e quando a gente era criança não existia, e se existia só era para as crianças da classe média em diante. A biblioteca da gente eram as calçadas para escutar o que os mais velhos ensinavam e as histórias que eles nos contavam. Quando eu era criança, nossa biblioteca eram as pessoas mais velhas na rua, que contavam as histórias do passado para os jovens. Hoje, isso mudou. As crianças ficam com os celulares e não escutam as histórias dos mais velhos. Hoje é muito importante. Eu tenho uma netinha que quando vê a biblioteca aberta ela corre, vai pra lá: "Papai, mamãe, vovó, eu vou lá!" Eu fico tão feliz que chego a ficar emocionada quando vejo ela deitada em cima das almofadas com um livro lendo. Que felicidade!

Minha opinião é que esse projeto dê continuação sem parar. Que alguém peça aos poderes públicos para ajudar, pra ficar, pra continuar e ser mais um projeto importante para nossas crianças aqui na nossa comunidade.

O contato das crianças com o livro traz mais conhecimento, mais sabedoria, não só para os meus netos, mas para toda a comunidade. Tem crianças até que não tem oportunidade de ter um livro, não tem oportunidade de ler uma história, na nossa comunidade com certeza tem, não tem oportunidade de o pai contar uma história. E ele chega na

biblioteca, ele lê, as pessoas leem para ele também as histórias. Eles veem outro mundo, eles entram num mundo de sabedoria... que eles podem, nesse mundo que eles entram na biblioteca, eles podem encontrar coisas que em casa eles não têm. Eu acho muito importante.

A criança na escola vai para estudar e desenvolver um exercício, mas na biblioteca comunitária é diferente. É um espaço aberto, que vai funcionar em todos os horários e para toda criança que queira participar. A biblioteca da escola tem uma grande diferença porque a criança vai estudar e tem aquele horário contado para ela frequentar, estudar e ir embora. A biblioteca comunitária não, a criança vai ver como um lazer. Nesses dias, a Biblioteca Comunitária do Alto do Moura estava aberta e achei muito importante. Quando eu olhei estavam as crianças, lendo e comendo pipoca. Isso só traz benefícios e desenvolvimento para a criança, pois ela não está com o celular, não está na rua. A que não



tem um celular ela vai estar na rua. Essa biblioteca vai tirar a criança do celular e da rua e envolvê-las, como já tem acontecido. E isso tudo nasceu de um sonho. No meu ponto de vista, é importante a biblioteca comunitária na comunidade. O que traz de benefícios para uma comunidade... toda cidade, todo bairro deveria ter uma biblioteca.

Como ocorreu seu envolvimento com o projeto da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura?

Eu sonhei fazendo uma peça. Essa biblioteca nasceu de um sonho, que era eu fazendo uma peça, um livro e uma cabeça, uma coisa bem estranha, e dando de presente pra Emília. No outro dia, eu contei o sonho e Emília já veio com a ideia da biblioteca. A peça era uma pessoa com a cabeça no lugar do livro e o livro no lugar da cabeça. Depois que a apresentei com essa obra, fiz questão que ela ficasse exposta na Praça dos Artesãos, que é um local que tem uma história com o Alto do Moura.

Eu vendo esse prédio, a dúvida era onde localizar um lugar para colocar essa biblioteca. Eu pensei: aqui no Marco Zero do Alto do Moura tem um prédio abandonado, nunca foi feito

nenhum benefício nele. Aí eu falei: “Emília, fale pra colocar a biblioteca neste prédio” e assim começou o nascimento dessa biblioteca daqui, essa benção daqui do Alto do Moura.

Um dia, vendo o prédio e ele já foi um posto de saúde, depois um posto telefônico e depois um policial, pra então

ficar por muito tempo desativado. E hoje ele abriga a nossa biblioteca, que tem transformado a vida de muita gente.

Quais os desafios da biblioteca comunitária?

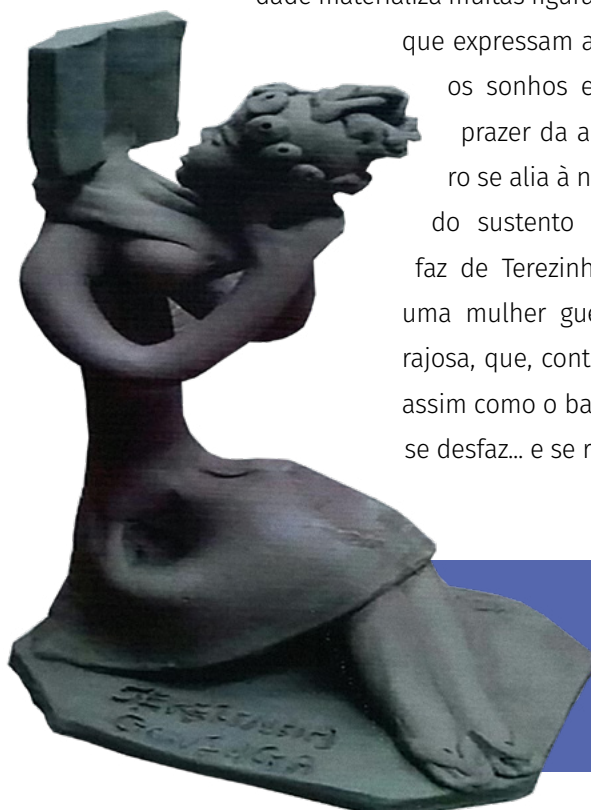
Um dos desafios hoje é encontrar pessoas que tenham a boa vontade de nos ajudar a construir esse prédio, que seja digno da criança entrar e brincar. A biblioteca tem mais uma coisa: é uma união entre as crianças, porque eles se juntam, eles se conhecem, eles trocam conversa, não é um ponto só para ler, mas para unir, se conhecerem. Hoje o desafio maior é deixar essa obra para nossos netos, bisnetos e daí em diante. Para mim é o maior desafio.

Os poderes públicos deveriam olhar com mais amor para esse projeto porque para a gente é difícil, mas para eles é mais fácil, com certeza.

Então, se esse projeto... eles olharem com mais amor, aí tudo vai se tornar mais fácil. O prédio pronto, fica tudo encaminhado, porque a manutenção do prédio e alguém para ficar lá se dá um jeito, com a ajuda dos poderes públicos. A criança precisa de um lugar assim. Aqui nós não temos uma praça para as crianças brincarem, nós não temos um lazer para as crianças. Eu estou olhando para essa biblioteca como um lazer para as crianças, não só para meus netos, os vizinhos, os que vêm de fora, até as crianças do bairro vizinho. A vizinha do bairro de Taquara veio me perguntar: “quando é que a biblioteca vai abrir?”. Eu espero que não fique só no Alto do Moura não. Fique em outros bairros também, dê continuação a esse projeto e não deixe ele morrer, não deixe ele ficar parado, pois isso vai trazer só melhoras para as crianças, tanto as que têm livros em casa quanto aquelas que não têm nada. Elas vão encontrar um lazer, uma história... é muito importante.

Nas mãos da artesã Terezinha Gonçalves o sonho de uma menina leitora foi modelado no barro e deu vida à imagem da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura. A mulher artesã Terezinha Gonzaga faz do barro sua arte, seu sustento, sua criação e com inspiração, beleza e criatividade materializa muitas figuras e objetos

que expressam as histórias, os sonhos e a vida. O prazer da arte do barro se alia à necessidade do sustento diário que faz de Terezinha Gonzaga uma mulher guerreira, corajosa, que, continuamente, assim como o barro, se faz... se desfaz... e se refaz... &



Júnior Aguiar: Coletivo Grão Comum

Entrevista por
Gabriel Santana

Conte um pouco da história de como surgiu o Coletivo Grão Comum, como surgiu a ideia de se formar esse coletivo, qual era o cenário, quais as motivações do coletivo, quem integra esse coletivo, quais os desejos e projetos para o futuro.

Tudo começou em 2008. Queríamos nos unir, reunir e colaborar. Num instante inicial três atores e duas atrizes. Pouco tempo depois, ganhou sua formação oficial com Arthur Canavarro, Asaías Rodrigues, Daniel Barros e Júnior Aguiar. Nestes primeiros dez anos vivemos três ciclos criativos.

O principal objetivo, no primeiro ciclo criativo, era estimular que cada integrante pudesse propor e apresentar durante os ensaios suas metodologias de trabalho com o corpo, a maneira de pensar a cena criativa, o discurso do artista, que deveria chegar ao público e que deveria ser mais importante que o orçamento do espetáculo (que muitas vezes é mais valorizado e, de fato, é o que possibilita sua realização, mas não menos fundamental que a ideia central que fundamenta a obra). Não queríamos, pelo pouco dinheiro e pela ausência de incentivos oficiais (seja da União, do Estado ou do município), deixar de fazer nossos espetáculos (que na sua essência deveriam ser simples e autônomos). Após o primeiro momento das apresentações, foram reconhecidas as diferenças entre cada um, as fronteiras, as fraquezas e os campos de domínio de cada intérprete. Começava a germinar um grão comum! Surge, então, a proposta: Cada ator realizaria um monólogo como exercício de criação, como síntese do seu trabalho, da sua carreira. Em vez de um espetáculo em que todos atuassem juntos, teríamos quatro produções distintas (o que já de antemão ampliava nosso mercado de trabalho). Cada ator escolheu um tema, pesquisou e elaborou uma dramaturgia, um projeto de encenação, um



Crianças em atividades na Biblioteca Comunitária do Alto do Moura



<< Peça de barro intitulada “Liberdade” – Autoria da artesã Terezinha Gonzaga, que criou a peça depois de um sonho que deu origem à fundação da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura.



Júnior Aguiar: Ator, diretor e produtor de teatro, coordenador pedagógico da casa Xamanismo Centro da Terra, bacharel em Comunicação Social, habilitado em Jornalismo. Atualmente, está finalizando uma Especialização em Docência no Ensino Superior. Atua na produção cultural do Estado de Pernambuco há mais de vinte anos, na criação de espetáculos de grande repercussão, através do **Coletivo Grão Comum** e projetos que promovem crescimento humano e social. Portanto, acredita no poder da arte, da educação e da comunicação, e foi nesses campos de conhecimento que debruçou seus investimentos pessoais e onde tem colhido os frutos (mais belos) do seu trabalho.





pensamento sobre todos os elementos que compõem as artes cênicas (iluminação, sonoplastia, ambientação/cenografia, figurino e produção). Foram apresentados: **abanoi – desse lado onde estás** (Aguiar); **mucurana – de mundo afora e estrada adentro** (Asaías); **Delicado** (Daniel) e **MARÉMUNDO** (Arthur). Pensávamos que, seguindo este processo, estaríamos em permanente formação humana e profissional, reinventando e fortalecendo nosso teatro de pesquisa e de experimentação. O ator que estava em cena no seu monólogo não permanecia sozinho na cena. Os outros estavam igualmente envolvidos operando a luz, o som, as varas, a bilheteria. Os que estavam fora da cena estudavam o ator que atuava, observando suas técnicas, suas formas de representação, sua postura como profissional, sua relação com o público. Assim, cada um viveu a seriedade do que é estar em cena sozinho ou a responsabilidade de agir nos bastidores, dando suporte e colaboração de somar forças, estratégias de ação, de divulgação e de alcançar, com muito esforço, o êxito, o sucesso e o reconhecimento dos caminhos das nossas investigações. Ou até mesmo os fracassos..

Arthur e Daniel deixam o coletivo para realizar outros sonhos e projetos. Eu e Asaías assumimos a guarda de manter vivo o sonho de trabalhar com Arte através do Grão Comum. Eu fiquei aqui, ele foi para a Itália. E o coletivo passou a atuar entre esses dois continentes, intensificando o valor do intercâmbio cultural e da residência artística.

Num segundo ciclo criativo, idealizei e produzi – em parceria com o ator Márcio Fecher (através da produtora Gota Serena) e com Daniel Barros (através da produtora Cena OFF) – o projeto **TRIOLOGIA VERMELHA**, contando a história de vida e obra de Glauber Rocha, Paulo Freire e D. Helder Câmara.

Agora, neste inspirado presente e olhando para o futuro, estamos celebrando o sucesso de crítica e público conquistado na primeira década, abrindo um terceiro ciclo de criação com a estreia de dois espetáculos: Breu (com Aguiar numa CODIREÇÃO com Asaías Rodrigues, baseado na obra de Geraldo Maia) e Circo Godot (com Asaías Rodrigues e o ator convidado Charles de Lima, com direção de Quiercles Santana).

A relação entre gestos e palavras é fundamental nas práticas de incentivo à leitura literária, a exemplo de sessões de mediação de leitura, contação de histórias. No teatro, essa relação é importante? Que contribuições o teatro pode dar para a formação de leitores?

O teatro é a arte do encontro. O bom teatro aproxima, surpreende, envolve e deixa marcas. É uma arte que abrange e transmuta as cinco percepções. A arte que faz o espectador viver uma experiência, tornando-o cúmplice da obra. O teatro é o corpo humano sendo mediador de um vislumbre mais alto. Desse corpo emanam os gestos e as posturas, desenhando simbolismos e visões de mundo como num transe cerimonial envolvendo os conceitos existenciais de Tempo, Espaço e Energia. A palavra é puro poder, evoca, transmite a ideia e o sentimento humano, é o poder dos discursos e das histórias que podem ser contadas. O sonho de todo ator é ter um grande texto para interpretar. O teatro amplifica obras consagradas da literatura nacional e mundial. Desde clássicos até publicações contemporâneas. Indo da pura poesia até narrativas épicas e, claro, a própria produção dramática atual. O teatro enriquece a nossa capacidade de interpretação, de visão de mundo, aprimora a percepção e intuição.

Temos muitas referências importantes no cinema, na religião e espiritualidade, na

educação. No espetáculo Trilogia Vermelha, aclamado pela crítica, vocês escolhem Glauber Rocha, Dom Helder e Paulo Freire como referências para compor o espetáculo. Fale um pouco do que significa o “Trilogia Vermelha” e qual a relevância dessas personalidades para o coletivo e para a produção do próprio espetáculo.

Os espetáculos: ***h(EU)stória - o tempo em transe, pa(IDEIA) - pedagogia da libertação e pro(FÉ)ta - o bispo do povo*** são as três pesquisas de criação, do conjunto estético intitulado TRILOGIA VERMELHA. Idealizei o projeto através do Coletivo Grão Comum, em parceria com as produtoras Gota Serena e Cena Off, envolvendo os artistas Daniel Barros e Márcio Fecher no núcleo principal da pesquisa, que foca na relação atores-criadores-produtores. Na equipe técnica envolvemos outros nomes significativos (músicos, fotógrafos e designs) que atuam na produção cultural do Estado de Pernambuco, como Geraldo Maia, Juliano Muta, Leonardo Vila Nova, Tiago West, Otiba, Moacir Lago, Gê Carvalho Galego, dentre outros.

As três obras abrem diálogos esclarecedores sobre a identidade da sociedade contemporânea brasileira, revisitando o processo histórico de construção de nossa DEMOCRACIA; expondo, dialeticamente, utopias e ideias vivas que ainda são contraponto essencial diante de tudo aquilo que simbolizou o período da intervenção civil-militar contra os rumos promissores daquele engaja-

mento social popular (criativo e libertador) dos anos 50 e 60 do século XX, quando o povo brasileiro, pela primeira vez na história do país, atuou diretamente no cenário político nacional, buscando garantir a legitimidade de conquistar seus direitos de cidadania, sua condição de sujeito na História. Diante dessas perspectivas sociais que fiz reaparecer os nossos personagens historicamente inseridos na vida pública e no destino do Brasil. Todos eles exercendo papéis de relevante destaque e com profundo reconhecimento da comunidade internacional. O objeto principal da pesquisa, diante da urgência dos seus temas impregnados de atualidade, é alertar, inquietar, encorajar - pelo amor e pela indignação - a retomada destas ideias progressistas, amplamente defendidas pelos três emblemáticos nordestinos, reconhecidamente aclamados no mundo: o cineasta baiano GLAUBER ROCHA, o educador pernambucano PAULO FREIRE e o bispo cearense DOM HELDER CÂMARA.

Eles foram interligados por seus discursos memoráveis, dissonantes do senso comum medíocre e acomodado, dos pessimistas, dos preconceitos injustificáveis e da alienação desumanizante que, ainda hoje, atrasam e dominam a realidade social, cultural, econômica e política do nosso país. E, pelo visto, permanecem mais vivos do que nunca!

A entrevista dada a um jornal... dada ao Jornal do Comércio (JC online), em 17 de janeiro de 2018, em Pernambuco, cita que o grupo adquiriu em anos recentes um caráter político e pedagógico e que, no espetáculo Trilogia Vermelha, o grupo passou a desenvolver cada vez mais a vertente pedagógica. Que vertente pedagógica seria essa?

A educação é um instrumento essencial. Nossa arte passou a ser pedagógica, passou a falar não mais em ficção, mas em fatos históricos, trabalhamos com o conhecimento. Falamos de ideias, passamos a rever e a reaver tudo o que a História pode nos ensinar e fazer aprender e apreender, a repensar a sociedade e tudo caminhou para uma rica interdisciplinaridade, para uma visão holística da vida, integrando arte, educação e espiritualidade. Num segundo plano, o coletivo, além de idealizar e produzir seus espetáculos teatrais dentro dessa perspectiva, tendo como base processos de pesquisa e criação, passamos a oferecer um calendário de cursos e oficinas, no Brasil e na Itália, em forma de retiro/residência pensando a questão formativa continuada. Aqui em Pernambuco, na sede do coletivo, localizada em Aldeia, na Casa de Xamanismo Centro da Terra, local onde também resido e desenvolvo meus trabalhos, ocorrem as vivências e os cursos, que têm como propósito “o despertar do artista” em cada ser humano e defendem a seguinte linha pedagógica: o curso possui abordagem progressista, com visão holística, valorizando o ensino com pesquisa. Apesar de iniciatório ao tema, o curso de teatro PIANCÓ – “o despertar do artista” apresenta uma visão global e oferece um conjunto de experiências-vivências que integra refinada gastronomia e, além dos 25 encontros na galeria de arte MauMau (em Recife), hospedagem dentro de um retiro de 4 dias na região serrana de Aldeia. O nome do curso re-

mete ao idioma tupi-guarani, cuja palavra **PIANCÓ** significa “**pássaro que canta**”. O curso tem como subtítulo a expressão “**o despertar do artista**”, termo preciso para descrever o que os alunos/participantes irão vivenciar. O objetivo principal é fazer despertar o artista de cada pessoa, fazer o seu “canto” ressoar, integrando o **EU** (dimensão psicológica), **a Pessoa** (dimensão ética), **o Cidadão** (dimensão política) e **o Sujeito** (dimensão filosófica) de cada participante.

Somos educad@s para fruição teatral? Que contribuições o coletivo poderia dar para estimular ou ampliar o gosto de estudantes, professores e professoras, pelo teatro?

Não. O teatro tem um lugar marginalizado nos currículos escolares, na vida cultural das famílias, é uma linguagem que busca resistir aos tempos modernos, em que há uma enorme rede de entretenimento e opções. O coletivo desenvolve o desejo de formar plateias, busca dar acesso ao maior número possível de espectadores, tenta sempre buscar apoiadores e parceiros para fazer circular seus espetáculos, defende ingressos populares e tenta deixar a seguinte percepção no coração do público: *“o teatro não é apenas um resistente histórico que sobrevive a si mesmo, relegado à passividade de seus meios tradicionais, mas, ao contrário, é uma forma artística dotada de um grande poder vital de autorrenovação, que o foi adaptando aos tempos e incorporando a ele inovações estéticas e técnicas, inclusive de outros domínios, o que o tornam perfeitamente apto a levar ao palco os temas e os problemas do modo de ser de nossa época, como já o fizera em relação a quase todas as outras”*.

Quais as influências (nas artes e em geral) que orientam o Coletivo Grão Comum?

O teatro primitivo-ritual-cerimonial, o teatro essencial de Denise Stoklos, o teatro épico de Bertolt Brecht, o teatro da crueldade de Antonin Artaud, o teatro minimalista e a performance. No Brasil, encontramos inspiração no teatro oficina de Zé Celso, no teatro popular através das manifestações culturais de Pernambuco e Nordeste brasileiro. Tenho também como referência a história da teledramaturgia brasileira. Toda a produção do cinema pernambucano. E, agora, o Xamanismo como essência e busca espiritual. Na composição de trilhas sonoras há Juliano Muta, Leonardo Vila Nova, Tiago West e Geraldo Maia. Na verdade, é impossível enumerar e nomear todas as referências.

Em que medida a literatura incide na formação do ator ou atriz? Na experiência de vocês, em Pernambuco há boas escolas de formação em teatro?

Existe uma vasta literatura especializada no pensamento e na sistematização das teorias e práticas teatrais. O bom ator necessita de boa lei-

tura, a formação do artista depende de sua visão de mundo e das referências que o constituem. O alcance da bibliografia deve ir além da fronteira específica das artes cênicas, e deve adentrar em outros campos de interesse, como filosofia, sociologia, antropologia, semiótica, educação e a rica literatura brasileira. Há, na atualidade, um despertar dos artistas e grupos de Pernambuco para a estruturação de escolas de teatro, cursos e oficinas em várias perspectivas. Não posso deixar de citar o brilhante trabalho do SESC, da Cia Fiandeiros, do O Poste, do teatro de Fronteira e, por fim, o próprio curso de Graduação/Licenciatura em Artes Cênicas da UFPE. &





Lute
COMO
Uma
garota
leitora.

Histórias

Histórias da criação de um espaço vivo de leitura ou lenda urbana com personagens de carne e osso na favela do Canal do Arruda

Carminha Bandeira

O QUE É SORORIDADE?

FORÇA PARA LUTAR

É O QUE ME FAZ VENCER

O HIP HOP É CULTURA

ARRUDA É LUGAR DE CULTURA

O BECO TEM VIDA

VIDAS NEGRAS IMPORTAM

CONHECI UMA B GIRL

NA FAVELA DO ARRUDA

FAVELA É ARTE

E ARTE É VIDA

Crianças, jovens, adultos, mães, pais, tias, tudo misturado, estão envolvidos numa bela história de organização de um espaço vivo de leitura na comunidade do Canal do Arruda, tendo por líder o rapper Ellan Barreto (Okado do Canal) e sua equipe: Derek Filipe (Sombra), Felipe Galdino (Carcacinha), Amanda Dias, Amanda Wandrielle, Izabelle Sales (Florzinha), Erika Cristiane, Raniely da Silva.

Nesse espaço, o grupo, atuando sempre em mutirão, aprende a fazer um pouco de tudo, que acaba virando muito, para todos. A cada dia, ali se opera o verdadeiro milagre da criação, que vem desde a ocupação do espaço do Beco, com jovens do grupo Favela News, dançarinos de break e rappers, até a mais recente iniciativa de integração do espaço vivo de leitura, abrindo para a acolhida de crianças para ler, brincar, criar rimas, ouvir histórias.

É de espantar ver como cabe tanta vida num espaço tão pequeno, mas tão necessário para acolher todo mundo! Um espaço que serve de logística para os ensaios, que dá suporte

às produções, alimenta a vida que nasce da lama, canalizando tanta energia do bem!

O cultivo da palavra, como se pode observar no hip-hop usado como epígrafe neste texto – e que é reproduzido na fotografia da página a seguir, fruto de criação coletiva durante a formação em mediação de leitura conduzida pela equipe da Biblioteca Multicultural Nascedouro – faz parte da cultura do grupo que pratica essa expressão de poética da oralidade, muito identificada com a cultura da juventude negra das favelas.

O perfil do grupo é composto de dançarinos/as do break, Big Girl, rappers, contadores de histórias, jovens comunicadores, fotógrafos que documentam e produzem imagens e notícias sobre a vida da comunidade, com equipamentos simples, como o próprio celular, mas com olhar bem aguçado para captar a alma do Canal do Arruda.

A iniciativa de abrir espaço para um canto de leitura diversificando os usos, em respostas às demandas criativas do grupo de artistas e educadores do Canal do Arruda, recebeu apoio do Fundo Ciranda, criado por uma rede de agências solidárias da cooperação internacional (Action Aid, OAK Foundation, Bernard Van Leer Foundation), e é localmente ancorado no Centro de Cultura Luiz Freire, Favela News, Etapas. O Fundo Ciranda: Cidade das Crianças - Edital de pequenos projetos para a primeira infância, viabilizou a contribuição da equipe BrinCarq (Erika Marinho e Laís Moraes) na parte de ambientação interna e externa, envolvendo estudo do espaço, intervenção estética, criação de brinquedos, tudo com participação ativa de todos, inclusive das crianças.

Além disso, integrou também o mutirão a equipe da Biblioteca Multicultural Nascedouro (BMN), com Rogério Bezerra e



ATIVIDADE

Leitura e reflexão sobre produção literária autoral das comunidades. Fonte: Projeto Biblioteca Viva: Construindo Espaços Comunitários de Leitura, Canal Do Arruda 2019. Realização: Movimento Cultural Boca do Lixo / Biblioteca Multicultural Nascedouro.

Daniel Pereira, junto com a formadora Carminha Bandeira, do CEEL, que colaboraram para o aprimoramento da formação de mediadores de um espaço vivo de leitura, com base na experiência da equipe veterana da BMN, que esse ano comemora seus 19 anos de existência. Também contou com a colaboração de Walquíria Braga, artesã e mediadora de leitura (educadora da ONG Aldeias Infantis), e Jairton Amorin, contramestre do Grupo São Bento Pequeno de Capoeira Angola.

Houve muita troca durante a experiência de formação entre as duas equipes, que em vários momentos atuaram de forma integrada com a equipe BrinCarq, seja no que se refere às vivências de mediação de leitura, à pesquisa e leitura compartilhada de acervos, à discussão de critérios na constituição de acervo de uma biblioteca viva, a procedimentos de empréstimos, catalogação dos livros, gestão compartilhada de um espaço comunitário de leitura.

Constatou-se por parte do grupo, formado por muitos negros e negras, interesse em

O que é SORORIDADE?
FORÇA PARA LUTAR É O QUE FAZ VENCER!
O HIPHOP É CULTURA
ARRUDA O LUGAR DE CULTURA
UM BECO TEM VIDA
VIDAS NEGRAS IMPORTAM
CONHECI UMA ~~BIG~~ BIG GIRL
NA [FAVELA] DO [ARRUDA] —
FAVELA É ARTE
E ARTE É VIDA



Arruda é um bairro do Recife, capital de Pernambuco, Brasil. Tem seu nome ligado ao dono de uma quitanda, Manuel Inácio de Arruda, conhecido por Seu Arruda.

ATIVIDADE

Leitura e reflexão sobre a diáspora africana, resistência e literatura afro-brasileira. Fonte: Projeto *Biblioteca Viva: Construindo Espaços Comunitários de Leitura*, Canal Do Arruda 2019. Realização: Movimento Cultural Boca do Lixo / Biblioteca Multicultural Nascedouro.

conhecer a obra e os poemas de Solano Trindade, as histórias e os acervos de escritoras negras, visando ampliar o conhecimento sobre a contribuição de autores negros e negras na literatura.

Constatou-se também a existência de uma rica produção de rimas, estimulada, como já se disse, pela cultura dos rappers, como parte da prática cotidiana do grupo. Até uma menina de 12 anos (Florzinha) já tem seu próprio acervo de produção de rap.

Além disso, alguns se dedicam também à criação literária em outros gêneros, e tem até quem pense em publicar um livro com as histórias e lendas da comunidade, como é o caso de Okado do Canal, que escreveu esta crônica social ou lenda urbana, inspirada na memória afetiva dos tipos populares da comunidade:

Marcelo da 12 – Morador do Beco Caga Lama por Okado

Da 12, como era conhecido, fez parte da infância de muita gente na comunidade onde viveu. Era pescador, carroceiro, e engenheiro de eletrônicos, consertava aparelhos de som, televisão, dvd, micro-ondas, sem ao menos saber escrever seu próprio nome. Mas não era só por isso que ele era conhecido, e sim pelo fato de ser muito engraçado,

brincalhão e gostar muito de crianças e as crianças dele, pois quando ele bebia fazia diversos tipos de tira gosto: gí, pimenta, siri, sururu, muçu e etc...

Contava histórias loucas e intermináveis, brigava com o poste e acreditava que podia parar a chuva. Seu gosto musical era tipo salada de músicas. Com suas radiolas improvisadas com peças de diversos aparelhos diferentes, ele montava a sua própria e original para ouvir seus vinis: Roberto Carlos, Fernando Mendes, Tim Maia, Xuxa, Nação Zumbi, Raul Seixas e etc...

Um certo dia, Da 12 estava já muito bêbado, começou a conversar com o poste, falando de como matou um lobisomem.

Da 12: ei, ei, ei, ei ... meu véi, eu peguei aquele bicho. Ele pensou que eu não sabia, ó. Todo mundo pensando que era eu, aí eu fiquei só atocaiando. Quando ele foi pro sítio, eu botei o facão na cintura e fui atrás. Nesse dia, nem era pra ele virar, porque não era lua cheia. Quando eu cheguei no sítio, ele já estava lá, rasgando a camisa, cheio de cabelo. Quando me viu, veio pra cima de mim e disse auuuuuuuuu, auuuuuuuu, chamando os outros. Aí eu disse: chama aí otário, tenho medo nem de tu, nem dos teus amigos. Quando ele veio pra cima de mim, peguei o facão e fui pra cima também. Meu véi, vou perder é? Tirei a cabeça dele doido, e levei pro prefeito. Olha aí, era eu né que era o Lobisomem? Você disse que era eu. Olha aqui quem comeu sua mulher, se eu fosse comer sua mulher eu seria um urso, não seria Lobo não. &

Poesia

Nicinha: mulher, poeta e artesã do Grupo Flor do Barro

Do barro nasce o verbo

Telma Leal

Poesia flor
Poesia barro
Poesia verbo
Poesia vida

Naquela terra
Tudo sai do barro
Tudo é poesia
Tudo é só fulô.

É o brilho da vida
É pura alegoria.

Nicinha, guerreira, que nos ensina:
“Aqui o barro tem vida, a dor não
é tão dolorida, as ruas são coloridas”.



Nicinha Otília modelando a peça
Café com vovô



Com os pés eu pisei

Cleonice Otília da Silva

Com os pés eu pisei
Com a mente eu pensei
Com as mãos modelei
Dez filhos criei
Da Arte do Barro só orgulhei eu levei!

Vida vivida

Cleonice Otília da Silva

Casa simples de sapê
Severino na janela
Bonecos de barro no chão
Tanta gente em torno dela.

Banda de bife, bacamarteiros
Turista aplaudindo ela
Criança brincando de roda
Adulto pulando corda
Aqui o barro tem vida
A dor não é tão dolorida
As ruas são coloridas.

Menino no chão
Deitado com o livro na mão
Em voz alta, ele grita:
Vem pro Alto do Moura
Aqui tem o melhor São João!

Sou o sol

Cleonice Otília da Silva

Sou o sol, sou a vida
Sou a pintura da Frida.

Da flor sou a margarida
Pois que tão bela é a vida!

Sou a arte do barro que me dá minha comida.
Criança brincando de roda, para alegrar a vida

Da ave sou o pavão, porém sempre a mais bonita.
Da reza, o pai nosso que o padre canta em bendito.

Da árvore, sou a raiz, o néctar que o beija flor vem beber
Ainda muito mais eu sou

Em cinco letras: eu sou o AMOR

Com a lama escrevo a arte

Cleonice Otília da Silva

Com a lama escrevo a arte
Não preciso de um lápis
Pouco aprendi a ler
Como posso escrever?

Com as mãos modelo o barro
Contando minhas histórias
Vejo o velho do roçado, a lavadeira no rio
O beija flor amarelo
O barrigudo sem chinelo
Do preto para o vermelho
Voando com todos os pássaros
Com o brilho tão colorido
Escrevo tudo o que penso com uma caneta sem pico,
só um bolo de barro!!



Relatos



Uma proposta de formação de professor de Educação Infantil na área de Arte

Beatriz de Barros de Melo e Silva

O objetivo deste relato é pensar um pouco sobre a área de ensino de arte na educação infantil, a partir de uma formação em arte de professores deste segmento.

▣ *vívídló*

A formação do Pacto pela Alfabetização da Idade Certa em Pernambuco – PNAIC – 2017, que teve a possibilidade, primeira e única, de refletir sobre a Educação Infantil, foi dividida em quatro seminários, com o primeiro em dezembro de 2017 e os outros, segundo, terceiro e o final, no primeiro semestre de 2018.

O tempo destinado às inserções no ensino da arte na formação foi de cerca de 30 minutos por turno, e nele esperávamos propiciar uma sensibilização sobre o tema – o ensino de arte na educação infantil – e os conhecimentos relacionados a ele.

Nos seminários, elencamos como aspectos definidores da construção do conhecimento o brincar, e em especial as brincadeiras cantadas, a produção artístico-estética e a apreciação, nesta ordem.

As brincadeiras cantadas são uma junção de canto, ritmo, movimento e dança. São geralmente vindas da cultura popular, sem

autoria, e são modificadas dependendo da região e das influências de quem as ensina. Hoje encontramos outras boas brincadeiras cantadas criadas por grupos que fazem shows infantis. Vivenciar o movimento, a dança, a música propicia oportunidade de desenvolvimento corporal e de percepções – auditiva sonora, visual, espacial.

As atividades de produção artístico-estéticas, assim como o brincar, também estão relacionadas ao desenvolvimento da criança. E aqui precisamos explicitar do que exatamente estamos falando em relação a essas atividades. Elas não são cópias nem atividades de colorir desenhos fotocopiados. Elas não são repetições de dança ou canto para apresentação em festa de dias comemorativos. Essas atividades não se resumem a desenho livre. O que difere a atividade do ensino de arte como a que queremos refletir é a possibilidade da vivência do percurso de criação relacionado à significação de sentimentos e experiências. Esse processo é estético, pois propicia a objetivação da subjetividade de cada criança.

Para Gardner (1997, p. 178), o brincar é “antecedente necessário para a participação no processo estético”, e a arte é para ele a “comunicação do conhecimento subjetivo” (Idem, p. 53). E chama a nossa atenção, em relação à arte, para aspectos importantes de suas características: a comunicação, a traduzibilidade - ou seja, as produções artístico-estéticas não são facilmente expressas em outros sistemas simbólicos - sujeitos, objetos e distâncias. E defende: “A estética envolve uma tentativa de comunicar. Ela é deliberada, intencional. Já que as artes envolvem comunicação entre sujeitos, os seres humanos precisam estar envolvidos no processo artístico.” (p. 54). E lembra: “um objeto estético tende a ser intraduzível” (Idem, p. 54).

Por último, desejamos delimitar a apreciação e sua importância para nutrir e ampliar a imaginação. Apreciar arte não é movimento natural, é aprendido e deve ser estimulado a partir de experiências estéticas. Apreciar é perceber os sentidos que objetos, sons, gestos, formas, palavras propõem. Para que essa compreensão aconteça é necessário, como registra Gardner (1997), que haja domínio dos sistemas simbólicos da cultura. A competência nesses sistemas simbólicos é, para este autor, pré-requi-

sito para uma comunicação efetiva e a habilidade com eles é “antecedente necessário para os esforços criativos nas artes”. (Idem, p. 173). Assim:

Quanto mais a criança ver, ouvir e experimentar, quanto mais aprender e assimilar, quanto mais elementos da realidade a criança tiver à sua disposição na sua experiência, mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, será sua atividade imaginativa. (VIGOTSKI, 2014, p. 13).

▣ relato

A nossa intenção para a formação foi a de propiciar aos professores o experienciar pequenas oficinas para que eles passassem pelas etapas do brincar, da produção artística estética e da apreciação, nesta ordem mesmo, como já mencionamos. Recortamos, para este relato, três brincadeiras cantadas e quatro vivências.

Brincadeiras Cantadas

As brincadeiras cantadas foram vivenciadas, de maneira geral, com muita participação e alegria. Experienciamos: “Oh, abre a roda tindo-lê-lê”; “Da abóbora faz melão, do melão faz melancia”; “Escravos de Jó”; “O cravo brigou com a rosa”; “Passa, passa, gavião”; “Lava, lavadeira, a roupinha de passear”; “Machadinha”, entre outras.

Sobre a cantiga de roda “Machadinha” pudemos ler nos relatórios:

Algumas formadoras conheciam apenas o início da música, mas nunca haviam brincado ou cantado a música inteira. Foi um momento

muito prazeroso e, como sempre, elas se envolveram e gostaram bastante. (Formadora Érica Guerra).

Vivenciamos uma prévia dessa atividade no final da manhã, ouvindo um pouco a letra da música e conversando um pouco sobre a forma de brincar. No início da tarde, com boa parte da turma presente, iniciamos então a brincadeira e na dinâmica construímos formas diferentes de brincar. Primeiro com uma pessoa no centro da roda que é puxada para formar par com alguém, em seguida a pessoa do centro é quem sai e vai buscar um par e quem sobra fica no centro.

A machadinha criou uma dúvida no grupo, que compreendia machadinha como movimento de marcha. Já outras pessoas como um objeto de trabalho, ferramenta. (Formadora Dayse Pessoa)

Iniciamos a tarde com o resgate da brincadeira cantada “machadinha”. Algumas professoras conheciam a música, o que possibilitou um momento bem prazeroso de resgate da infância. No final da brincadeira refletimos sobre como essas músicas nos trazem memórias afetivas e como é importante levar a cultura popular para a sala de aula. (Formadora Conceição Lira)

Cantando e brincando com a cantiga de roda “Da abóbora faz melão”, pudemos experimentar com as turmas essa brincadeira que, de maneira geral, tinha sua música conhecida pelas pessoas mais velhas, mas o brincar não foi lembrado. A brincadeira em si já é puro movimento corporal, mas com ela se trabalha também a percepção e organização espacial, e o equilíbrio. Seguem-se na brincadeira os movimentos aprendidos na cultura, entretanto cada pessoa realiza seu movimento próprio, sua maneira de dançar. Na formação, o momento com essa brincadeira foi de participação animada e de pura alegria.

Sobre o brincar de “Escravos de Jó”:

Realizei essa atividade no meio da manhã, pois quando iniciei a formação não havia uma quantidade significativa de cursistas. Apenas duas ou três formadoras não participaram da atividade. Sentamos no chão e com algum objeto iniciamos, seguindo as orientações. Quando começamos a passar o objeto, algumas formadoras não conseguiram acompanhar, mas conseguimos umas duas vezes executar a canção, passando o objeto. Em seguida, na produção, realizamos as variações com “lá, lá”, assobio e com o corpo. Refletimos no ritmo, nas células e no silêncio e, por fim, apreciamos os Barbatuques. Algumas cursistas conheciam e as demais gostaram bastante do que assistiram. (Formadora Érica Guerra)

Vivências

1. Uma casa muito engraçada

Iniciamos convidando a todos para brincar de “casa, parede, morador”.

Formar grupos de três (3) pessoas. Duas pessoas ficam de frente uma para outra e levantam os braços, tocando as mãos acima de suas cabeças, fazendo assim o teto e as paredes da casa. A terceira pessoa ficará entre as outras duas (entre as paredes) – ela será o morador. Pedir a um voluntário que fique no centro. Ele iniciará a brincadeira. Ele pode gritar um de três comandos: parede; morador; terremoto. Caso grite parede, as paredes se separam e vão correr para formar outra casa, protegendo outro morador. Os moradores não se movem. Caso grite morador, os moradores trocam de casa. Ao ouvir o grito de terremoto, todos devem mudar de lugar, assumindo quaisquer outros “papéis” na brincadeira. Enquanto isso, o voluntário que está no centro corre para tomar o lugar de alguém, deixando uma pessoa que “sobrou” dos trios ser o novo “chamador”.

(Retirado de ARTPAD – Um recurso para teatro, participação e desenvolvimento. McCarthy e Galvão, 2001 – p. 63)

Sempre pedimos para que, no lugar de usar apenas a palavra “terremoto”, a criança use outros fenômenos da natureza e, durante a brincadeira, aparecem palavras como tsunami, inundação, vendaval. Para alguns formadores mais velhos, gritar “cheia de 1975 em Recife”, por exemplo, causa grande movimentação e alvoroço.

Depois da brincadeira, perguntamos quem conhecia a música de Vinícius de Moraes “Era uma casa muito engraçada”¹. Mostramos a letra e passamos a cantar a música com a ajuda de som do computador.

Em seguida, iniciamos a hora da conversa a partir das perguntas que faríamos às crianças: Será que essa casa é de verdade? É possível existir uma casa assim? O que é importante em uma casa? O que ela deve ter?

A partir daí, contamos ao grupo que essa casa existe sim. Ou, pelo menos, existiu. Ela é hoje um museu, mas antes foi casa de um artista uruguaio, Carlos Vilarô², amigo de Vinícius de Moraes. E chamamos a atenção sobre como os artistas encontram as ideias para as suas produções: eles as tiram da realidade, do entorno, do vivido. E daí, eles dão asas à imaginação, que é a base da atividade criadora do ser humano. É uma condição necessária de existência e manifesta-se em todos os campos da vida cultural (VIGOTSKI, 2014).

Passamos então para a produção. Todos receberam uma folha ofício e a orientação foi a de que cada pessoa fizesse uma casa da maneira que quisesse, lem-

brando que deveria usar o papel ofício todo. Depois de alguns minutos (na formação minutos, mas em sala de aula podemos dar mais tempo), fizemos a proposta de construir um painel de toda a turma com as casas. A ideia era a de colocar direto na parede. Perguntas foram lançadas: como fazer isso? Que arrumação nós poderíamos fazer? Tivemos diferentes resultados. Ora as casas ficaram em linhas, uma ao lado da outra, ora ficaram bem juntas, aproveitando o espaço possível.

Depois de elaborado o painel, fizemos o convite para apreciar um vídeo-animação – A Casa de Vinícius³.

Dos relatórios das formadoras do CEEL que ministraram as aulas extraímos:

Algumas formadoras já conheciam a brincadeira Casa e morador. Todas participaram e gostaram bastante.

Algumas apresentaram algumas possibilidades de desdobramentos para a brincadeira, como, por exemplo, a pessoa depois de mudar deveria voltar para a constituição da casa original. No momento do “cantando”, as cursistas não conheciam a história da música “Era uma casa muito engraçada”, de Vinicius de Moraes. No momento do “produzindo”, todas as formadoras desenharam uma casa e colocaram na parede do lado de fora da sala de aula. Na “apreciação”, as cursistas não conheciam o vídeo e gostaram bastante.

(Formadora Érica Guerra)

<1> A Casa – Vinícius de Moraes - <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/casa>

<2> Para ver a reportagem sobre a casa, visitar <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/10/1358732-casa-muito-engracada-da-musica-de-vinicius-de-moraes-existe-de-verdade.shtml>

<3> Vídeo- Animação de Daniel Minson Pucciariello - Publicado em 4 de jul de 2014 <https://www.youtube.com/watch?v=jb5z-TyJfw>

2. Vamos contar histórias

Pedimos aos cursistas que se dividissem em grupos para contar histórias usando os materiais que pudessem encontrar na bolsa, na sala, no entorno. O objetivo era o de construir narrativas a partir da produção/adequação de personagens. O grupo poderia escolher a história e a melhor maneira de contá-la, mas precisaria usar os objetos como personagens, emprestar a eles a voz e a movimentação.

Obtivemos resultados bem variados. Alguns grupos compreenderam rapidamente a proposta. A observação da formadora Conceição em seu relatório foi: “Este foi um momento bem lúdico, onde as professoras soltaram a imaginação, dando voz ao cartão de crédito, ao estojo de maquiagem, entre outros objetos”.

Depois deste primeiro momento, e em tendo tempo, outras opções foram oferecidas: elaborar bonecos de vara (na verdade foram oferecidos palitos de churrasco), desenhar o personagem na mão, utilizar bonecos construídos por eles a partir da sucata.

Para o momento da apreciação escolhemos a história do Patinho feio⁴, contada pelo grupo Cia Truks⁵ – Teatro de Bonecos. O vídeo tem três minutos e vinte e quatro segundos de história e conta com atores fazendo teatro de formas animadas, com fundo musical apoiando a narrativa.

As formadoras do CEEL registraram:

*A atividade de artes foi muito rica e serviu de suporte para discussão sobre a linguagem oral e escrita.
(Formadora Thais da Silva).*

*Essa atividade foi realizada no segundo dia pela manhã.
[...] realizamos a atividade que foi bastante prazerosa.
No início, as formadoras ficaram com vergonha de falar com o objeto e dar voz ao mesmo, mas ao apresentarem a história que elas criaram, toda a vergonha acabou e foi bem divertido.
(Formadora Érica Guerra)*

<4> <https://www.youtube.com/watch?v=xxzhjv7q4qU>
<5> Site do grupo https://www.youtube.com/channel/UCighfYUqbwa0QXVm_LVFDpg/videos

*As formadoras se envolveram bastante na atividade.
Em um dos grupos uma das formadoras se emocionou muito, pois contou a história da sua avó.
(Formadora Conceição Lira)*

3. Atividade: o que tem atrás da porta?

Solicitamos que esta atividade fosse iniciada por um pequeno relaxamento.

Feche os olhos. Respire tranquilamente. Imagine que você está em um ambiente fechado e está escuro. Muito escuro. Em sua imaginação você vai andar devagarzinho pelo ambiente para encontrar um interruptor. Vá andando e tente acender uma luz... acenda a luz, clareie o ambiente. Mas, você vai encontrar apenas uma porta. Observe-a. Como ela é? De que material? Imagine agora: o que pode ter atrás da porta? Veja detalhes, aproveite para entrar por essa porta.

Ao final do relaxamento, a formadora pediu para que todas abrissem os olhos, mas que ainda não dissessem nada, não conversassem (o que é sempre mais difícil). Entregou a cada professora duas folhas tamanho ofício (ou poderia ser uma para dividir ao meio – em se tratando de pessoas adultas). E deu as seguintes orientações: em uma, desenhar uma porta – como a que você imaginou quando fechou os olhos. De que cor era? Era grande ou pequena? Depois de desenhada a porta, pediu que, na outra folha (ou metade), fosse desenhado o que cada um viu atrás da porta.

Depois de longos dez minutos em silêncio, desenhando (dez minutos, por serem adultos e em formação; para a criança deve ser dado mais tempo), foram feitos os convites para ouvir e cantar a música “A porta”, de Vinícius de Moraes⁶, e assistir a um vídeo⁷ com a apresentação da música.

<6> Música – A Porta, Vinícius de Moraes. DISCO A ARCA DE NOÉ - 1980 <https://www.youtube.com/watch?v=9jnBBdg2Y6k>. Canta Fábio Júnior
<7> Música – A Porta, Vinícius de Moraes. <http://g1.globo.com/videos/v/fabio-jr-canta-a-porta-de-vinicius-de-moraes/2889972/>

Ao final, pedimos para que assistissem ainda a um último vídeo⁸, uma “pegadinha”⁹. Caso você, leitor ou leitora, possa, assista e responda: na mesma situação, você abriria a porta?

Dos relatórios das formadoras extraímos:

De acordo com as orientações, fui dando os comandos “fechem os olhos. Imaginem que vocês estão em um ambiente fechado e está escuro. [...] Imaginem: como é essa porta? Que detalhes ela tem? Qual o material? Ela parece forte ou é bem fraquinha que o lobo pode soprar e derrubar?” (Formadora Dayse)

A atividade foi bem interessante. Uma formadora desenhou uma porta com flores, outra desenhou uma porta de madeira. Atrás das portas foram encontrados livros, familiares, dentre outros. Para unir a porta e o que havia atrás das mesmas uma formadora recortou a porta no tamanho que ela desenhou e ficou bem interessante. Muitas não se lembravam da música “A porta”, de Vinicius de Moraes, mas após ouvirem disseram que já a tinham escutado. As formadoras não conheciam o vídeo e, após a exibição do mesmo, comentaram sobre as diferentes reações das crianças, dos adolescentes e dos adultos. (Formadora Érika Guerra)

Realizamos a sequência e fizemos um varal com os desenhos. O grupo apreciou muito esta vivência. Durante a socialização alguns descreveram seus medos e superação, que estavam atrás da porta, outros viram suas famílias, pois estavam com saudades de casa. O grupo queria eleger esta atividade para a pauta da formação local, no entanto, devido ao tempo curto da formação, trocaram para dança circular, que foi também muito apreciado pelo grupo. (Formadora Conceição Lira)

<8> Ball Pit Door - Blake Grigsby https://www.youtube.com/watch?time_continue=4&v=XvOsh15hLIs

<9> O que há atrás da porta misteriosa? Pegadinha surpreende curiosos em estação | O ator, comediante e estudante de Chicago Blake Grigsby tem uma mania: surpreender os curiosos. Se você encontrasse uma porta fechada bem no meio de uma estação de trem com o aviso “O que há aqui dentro?”, o que faria? Abriria? Ou preferiria esperar para ver a reação de pessoas um pouquinho mais corajosas? Blake fez o teste na elegante Union Station e o resultado foi dos mais divertidos. Principalmente porque (não leia a frase se não quiser spoileis!) atrás da porta havia nada menos que 2 mil bolinhas coloridas. Assista ao vídeo que já foi clicado quase 200.000 vezes e confira as reações das pessoas - <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/o-que-ha-atras-da-porta-misteriosa-pegadinha-surpreende-curiosos-em-estacao/>

Esse tipo de atividade propicia diversas aprendizagens, conforme defende Ostetto (2016, p.6):

Aprende-se a gostar, a ver e ouvir, assim como a combinar materiais, a inventar formas, por isso um dos papéis do professor é abrir canais para o olhar e a escuta sensíveis, disponibilizando repertórios (imagéticos, musicais, literários, cênicos, fílmicos), não apenas para a realização de uma atividade, mas, inclusive, cuidando do visual das salas e dos demais espaços da instituição.

4. Vamos fazer pão?

A vivência foi iniciada por uma conversa a partir das perguntas: Quem sabe o que é um pão? Você gosta de comer pãozinho? Vem sempre na merenda? Os pãezinhos são todos iguais? Como eles podem ser? Tem de cor diferente? Tem de sabor diferente? E cheiro? Onde se faz o pão? Para atender a muita gente, quem faz o pão? Quem é a pessoa que faz o pão? Mas é só na padaria que se faz pão?

As respostas foram as mais diversas, sempre ligadas ao sentir o gosto, a um momento agradável relacionado ao comer um pão. Neste clima, perguntamos quem conhecia a música e a brincadeira, cantada do grupo Triii, “Pão, pão, pão”¹⁰.

Passamos a propor a produção: “Vamos trabalhar agora com massinha. Vamos ser padeiros fazendo pão. Mas cada um precisa fazer seu pão – com cores e sabores diferentes.” Pensamos em deixar na formação apenas 5 minutos para isso, mas não foi possível, pois os cursistas se envolveram bastante e queriam deixar uma verdadeira exposição. Depois de prontos os pãezinhos e o suporte onde iriam estar expostos, pedimos que apreciassem uma apresentação de *Power Point*, em que foram mostradas pinturas relacionadas ao pão e também esculturas, para que tivéssemos a compreensão de que uma atividade com massinha pode ser considerada como escultura.

Como dissemos, as atividades a que nos referimos não se relacionavam a um fazer desconectado de significação e apenas para ocupar a criança. As produções ar-

<10> Grupo Triii – “Pão, Pão, Pão” - (Quintal da Cultura / TV Cultura) - https://www.youtube.com/watch?v=utWpg_RHnno

tístico-estéticas, para serem de fato uma experiência de linguagem, devem ser resultados de percursos de criação, devem levar o estudante a atuar intencionalmente, a procurar expressar-se sobre algo. Vigotski (2014, p. 2) afirma: “Chamamos atividade criativa a atividade humana criadora de algo novo, seja ela uma representação de um objeto do mundo exterior, seja uma construção da mente ou do sentimento característico do ser humano”.

Dos relatórios extraímos:

Conversei com as cursistas sobre o pão, depois apresentei o vídeo com Grupo Triii, “Pão, Pão, Pão”. Em seguida, cantamos e brincamos com a música. Ensaíamos várias vezes a música para acertarmos. Sempre bem envolvidas e engajadas, as cursistas construíram os pães com a massinha de modelar e criaram a Padaria Belas Pão. Após essa atividade, apresentei os slides e conversamos sobre a diferença entre pintura e escultura. (Formadora Érica Guerra)

Concluimos esse relato insistindo em que as produções artístico-estéticas na educação infantil não são atividades soltas, que não estabelecem sentidos para a criança. A arte na educação deve ir muito além disso, como afirma Ostetto (2016, p. 5):

Arte, na educação, não se resume a momentos e atividades isolados. E, se estamos pretendendo a educação do “ser poético”, implicado na totalidade do olhar,

da escuta, do movimento, que se expressa mobilizando todos os sentidos, será importante vermos tais ações como educação estética (mais do que o ensino de arte) que se realiza no dia a dia.

Ao brincar, jogar, fazer arte, a criança observa, planeja, escolhe os materiais, cria, avalia o que produziu, ressignifica a realidade, usa a imaginação, expressa aquilo que pensa, sente, vivencia. Assim, exerce a autonomia em atribuir sentidos, amplia as capacidades expressivas em diferentes linguagens e faz uma experiência de autoria (FERNÁNDEZ, 2001). &

Referências

FERNÁNDEZ, Alícia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

GARDNER, Howard. **As Artes e o desenvolvimento humano: um estudo psicológico artístico.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil e Arte: Sentidos e Práticas Possíveis <file:///C:/Users/User/Desktop/arquivos%20pendrive/2016/PNAIC%20-%20CEEL/Orientação%20-%20Especialização/Jaciara/01d14t01%20-%20%20OSTETTO.pdf>

VIGOTSKI, L.S. **Imaginação e criatividade na infância.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.



Feminismo para crianças: mediações em bibliotecas comunitárias

Ester Rosa
Ywanoska Gama

Quem escreve para crianças tem lá suas intenções. Na origem da literatura infantil, sabemos que existia um forte componente pedagógico e a clara intenção de passar ensinamentos para as crianças. Isso é marcante, por exemplo, na escrita de fábulas, nos contos da tradição africana e ameríndia e também se perpetua até a produção autoral contemporânea, cada vez mais repleta de textos que tratam da vida cotidiana, das relações humanas, dos costumes e que sugerem formas de bem viver consigo mesmo, com o outro, com a natureza, com os animais...

Professores entendem bem essa finalidade educativa da literatura e seu potencial para transmitir ensinamentos. Tanto é assim que pesquisas indicam o quanto é comum que as escolhas para compor o acervo da sala de aula e para a condução da hora da história sejam pautadas pela vontade de tratar de algum tema com os estudantes.

Embora seja inevitável abordar a literatura a partir das temáticas tratadas nas obras, este não é o único motivo para ler literatura com crianças, e não precisa ser a razão mais importante para a seleção de livros que comporão o acervo de leituras na escola ou na biblioteca. Mediadores de leitura que querem formar leitores não deveriam reduzir seus critérios de seleção apenas à questão de valores ou “lições” a serem extraídas dos livros, como se todos tivessem, necessariamente, uma “moral da história”. Se quisermos formar leitores que sejam fluentes na leitura literária é preciso ir além do conteúdo e também pensar na forma como a obra foi elaborada e quais os efeitos estéticos que pretende – e consegue – provocar nos leitores.

O que dizer então da literatura infantil “engajada” e que esteja focada em abordar questões que desencadeiem uma reflexão acerca de relações humanas, como é o caso da literatura que trata de questões feministas interseccionais?

Aqui abrimos um parêntese para falar de feminismo interseccional. Nem tudo que se escreve sobre mulheres e para meninas tem um olhar feminista. Nem tudo que se escreve sobre mulheres e para meninas tem um recorte que evidencia que existem muitas formas de construir a identidade feminina e que marcadores como raça e classe social repercutem no modo como nos tornamos mulheres. Nesse campo, identificamos a existência de uma ampla produção de livros para crianças, na maioria das vezes escritas por mulheres e que trazem temáticas sobre a identidade feminina e, mais particularmente, aquelas vivências experimentadas por meninas e mulheres negras e que vivem em situação de pobreza. São essas intersecções que estão destacadas nos cinco livros que integram o *ebook* TRAMAÇÕES FEMINISTAS: DIVERSIDADE NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS¹ e que apresentaremos a seguir.

A sequência de atividades registrada a seguir foi experimentada originalmente em três bibliotecas comunitárias, tendo como material de leitura algum dos cinco livros resumidos a seguir. Neste relato, inicialmente apresentamos de forma sintética as cinco obras e depois reproduzimos o relatório de uma mediação de leitura ocorrida na Biblioteca Multicultural Nasedouro.

<1> Organizadoras: Jaileila de Araújo Menezes, Ester Calland de Sousa Rosa e Keise Barbosa da Silva.

Conhecendo a coleção:



Gente é como árvore: “cada uma tem suas raízes”! Foi o que Bianca descobriu.

Mesmo sofrendo o racismo na própria pele, Bianca, uma menina de 9 anos, não teria se dado conta da gravidade do que se escondia por trás das brincadeiras e comentários de mau gosto de seus colegas de escola, não fosse a chegada de uma nova professora. Bianca nem mesmo teria se reconhecido negra. O livro **As raízes de Bianca**, escrito por **Larissa Bonfim** e **Raiany Evelin** nos faz pensar em tantas coisas: quando o racismo começa em nossas vidas? Como ele se expressa ao nosso redor? Quais são nossas origens? Para além de todas essas questões, a história envolvente nos provoca a pensar também sobre como uma professora ou um professor podem contribuir para o despertar de um olhar necessário para combater o racismo que há em nós.

Carolina e seus caracóis

Victoria Feijó Canales



É sobre ser diferente que Carolina vem contar: ter cabelos diferentes, gostar de coisas diferentes, sonhar diferente e ter autonomia para as próprias escolhas... Carolina não só tem cabelos em caracóis cor-de-rosa, ela ama ler e quer ser escritora... os colegas riem de Carolina, de seus cabelos, de seus sonhos. Encontrar acolhimento, outra pessoa diferente, descobrir um universo de mulheres escritoras pode ser um santo remédio para as dores que não se sabe explicar. Pode dar novas cores a um mundo cinza onde tudo é tão igual. A obra de Victoria, também ilustrada por ela, nos acolhe num abraço de cores e sensibilidade, nos fazendo rever conceitos tão enquadrados, esperados, que marcam profundamente quem não se vê neles representados. A autora se inspirou em Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras escritoras negras (e uma das mais importantes) do Brasil. Viveu parte de sua vida na favela do Canindé, em São Paulo, sustentando seus três filhos como catadora de papel. Seu diário foi publicado com o título Quarto de Despejo e fez um enorme sucesso, chegando a ser traduzido para catorze línguas. Sua obra é estudada até hoje e influenciou várias gerações escritores e escritoras, como Victória.

Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?

Graziella Moura, Maria Jaciara, Viviane Michele e Joana Darc



E por falar em diferença... eu pergunto: é possível comparar a beleza das pessoas? Dá para medir quem é mais bonita ou mais bonito? Pensando nessas questões, duas meninas, Bruna e Kallyane, vão pedir conselhos a Alice, mais velha e bem antenada, que vai logo questionando essas e outras incoerências de um concurso de beleza na escola apenas para meninas, considerando que cada beleza é única! Assim, as pequenas vão descobrindo porque somos tão diferentes e não vão sossegar enquanto não fizerem alguma coisa para mudar os planos do tal concurso. O livro nos convida a celebrar a diversidade da beleza, a valorização das nossas características e o reconhecimento de nossas origens.



A carta de Glória

**Priscylla Karollyne Gomes Dias
e Suzana Pereira Temudo**

Quem é Glória? Para quem ela escreveu? São as primeiras perguntas que podem surgir diante do título dessa obra. Mas, certamente, a pergunta que fará toda a diferença é: De que “lugar” ela escreve/fala? Ao apresentar Glória Anzaldúa, as autoras presenteiam seus leitores com uma pequena versão da provocante *Carta para mulheres escritoras do terceiro mundo*, escrita por ela, em 1981. Nascida na fronteira entre México e Estados Unidos, e por isso se considerava mestiça e chicana, nem totalmente americana nem totalmente mexicana, Glória, cuja voz representa a fala de inúmeras mulheres do terceiro mundo, se configura como personagem que se dirige às meninas, relata memórias da infância e do sentimento de tristeza por conviver com pessoas que falavam outra língua e zombavam da sua, por não ver representadas em seus livros escolares as mulheres e meninas do terceiro mundo, como ela, revelando que tomou a escrita como um refúgio. Além de explicar de forma simples e sensível o significado de ser feminista, a obra também enfatiza de forma incisiva as diferenças contra as quais devemos lutar e ter a coragem para contar nossas histórias e com isso mostrar “nossos rostos e nossas vozes”. E você? Que histórias tem pra contar?



A história de Vanete no mundo dos homens

Aroma Bandeira e Emanuela Araújo

Imagine ter uma madrinha com uma história de lutas e conquistas que tiraram do silêncio e da invisibilidade várias mulheres, trabalhadoras do campo! Essa é a madrinha de Lili, uma menina que adora jogar bola, mas os meninos não a deixam entrar no jogo, simplesmente por ser menina. É essa madrinha que vai dar uma lição à menina, de como se deve lutar para conquistar direitos e espaço numa sociedade machista. A madrinha Vanete vai ajudar Lili a entender que deve mesmo *lutar como uma menina!* Falando de sua trajetória de luta contra o machismo e as desigualdades entre homens e mulheres, o relato dessa madrinha representa a vida de Vanete Almeida, mulher negra e sertaneja, como costumava se definir, que se dedicou a mobilizar mulheres, trabalhadoras rurais, para lutar por direitos. Saía de casa de madrugada e percorria muitos quilômetros de carona em caminhões com um único objetivo: conscientizar mulheres de seus direitos, quebrando séculos de repressão. Tornou-se coordenadora internacional da Rede de Mulheres Rurais da América Latina e do Caribe (Rede LAC), que ajudou a fundar, assim como a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Pernambuco (Fetape). Integrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM) e chegou a ser indicada junto com outras 51 mulheres do Brasil, ao Prêmio Nobel da Paz. Teve dedicação incondicional ao trabalho com a mulher camponesa. Melhor lição Lili e os leitores dessa obra não poderiam ter!

Pensando nas diversas possibilidades que se abrem a partir de cada um dos livros da coleção, é importante considerar diferentes momentos que compõem o processo dialógico que consiste na mediação de leitura e seus desdobramentos. Pensar mesmo como conduzir o antes, o durante e o depois da leitura. Embora cada contexto de mediação de leitura tenha suas singularidades, típicas das relações entre pessoas, é importante que se tenha um delineamento de questões que provoquem uma discussão interessante e que mobilizem a construção de sentidos pelo grupo. Apresentamos a seguir, de forma resumida, o relato de uma sequência de atividades desenvolvida a partir de um dos livros da coletânea acima apresentada.

Mediação do livro "ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS BELA DO QUE EU?"²

A mediação de leitura do livro "Espelho, espelho meu..." foi realizada na Biblioteca Multicultural Nascedouro (BMN), com um grupo de crianças de uma escola municipal vizinha da biblioteca, no bairro de Peixinhos – bairro da periferia que divide os municípios de Olinda e Recife – sendo o grupo composto por 10 crianças (5 meninos e 5 meninas) acompanhadas pela professora da turma. Houve o cuidado em criar as condições necessárias, mobilizando motivações iniciais dos participantes, para o envolvimento com a situação proposta. As atividades foram planejadas e desenvolvidas na seguinte sequência:

- i)** Recepção das crianças
- ii)** Dinâmica de abertura
- iii)** Leitura do livro
- iv)** Experimento do espelho
- v)** Diálogo a partir da experiência da leitura compartilhada do livro
- vi)** Conversa com as autoras
- vii)** Produção de um autorretrato

O grupo que propôs as atividades sequenciadas considerou que **a recepção do público** para a atividade de leitura é o início da ação mediadora e possibilita um conjunto de disposições afetivas favoráveis ou desfavoráveis ao desenrolar da ação. Como costuma acontecer na BMN³, a chegada das crianças foi feita de forma afetuosa, para deixá-las mais à vontade possível, no espaço intencionalmente preparado para as atividades previstas. As crianças tiveram um tempo destinado a circular pelo espaço da biblioteca, consultar o acervo, conversar com a equipe envolvida na atividade, embora não tenha sido revelado que as convidadas a participar com elas eram as autoras do livro cuja mediação seria feita naquele dia.

Como **Dinâmica de abertura** foi vivenciado um momento de cantiga de roda, com uma já bastante conhecida das crianças. Cantando e fazendo uma pequena coreografia, as crianças relaxaram e tornaram o ambiente mais leve e alegre.

Após a dinâmica de abertura, em círculo, sentadas no chão, as crianças ouviram a **leitura da obra** e apreciaram as ilustrações, com a mediação de Daniel Pereira, mediador da BMN, que destacou em seu relato a atenção das crianças em ouvir e, às vezes, fazer breves interrupções para algum comentário sobre a ilustração, identificando semelhanças, por exemplo, entre personagens e pessoas conhecidas.

<1> Síntese do relato escrito por **Graziella Moura, Maria Jaciara e Viviane Michele (Autoras) e Daniel Pereira (Mediador de leitura)**.

<2> Biblioteca Multicultural Nascedouro, integrante da Releitura – Bibliotecas Comunitárias em Rede. <https://releiturape.wordpress.com>

Em sequência, foi proposta a **Experiência do Espelho**. Cada pessoa presente (crianças, escritoras, professora e mediadores) recebeu um pequeno espelho de mão com a orientação de observarem seu próprio rosto durante algum tempo e depois falarem para o grupo o que viam. Inicialmente as respostas foram mais superficiais: “eu vejo dois olhos, uma boca, um nariz etc.” Com algumas provocações do mediador de leitura, as respostas foram se tornando mais reflexivas. Conforme o relato, uma menina, disse, por exemplo: “Eu vejo os olhos do meu pai.”. Uma outra: “Eu vejo o cabelo da minha mãe”, e outras respostas que demonstravam o início de um reconhecimento das diferenças e semelhanças entre os fenótipos dentro da própria família, o que remetia à discussão do livro e à percepção da beleza no contexto de toda essa diferença.

O diálogo sobre o experimento do espelho foi se transformando num **diálogo a partir da experiência da leitura do livro**, os padrões de beleza e as questões de gênero associadas.

Quando indagados sobre o motivo da insegurança da personagem que mostrou receio em participar do concurso de beleza, as crianças rapidamente identificaram que se tratava da personagem Keyllane, e associaram o sentimento à sua cor, seu cabelo. Explorando essa percepção, diferentes crianças disseram que provavelmente a personagem não se achasse bonita e não gostasse da sua cor, não gostasse do seu cabelo, ou mesmo preferisse ser como a colega, de pele clara e de cabelo liso. Alguns atribuíam à avaliação de outras pessoas que poderiam dizer que ela era feia. Citaram exemplos de colegas que insultam outros dizendo terem “cabelo ruim” ou por conta da cor da pele. O relato da experiência chama a atenção para um fato: apesar de boa parte das crianças terem fenótipo da população negra, a maioria não se reconheceu como tal, justificando que a cor da pele delas não é tão escura como a da personagem.

A conversa com as autoras foi fluindo sem que as crianças soubessem de quem se tratava, tendo em vista que estavam junto com o mediador, mas, propositalmente, não revelaram que relação tinham com o livro. Após toda essa sequência acima descrita, as autoras se revelaram como tais e houve grande surpresa das crianças. Puderam, então, falar de si e da obra, das personagens, do processo de criação, etc.

A atividade final consistiu em uma **produção de um autorretrato**, conforme proposto no final do livro pelas autoras. As crianças foram orientadas a se retratarem num desenho e colocá-lo dentro de um livro do acervo para que dessem a conhecer um pouco de si, através do desenho, para um possível leitor do livro que elas escolheram.

Alguns mostraram resistência, dizendo que não sabiam desenhar. Mas no final todos toparam e realizaram a atividade, que terminou com mais momentos de exploração do acervo e escolha de livros para levarem emprestados para lerem em outros espaços.

Acreditamos que os cinco livros oferecem igualmente incríveis possibilidades envolvendo a mediação de leitura, particularmente no Ciclo da Alfabetização, considerando a linguagem clara e convidativa, a perspectiva dialógica e a intencionalidade que o engajamento proporciona. Nesse sentido, variantes da experiência acima descrita, de forma breve, podem ser vivenciadas na escola, enriquecidas com o toque especial de cada professora e cada professor, bem como inspirar atividade similar com um dos outros livros da coletânea. &



Depoi- mentos

Encontros com escritores nas feiras de leitura do CE: linha do tempo

Carminha Bandeira

Ao longo de cinco anos de realizações ininterruptas, as *Feiras de Leitura do Centro de Educação – territórios interculturais da leitura* viabilizaram várias situações de encontros e participação de escritores e escritoras voltados para uma maior aproximação entre o povo da escrita e o público leitor, envolvendo conversas, apresentações e trocas sobre os processos da criação literária.

Uma dessas situações foi criada pela professora e poeta Socorro Nunes (Universidade Federal de São João Del Rei-MG), que junto com o seu colaborador, o poeta Pedro Américo de Farias, produziram belos recitais durante a realização das três primeiras feiras, como uma ação resultante do Sarau Voz Poética, que ela criou na disciplina que ministrava no CE na condição de professora visitante.

Os saraus, que aconteceram sempre no turno da noite, contribuíram para dar um tom especial às primeiras feiras, por congregarem uma diversidade de poetas que integram a cena cultural da cidade, como se pode constatar nas fotografias. Além disso, a própria disciplina abriu espaço privilegiado para a prática de fazer e dizer poesia entre os estudantes de Pedagogia e das Metodologias, especialmente do Centro de Artes e Comunicação. A experiência de produção dos saraus oportunizou a integração das equipes de estudantes dos dois centros, promovendo as interfaces interdisciplinares, como ce-

nografia, iluminação, postura de palco e outros fazeres afins, na preparação e ambientação do espaço cênico.

Poetas e artistas plásticos nas exposições

A linha do tempo permite visibilizar como as Exposições também contribuíram para aproximar poetas e artistas do público frequentador. Em especial, os estudantes das escolas municipais parceiras das bibliotecas comunitárias, do Colégio de Aplicação e das escolas da Várzea tiveram tempo de sobra dedicado à interação presencial com artistas e poetas, que sempre se mostraram dispostos a receber e conversar sobre os processos criativos e as sutilezas da linguagem artística.

Nesse sentido, citamos os exemplos de Urian Agria de Souza (1939-2018) e Janice Japiassu (1939-2019), cujos trabalhos foram expostos, consecutivamente, nas feiras de 2016 e 2015, ressaltando-se como característica comum a ambos o fato de terem sido multiartistas que se expressavam através da pintura e também da linguagem poética.

Para os dois, curiosamente, as exposições marcaram praticamente a despedida das atividades culturais em vida. Os dois partiram um ano depois do outro e esta Revista presta uma homenagem singela ao amigo e à amiga, em memória.

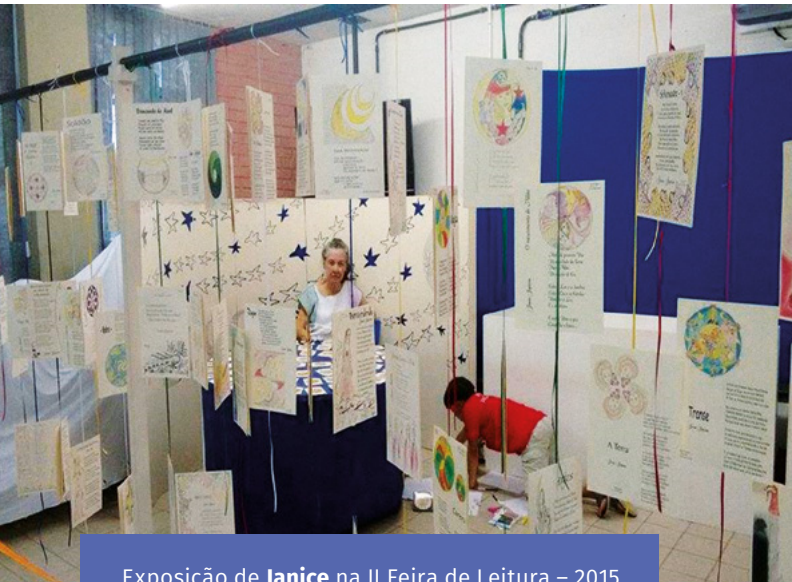


Sarau durante a III Feira de Leitura do CE - 2016





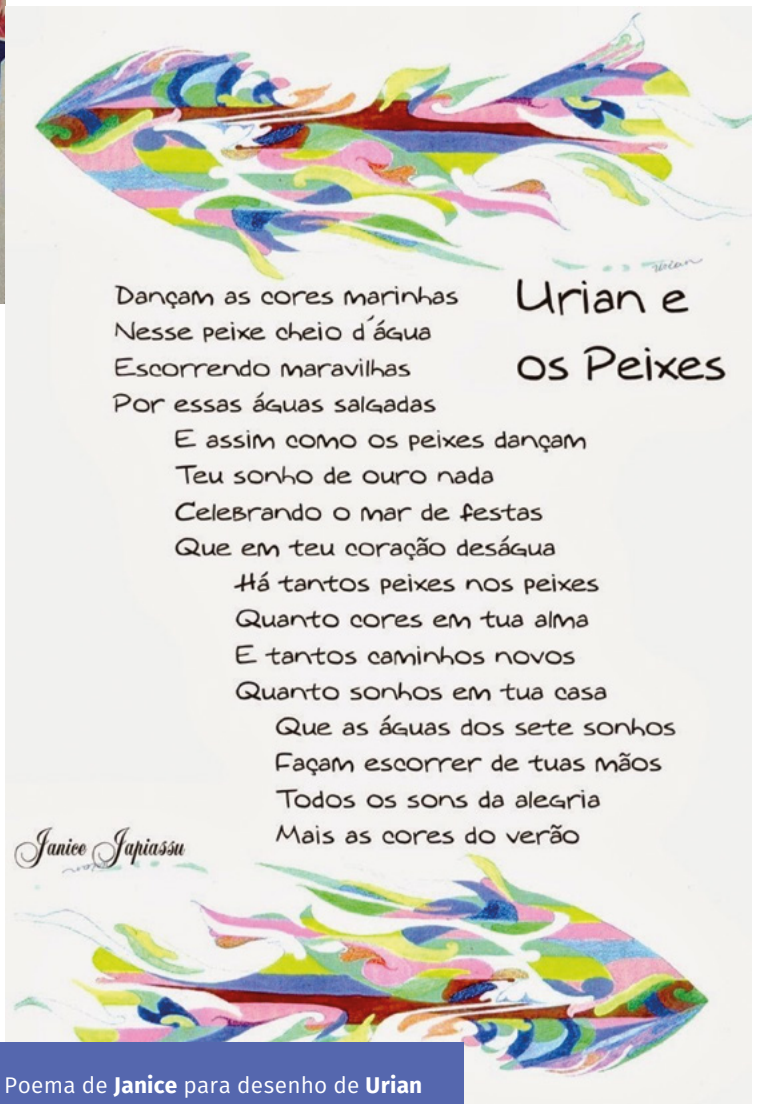
Exposição de **Urian** na III Feira de Leitura - 2016



Exposição de **Janice** na II Feira de Leitura - 2015



Janice Japiassu | Fonte: <http://cafemversoeprosa.blogspot.com/2010/09/janice-japiassu-pastora-dos-sonhos.html>



Dançam as cores marinhas
Nesse peixe cheio d'água
Escorrendo maravilhas
Por essas águas salgadas

Urian e os Peixes

E assim como os peixes dançam
Teu sonho de ouro nada
Celebrando o mar de festas
Que em teu coração deságua
Há tantos peixes nos peixes
Quanto cores em tua alma
E tantos caminhos novos
Quanto sonhos em tua casa
Que as águas dos sete sonhos
Façam escorrer de tuas mãos
Todos os sons da alegria
Mais as cores do verão

Janice Japiassu

Poema de **Janice** para desenho de **Urian**

Mais poesia e artes plásticas nas exposições

No ano de 2017, a Exposição teve como foco o intercâmbio cultural Recife-Nantes, que teve início há 15 anos, através de convênio entre as prefeituras das duas cidades. Um dos objetivos do intercâmbio voltou-se para a aproximação entre poetas daqui e de lá.

Um resultado concreto desse intercâmbio foi a edição bilingue do livro *Nantes Recife – Un regard transatlantique / um olhar transatlântico*, pela Fundação de Cultura Cidade do Recife, numa parceria com Maison de La Poesie de Nantes. Trata-se de uma antologia de 21 poemas de autores recifenses e de Nantes. Entre os autores daqui se incluem Alberto da Cunha Melo, Cida Pedrosa, Deborah Brennand, Erickson Luna, Esman Dias, Everardo Norões, Jaci Bezerra, Lucila Nogueira, Marco Polo, Miró e Pedro Américo de Farias. Dos autores de Nantes tem-se Albane Gelié, Bernard Bretonière, Daniel Biga, Guy Bellany, Jean-Claude Pinson, Jean-François Dubost, Paul Louis Rossi e Philippe Beek.

Outro resultado foi a parceria estabelecida entre a Biblioteca Comunitária Caranguejo-Tabaiaries (BCCT) e a ONG Nantesliredanslarue, ambas voltadas para a promoção da leitura com crianças que vivem em contextos de risco. Essa parceria extrapolou os limites da relação institucional entre as duas prefeituras e se mantém até hoje entre as instituições de base comunitária, movida pela amizade e solidariedade.

Os artistas plásticos Rodrigo Fischer (brasileiro, da equipe de mediadores de leitura e dos formadores do CEEL) e Edouard Dessay (francês, colaborador voluntário como professor de Francês e desenho na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaries) selecionaram e ilustraram 14 poemas desses livros, especialmente para a exposição no ano de 2017.

Cada um, com suas técnicas e estilos peculiares, apresentou durante a Exposição os resultados de suas leituras de cada poema, na linguagem da ilustração. A Exposição mobilizou a participação dos autores dos poemas ilustrados, como Miró, Cida Pedrosa, Everardo Norões, Pedro Américo de Farias, além da escritora Heloisa Arcoverde, coordenadora de edição do livro.



Exposição IV Feira de Leitura - 2017

Encontro com escritores

Ronaldo Correia de Brito – Socializando experiências

Ronaldo Correia de Brito, cearense da região do Cariri, formado em Medicina pela UFPE, radicado no Recife, consolidou nessa cidade sua carreira de escritor, começando pela trilogia – *O Baile do Menino Deus*, *Bandeira de São João* e *Arlequim* – em parceria com Assis Lima. Nesses livros os autores expressam a paixão pela Cultura Popular e fazem novas leituras da arte dos brincantes a partir do imaginário brasileiro. Ronaldo também escreve contos, romances e já recebeu vários prêmios: Pernambuco de contos, do Governo do Estado, com o livro *Três histórias na noite*; Hermílio Borba Filho, do Governo do Estado, com o livro *Arlequim*; São Paulo de Literatura – o melhor livro do ano – com o romance *Galileia*. Este último trata da dimensão regional do romance no contexto da contemporaneidade. Ronaldo foi convidado para fazer a palestra de encerramento na feira de 2014. A conversa girou em torno do conjunto da sua obra, enfatizando sempre a relação entre o regional e o universal. Ao final da conversa o escritor saudou a plateia com apresentação de grupo por ele convidado interpretando músicas medievais identificadas na tradição da religiosidade popular sobretudo no Juazeiro do Padre Cicero. No caso, os músicos interpretam cânticos religiosos recolhidos durante a romaria de Juazeiro do padre

Cícero em cantorias de mendigos e romeiros. As cantigas são mencionadas nos romances de Ronaldo e têm ligação com os cantos medievais.

Maria Pereira de Albuquerque e (Maria) Eugênia Menezes: conversando sobre o processo de escrita das *Cartas Marianas*

A abertura da feira no ano de 2017 contou com a presença de duas escritoras, representantes ilustres da literatura produzida por mulheres na cidade do Recife, em Pernambuco e no Brasil.

A abertura, que aconteceu no auditório do Centro de Educação, consistiu de deliciosa conversa sobre a parceria das duas no processo de escritura de um livro, à base de troca de cartas, ao longo do ano de 1998/1999. O título a princípio quase chegou a ser *O Estafeta da Padroeira*, mas findou, como elas dizem, se tornando *Cartas Marianas*, por revelarem as profundezas das almas das duas Marias.

As duas autoras têm a mesma idade, nasceram e viveram em pequenas cidades do interior de Pernambuco e da Paraíba (Vitória de Santo Antão e Taperoá). Ambas se encontram hoje na casa dos 80, moram há mais de 50 anos no Recife, tendo nessa cidade se dedicado à prática da criação literária, consolidando suas identidades como escritoras.

O livro foi escrito quando ambas tinham 60 anos e Maria Pereira encontrava-se afetada pelos efeitos de uma dor tremenda provocada por circunstância trágica relacionada à recente viuvez, que não a deixava reagir, nem ao menos falar.

Eugênia começou a se comunicar com Maria através de uma carta e, a partir daí, a comunicação fluiu num fluxo contínuo, que durou um ano, e se transformou no livro, que nas palavras de Raimundo Carrero, é expressão de “um jeito muito feminino de narrar, de contar, de revelar, que lembra Adélia Prado e Virginia Woolf, esta última sempre preocupada em dar voz às mulheres.”

Carrero conta que começou a ler o livro “num fim de semana angustiado, cruel” ... “E ele me fez companhia – como se Maria e Eugênia estivessem ali comigo, me animando, feito uma pessoa de quem não pudesse me separar.”

Maria agradece a Eugênia já com a alma mais aliviada diante da elaboração materializada no livro *Cartas Marianas*:

“Porque me encontrou, ferida, e me fez sentar à sombra da sua caixa de costura, entre bordados e rendas da terra, à luz do seu jardim ou na tranquilidade do seu terraço onde é tão fácil sonhar”... “E junto do seu coração, durante todo esse ano que poderia ter sido um dos mais ásperos da vida, manteve-me atrelada à palavra-escrita, sem a qual eu não poderia sobreviver”.

Eugênia, por sua vez, retribuiu o agradecimento a Maria:

“Por me ter ensinado a ouvir, eu que sou tão faladeira. E, sobretudo, por me ter feito assumir o MARIA do meu nome, que eu tanto temia”.

Na Feira de Leitura de 2018, a escritora Eugênia Menezes retornou e conversou com os estudantes do Colégio de Aplicação. Falou sobre sua paixão pela leitura, desde que era bem pequena. Na sua casa em Taperoá, ela criou uma biblioteca comunitária, quando tinha a idade de oito anos, com livros e gibis que recebia de presente dos irmãos maiores. No corredor de sua casa, que ficava perto da dispensa e tinha uma janela que dava para a rua, ela organizava os livros e gibis sobre um banco e emprestava às crianças, que faziam fila para pegar e devolver os livros todos os sábados. Ela criou o “Livro da Responsabilidade”: as crianças pegavam, assinavam, na semana seguinte traziam os livros de volta, devolviam, levavam outros. Eugênia nasceu com vocação para mediadora de leitura e de escrita. Por isso deve receber Medalha de Honra dessa magnífica Feira de Leitura.

No espaço do hall celebrando com as contadoras de histórias os 70 anos de Lenice Gomes

Em 2018, a Feira de Leitura do CE, através do grupo de contadoras de histórias, coordenado por Socorro Barros (Grupo Voz na Praça), prestou bonita homenagem à escritora Lenice Gomes, em comemoração aos seus 70 anos de vida.

Praticamente 50 anos da vida de Lenice foram dedicados à produção de literatura para crianças, e ela é hoje considerada uma referência em pesquisa e compilação de expressões literárias referentes às poéticas da oralidade: parlendas, advinhas, quadrinhas, cantigas de roda.

Lenice é uma autora muito lida e querida no nosso Estado e sua presença é sempre bem-vinda e aplaudida quando ela chega às escolas e às bibliotecas, para cantar, ler poesia, contar histórias, brincar de parlendas e adivinhas.

Clarice Lispector pelas lentes de Fátima Quintas

No mesmo ambiente onde Lenice Gomes foi homenageada, o público teve oportunidade de ouvir a escritora Fátima Quintas discorrendo com profundidade sobre suas leituras de anos a fio sobre essa autora, que se destaca entre aquelas de sua predileção.

Fátima Quintas é vinculada à União Brasileira de Escritores (UBE) e ao Espaço Cultura Nordestina, onde mantém um grupo de estudos permanente sobre Clarice Lispector, que inclui leitura criativa de trechos de seus livros.

Maria Valéria Rezende: ativista, começou a publicar literatura aos 60 anos e participa do movimento mulherio das letras

Pelo que indica a linha do tempo das mulheres que vêm participando dos encontros com escritores nas Feiras de Leitura do CE, a idade avançada conta a favor daquelas que exercem muitas atividades ao longo da vida e já na velhice, com tempo apurado de experiência, resolvem assumir a identidade de escritoras. O que talvez seja um temor para muitas delas, assim como Eugênia temia assumir o Maria do seu nome.

No ano de 2018, a V Feira de Leitura do CE recebeu a escritora e cidadã brasileira **Maria Valéria Rezende** para a palestra “A mulher nordestina na literatura contemporânea”. &

7 anos de aproximação do CEEL - Bibliotecas Comunitárias

Maria Helena Dubeux

A parceria entre a universidade e as bibliotecas comunitárias vem se dando ao longo dos últimos 07 anos, com a participação dos dois polos institucionais que se complementam. De um lado, o Centro de Estudos em Educação e Linguagem CEEL/UFPE, criado em 2004 como um núcleo de pesquisa e de extensão, se destaca pela produção de materiais como livros, DVDs, manuais e jogos para uso na alfabetização, pareceres para programas de distribuição de livros do MEC, participação em programas nacionais de formação docente do MEC e formação de mediadores de leitura. De outro lado, as bibliotecas comunitárias – BC, localizadas em periferias da Região Metropolitana do Recife (RMR), promovem articulações comunitárias em torno da implantação e sustentabilidade de espaços de leitura, mediação de leitura e formação de mediadores.

A parceria estabelecida por iniciativa da RELEITURA - Rede de Bibliotecas Comunitárias de PE, no período de 2012 a 2013, teve como propósito a qualificação da prática de mediação de leitura, a partir da troca de saberes entre professores do CEEL e coordenadores e mediadores de leitura de 08 bibliotecas comunitárias da RMR. Na ocasião, foi planejada uma formação que consistiu em encontros mensais na Universidade para leitura, estudo e/ou discussões das temáticas: literatura, identificação de acervos, processo de leitura – estratégias e exploração textual, o mediador de leitura – textos e contextos, planejamento de projetos de mediação de leitura e formação de comunidades leitoras. Paralelamente a esses encontros, participantes do CEEL realizaram visitas às bibliotecas, para acompanhamento dos projetos que estavam sendo realizados, além dos registros dos mesmos e dos relatórios, na busca de ser estimulada a prática da escrita.

Nos anos seguintes a parceria passou a se integrar ao Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, promovido pelo CEEL, no convênio celebrado entre o Ministério da Educação e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Projetos passaram a ser desenvolvidos por equipes compostas por formadores e representantes das bibliotecas comunitárias, com atividades organizadas em função das identidades e/ou peculiaridades de cada uma das bibliotecas, bem como das inserções e relações nas respectivas comunidades onde estas se localizam. Nessa nova fase de convivência, permaneceram 08 bibliotecas. A Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiaries – BCCT (Ilha do Retiro/Recife) e as demais da RELEITURA: Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura (Alto José Bonifácio), CEPOMA (Brasília Teimosa), Biblioteca Comunitária EducGuri (Mangueira), Biblioteca Popular do Coque (Coque) – Recife; Biblioteca Comunitária Lar Meimei e Biblioteca Multicultural Nascedouro –

Olinda e a Biblioteca Però – Jaboatão dos Guararapes. Em 2017, o grupo foi ampliado, com a chegada da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura (Alto do Moura/Caruaru). Durante esses anos, as ações de trocas entre o CEEL e as BCs têm gerado conhecimentos, frutos de cursos, intercâmbios e produções que se inter-relacionam, com diversos formatos e planejamentos, como veremos.

Encontros e Seminários de Formação dos Orientadores de Estudos do PNAIC/MEC

Participação no Projeto de Extensão universitária aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC/UFPE), desenvolvido pelo CEEL, de 2014 a 2018, com conteúdos incluídos na programação oferecida às turmas dos Orientadores de Estudos – OE. Nos encontros de formação, a equipe de formadores/mediadores do CEEL e das bibliotecas realizaram oficinas temáticas, em que foram compartilhados acervos literários e práticas de mediação. Em alguns encontros, também foram montadas instalações/cantinhos, que reproduziam os espaços das bibliotecas, com tapetes, almofadas, expositores de acervos, objetos decorativos e rodas de mediações (leitura de livros, poesia, música e vídeo), visitadas pelas turmas de participantes das formações.

Cursos de Formação em Mediação de Leitura Literária na Escola e na Biblioteca

Subprojetos do PNAIC, a cada ano os cursos tiveram como meta incentivar a discussão sobre a organização da biblioteca escolar, a escolha de acervos e a mediação de leitura, através do

estudo sobre gêneros literários diversos e o planejamento de sequências didáticas. O primeiro curso, em 2014, *Mediadores de Leitura na Escola* foi oferecido para 06 turmas de Orientadores de Estudos (OE), professores da formação do PNAIC e estudantes do PIBID Diversidade, do Centro Acadêmico do Agreste.

A partir de 2015, o curso *Mediação de Leitura na Escola e na Biblioteca* teve como público não só participantes da formação do PNAIC, mas também professores e gestores de escolas públicas que participavam de ações oferecidas pelas bibliotecas comunitárias.

A cada ano os cursos foram planejados pelas equipes de formadores do CEEL e das bibliotecas, tendo como conteúdo o estudo e a prática em mediação de leitura, com gêneros textuais e temáticas diversas. Desde 2016, os cursos passaram a ser oferecidos a gestores e professores de escolas públicas e instituições próximas de cada biblioteca e consistiram de encontros de formação na universidade, nos espaços das bibliotecas e das escolas, além da realização de sessões de mediação de leitura, com as crianças.

Ainda em 2018, vemos como os cursos de *Mediação em Leitura Literária na Escola e na Biblioteca* produziram práticas que se diferenciaram pelos seus propósitos e resultados. Com planejamentos, estudos e acervos específicos foram desenvolvidos projetos que tiveram dinâmicas diferentes de uma biblioteca para outra. Na BCCT, a equipe desenvolveu o curso “Contos de animais: narração oral e leitura do verbo-visual”, que teve como culminância leituras das crianças, em voz alta, com narrativa dos textos e representações das falas dos personagens das histórias – animais, gravadas em CD.

Na Biblioteca Multicultural do Nascedouro, o projeto “Memória afetiva de Seu Caetano” trabalhou o resgate da história do poeta (Seu Caetano) que escrevia livrinhos de caixa de fósforos e que foi o criador da Biblioteca. A partir de pesquisa sobre o escritor, as crianças escreveram seus próprios livros, que foram impressos e editados, em cartonaria.

Em conjunto, as equipes das Bibliotecas Popular do Coque e do Alto do Moura realizaram o projeto “De carta em carta”, com exploração do gênero textual a partir da leitura de textos literários e intensa troca de correspondências entre as bibliotecas escolares e comunitárias das duas cidades, além de visitações às bibliotecas, com viagens realizadas para Recife e Caruaru. Os professores e alunos das escolas do Recife, participantes desse projeto, elaboraram dois trabalhos que foram premiados local e nacionalmente, e seguem para a etapa internacional (Feira Internacional de Ciência e Tecnologia e Innovación – FEICTIN, na Colômbia).

Além desses três projetos, o curso, em 2018, promoveu o estudo e discussões de outros gêneros como: “temas tabus”, “contos africanos”, “novela”, “assom-

bração” e “cordel”, que geraram ricas trocas de práticas de leitura e escrita, nas escolas e bibliotecas e também nos seminários mensais na universidade.

Projeto Intercâmbio Cultural Recife Xukuru

Foi desenvolvido pelo CEEL, RELEITURA, BCCT e Conselho de Professores Indígenas Xukuru do Ororubá - COPIXO, no período de 2015 a 2016. Foi aprovado no 3º Concurso de Ayudas (2015) do Programa Ibero-Americano de Bibliotecas Públicas – Iberbibliotecas – uma parceria da UNESCO e do CERLALC, com o objetivo de promover o fomento à leitura, especialmente entre os países da América Latina e do Caribe. O Projeto consistiu de um intercâmbio entre mediadores de leitura das bibliotecas comunitárias da RMR e os ambientes de leitura do povo indígena Xukuru/PE, visando à documentação e comparação entre as práticas de leitura nesses contextos culturais distintos.

Em visita ao Recife e à Serra de Ororubá/Pesqueira/PE, buscou-se compartilhar estratégias de mediação de leitura, com exploração dos acervos e das narrativas de histórias, enquanto manifestações da herança da tradição oral preservada na memória da comunidade. No intercâmbio, um ponto marcante de identificação se deu em relação às lutas pela preservação dos territórios e espaços e no encontro das tradições, com a memória das histórias que são as marcas das comunidades no Recife, como as do povo Xukuru presentes nos ensinamentos deixados pelo Cacique Xicão e rememorados nas práticas das escolas nas aldeias. As trocas nas visitas abriram espaços para narrativas diversas, com aproximações de realidades até então desconhecidas, tais como as manifestações da tradição oral e os rituais do povo Xukuru de um lado, e os contextos de beira-mar, morros e mangues do Recife. Esses contatos entre esses dois contextos culturais distintos promoveram um reconhecimento mútuo, além de identificações de diferenças e semelhanças entre essas realidades, que culminaram com a produção de um vídeo – <https://www.youtube.com/watch?v=TxtJHgvb6M8>.

Feira de Leitura do Centro de Educação

Criada em 2014, consiste em mais uma ação realizada no âmbito da parceria do CEEL com as Bibliotecas, e tem ocorrido, anualmente, com diferentes temáticas. Desde a sua primeira edição, focalizando temáticas específicas, a Feira tem promovido a aproximação de estudantes, professores, técnicos, comunidades e a sociedade, de um modo geral, com a literatura, valorizando o texto literário como principal ferramenta de incentivo à leitura literária, à criação de espaços de relação com as bibliotecas e de contatos com a palavra escrita e falada.

A partir de 2016, integrando-se à realização das Feiras de Leituras do CE, a *Festa Literária do Alto do Moura – FLAL (Caruaru)*, iniciativa da Biblioteca Comunitária do Alto do Moura, vem ampliando o âmbito de intervenções da parceria CEEL/Bibliotecas Comunitárias, com ações que contam com participações de artesãos, poetas, escritores (locais e do Recife), gestores e professores da rede pública de Caruaru, além do público visitante e de instituições que têm apoiado a realização das festas.



2014



2015



2016



2017



2018

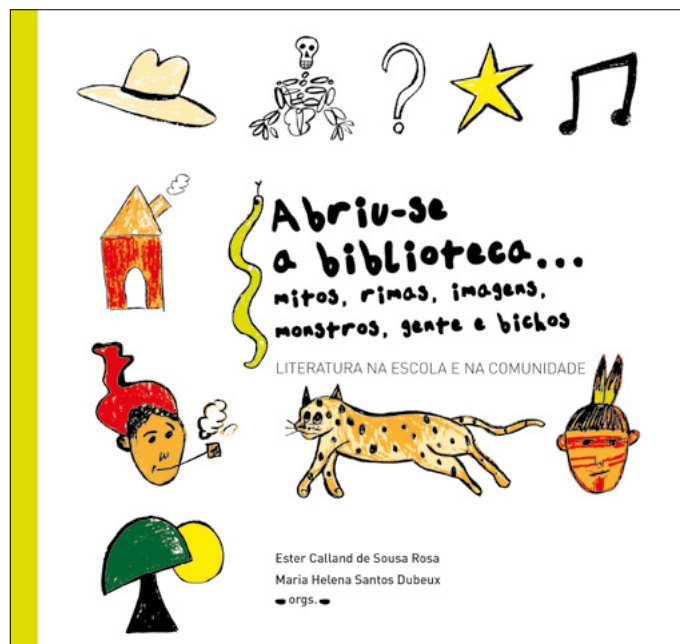
A cada ano, a Feira tem acontecido com uma programação em forma de circuitos que se distinguem pela natureza dos seus espaços e pelas ações neles propostas: palestras, mesas temáticas, rodas de diálogos, conversas com escritores, oficinas para crianças, jovens e adultos, minicursos, exposições, sarau poético, atividades culturais, contação de histórias, troca de livros e comercialização de livros por sebastas, autores e produtores independentes. Neste vol. 3 da Revista, podemos apreciar o emocionante relato de Carminha Bandeira: *Encontros com Escritores nas Feiras de Leitura do CE - Linha do Tempo* (p. 55).

A Feira tem-se caracterizado como um espaço de discussões e vivências acerca da literatura em todas as suas dimensões de gêneros textuais e expressões, e tem contado com a visita de um público circulante de cerca de 2.000 pessoas por edição.

É interessante considerar que nesse público estão incluídos os participantes dos cursos de Mediação de Leitura na Escola e na Biblioteca, não só os professores e gestores, mas também os estudantes que passam a integrar as turmas de crianças que, com outras, participam do circuito infantil e percorrem os diversos espaços e atrações oferecidas na Feira, a partir de um esquema de visitas previamente agendadas.

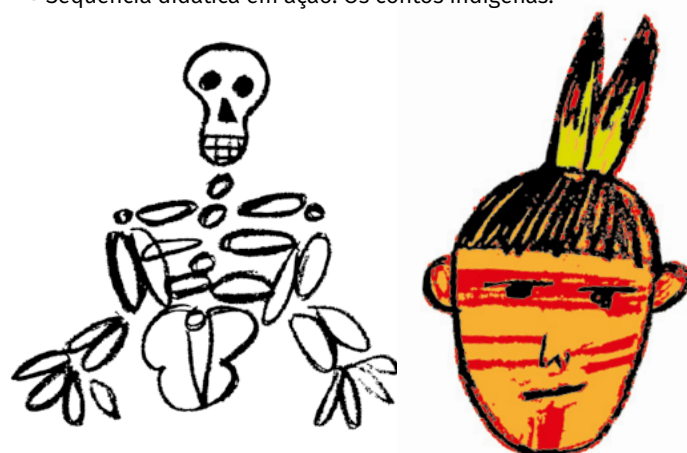
Livro *Abriu-se a Biblioteca... mitos, rimas, imagens, monstros, gente e bichos: literatura na escola e na comunidade*

Publicado em 2015, consiste dos relatos de sequências didáticas (SD) desenvolvidas, através de uma ação conjunta do CEEL/ bibliotecas comunitárias, em 06 salas de aula de escolas públicas da RMR e nos espaços das bibliotecas. Também elaboradas como plano de ação do PNAIC/2014, as sequências, com diferentes gêneros literários, foram desenvolvidas durante dois meses, por trios compostos por professor/mediador/formador. Para os planejamentos, foram realizados estudos sobre gêneros textuais, sequência didática e levantamento de acervos, incluindo-se obras distribuídas pelo MEC - PNBE, PNLD e Obras Complementares. Além de sua versão impressa, o livro também pode ser acessado em formato digital (2016) – www.portalceel.com.br.



O livro contém dois capítulos teóricos que refletem sobre os gêneros na escola e sequências didáticas na educação literária, além dos registros das 06 SD desenvolvidas em turmas do 1º Ciclo de Alfabetização, nas escolas e nas visitas às bibliotecas. As SD têm como foco a prática da leitura literária, voltadas para os gêneros/temas - contos de assombração, poesias de tradição oral, livros de imagem, poemas, mitos da tradição indígenas e de matriz africana, conforme indicam os títulos dos capítulos:

- Assombração: quem tem medo? Uma vivência literária.
- Curtição oral: essa onda é bem legal! Adivinhas, parlendas e quadrinhas.
- Ôxe! Não tem história! Sequência didática com livros de imagens.
- Mitos de origem conforme o povo Tikuna e uma griô Iorubá.
- Criando e recriando poesias na escola.
- Sequência didática em ação: Os contos indígenas.



Ilustrações de *Abriu-se a biblioteca...* Arte: Hana Luzia

As análises das sequências didáticas, publicadas no livro, mostraram como o planejamento das ações de leituras mediadas, a organização de espaços e a escolha de acervos foram fundamentais para formar leitores encantados e reflexivos.

Revista Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização, volumes 1 e 2

impressas pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE - 2017 e 2018), foram planejadas e executadas a partir do Projeto do PNAIC/MEC/UFPE. Integrando também as

rações relevantes para o aprofundamento das discussões acerca dos meios e modos eficientes de difusão da leitura literária e produção autoral, com enfoque em atividades de natureza, pedagógica e cultural.

Mostrando-se cada vez mais sólida, a parceria CEEL/Bibliotecas tem criado frutos geradores de ações que passaram a integrar o planejamento dos grupos nela envolvidos, com propostas de realização de novos cursos de formação, o desenvolvimento de projetos temáticos e de intercâmbios entre as bibliotecas e as escolas dos



Vol. 1



Vol. 2

aproximações entre o CEEL e as Bibliotecas Comunitárias, as Revistas, incluindo esta edição, volume 3, são frutos não só de dados produzidos nos projetos desenvolvidos, a cada ano, nas bibliotecas e escolas, como contém artigos, relatos, resenhas, entrevistas, sugestões de atividades, conteúdos artísticos e diversões, que têm como principal público professores, gestores e mediadores. Os volumes 1 e 2 também estão disponibilizados no portal do CEEL, em formato digital.

Finalizando, destacamos que a parceria entre o CEEL/UFPE e as bibliotecas comunitárias mostra um amplo e diversificado leque de ações, além de concretas colabo-

seus entornos e a promoção das feiras/festas literárias: VI Feira de Leitura do CEEL, III Festa Literária do Alto do Moura – FLAL e a III Festa Literária do Coque – FLIC. Além disso, as publicações dos próximos volumes da Revista Literatura e Arte no Ciclo de Alfabetização continuarão ocupando os seus espaços de produção dos conteúdos elaborados pelas equipes da parceria. Esses novos volumes também serão resultantes não só de um processo de criação teórica, literária e artística, mas também dos registros das memórias das experiências propostas, concretizadas através das ações realizadas nas bibliotecas e nas escolas e de sugestões de atividade captadoras de leitores e escritores de textos literários. &

Cenas de Leituras



Formas de expor os acervos nas bibliotecas comunitárias e a formação de leitores

Helen Santos

Bibliotecas Comunitárias são locais de respiro, onde extravasamos, através da leitura e de atividades afins, a agitação cotidiana dentro das comunidades nas quais estão inseridas. São muito procuradas por leitores de todas as idades e infelizmente são pouco (ou quase nunca) consideradas nas estatísticas focadas no “brasileiro que lê ou não lê obras literárias”, as quais normalmente partem de uma leitura do fluxo comercial das livrarias. O ponto crucial, a ser abordado neste artigo, é a maneira como as Bibliotecas Comunitárias são organizadas para favorecer de maneira dinâmica o seu funcionamento, e como este contexto reverbera na formação de leitores em um local que reafirma o direito à cultura escrita, às tradições orais e a resgates da memória.

Nesse movimento de configuração de espaços públicos, o acervo das Bibliotecas Comunitárias, que também são utilizadas como locais de estudo e manifestações culturais características de sua localização e regiões, é organizado com base na seleção de suas equipes de mediadores e também no que aponta a procura dos frequentadores. E, então, diante de uma necessidade crescente de favorecer a acessibilidade ao livro e à leitura para um público eclético (de crianças a idosos), como esses espaços são organizados? Como seus acervos são colocados à disposição de seu público?

De acordo com o Caderno 7-Livros infantis: acervos, espaços e mediações (BRASÍLIA, 2016), temos basicamente três modalidades de espaços voltados à leitura, especialmente no que tange a instituições infantis, que também são espaços direcionados para diferentes atividades. Nas Bibliotecas Comunitárias, estas três modalidades podem coexistir num espaço único, ou seja, é o ambiente que podemos caracterizar como uma estação de leitura. E sendo assim, vale buscarmos as definições de **estações** como os locais que lembram diferentes fluxos de movimento; e neste mote as “estações de leitura lembram, portanto, permanentes viagens ao mundo

do conhecimento, da cultura, de encontros com o outro, por meio da escrita” (BRASÍLIA, 2016).

Para a constituição funcional de um espaço de leitura, sabemos que imprescindivelmente existe um longo caminho até a colocação do livro nas estantes e, por fim, nas mãos dos leitores. São triagens, consertos (quando necessários) e catalogações algumas vezes elaboradas por bibliotecários, ou orientadas por eles. Nesse percurso, alguns critérios básicos para a exposição dos acervos precisam ser considerados, por questões que muitas vezes transitam entre a ordem técnica, a praticidade ou mesmo a disponibilidade espacial da biblioteca. E a melhoria contínua desses espaços – que vão desde reforma (circulação, iluminação, ventilação etc.), adequação de sua ambientação e a (re)estruturação de acervos – é essencial para a constante e crescente viabilidade do fluxo de leitores, o incentivo ao prazer de ler com atividades de mediação, clubes de leitura, atividades culturais e empréstimos, que são ações e movimentos que podemos considerar como sendo a energia vital que circula nesses espaços.

Uma estética agradável, que flua e que solicite implicitamente ao leitor que se acomode e passe a imergir nas

páginas dos livros é o que de básico necessitamos numa biblioteca comunitária.

E num brevíssimo lapso de tempo (*e espaço!*) aqui conversamos sobre acervos, espaços e sua utilização voltada ao estímulo do **Leitor de Leitura Literária** (os três grandes L), ou não literária, ou seja, o leitor que, no final das contas, não apenas lê o livro, mas também lê o mundo. Espaços concretos ou subjetivos, públicos ou íntimos, que valorizam o ato de ler. E guardemos uma reflexão sobre a importância da leitura, a importância do ato de ler – para melhor compreendermos a não menor importância desses espaços, públicos e concretos ou íntimos e subjetivos, mas que são indiscutivelmente peculiares à leitura. &

Penso que a leitura não é comparável a nenhum outro meio de aprendizado e de comunicação, porque ela tem um ritmo próprio, que é governado pela vontade do leitor; a leitura abre espaços de interrogação, de meditação e de exame crítico, enfim, de liberdade; a leitura é uma relação com nós mesmos, e não apenas com o livro: como nosso mundo interior, através do mundo que o livro nos abre.

(CALVINO, 2015, p.127-128)

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Livros infantis: acervos, espaços e mediações.** Brasília, DF: MEC/SEB, 2016. 152 p. (Coleção Leitura e escrita na educação infantil, v. 8).

CALVINO, Ítalo. O livro, os livros. **Mundo escrito e mundo não escrito** – Artigos, conferências e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.



Ação integrada com o BrinCarq: Canal do Arruda, Recife - PE



Centro Cultural e Desportivo Nasedouro de Peixinhos: Olinda-PE
(acervo de aproximadamente 5000 títulos)



Biblioteca Cepoma: Brasília Teimosa, Recife-PE
(acervo de aproximadamente 2.500 títulos)



Biblioteca Peró: Piedade, Jaboatão dos Guararapes- PE
(acervo de aproximadamente 6000 títulos)



Biblioteca Amigos da Leitura: Alto José Bonifácio, Recife-PE
(acervo de aproximadamente 5000 títulos)



Sugestões de Atividades

Atividade – Roda de ritmo, som e movimento

Maria das Graças Vital de Melo

Objetivo

- Ampliar as habilidades de observação, atenção, percepção e expressão a partir da relação entre escuta e movimento.
- Identificar o ritmo do próprio corpo e dos corpos dos colegas, explorando diferentes sons e movimentos/gestos.
- Perceber as possibilidades corporais de leitura e produção sonora e gestual no processo de produção de sentido.

Procedimento

- Em círculo, em pé, um dos participantes do grupo dá um passo à frente e executa um movimento qualquer acompanhado de um som, em determinado ritmo.
- Todos os participantes irão reproduzir exatamente os mesmos movimentos e sons, obedecendo ao ritmo.
- Em seguida, outro participante dará um passo à frente e criará outro movimento/som em um ritmo diverso. Cada um criará seus gestos, que serão imitados pelos colegas.

Obs.: Os sons e movimentos podem ser substituídos por músicas populares e canções infantis, para trabalhar a musicalização das crianças.

Foco

Pesquisar possibilidades corporais de criação, imitação e significação de sons e movimentos humanos em tempos variados.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo – A atividade possibilita:

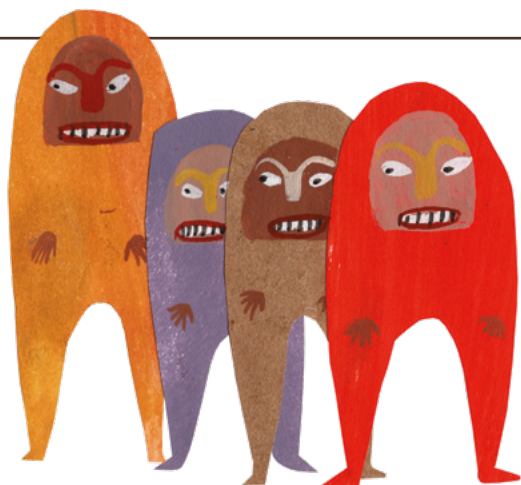
- Atribuição de significado a aspectos não linguísticos da comunicação (sonoros e gestuais).
- Ampliação das possibilidades de criação/autoexpressão dos alunos.
- Vivência consciente dos sentidos da visão e da audição.
- Expansão da capacidade de cantar e dançar.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

O processo de leitura obedece a um ritmo, principalmente textos como rimas, poemas, cordel, provérbios, trava-línguas, ditados populares, cantigas infantis. Além disso, o trabalho com sons é muito importante no percurso de letramento/alfabetização.

Fonte da atividade:

Baseado em Augusto Boal. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.



Atividade →

Levantar uma cena

Marcus Flávio da Silva

Objetivo

- Ampliar a observação e a atenção.
- Perceber a potencialidade cênica de uma produção visual (fotografia, postais, esculturas, pinturas, etc.).
- Estimular corporalmente a criação de personagens inseridos em uma cena.
- Construir um pequeno diálogo (texto teatral) a partir de uma imagem apreciada.

Aspectos relevantes para o trabalho educativo →

A atividade possibilita:

- Ampliação da percepção e do vocabulário imagético, possibilitando a elaboração cênica e uso dos seus elementos constitutivos.
- Desenvolvimento da expressividade corporal e da capacidade de representação/simbolização na produção de sentidos.
- Estudo da estrutura do texto teatral para leitura e escrita.

Articulação com a aprendizagem da leitura e da escrita

Escrita dos diálogos e leitura das histórias construídas por cada grupo.

Procedimento

- Os grupos formados previamente deverão andar pela sala e observar as imagens (postais, fotografias, reprodução de obras de arte, cartoons) espalhadas pelo chão;
- Após um tempo de observação das imagens, cada grupo escolhe apenas uma entre todas as existentes.
- Escolhida a imagem, o grupo deverá levantar a cena, definindo personagens, lugar da ação e a história a ser contada (conflito) a partir dos elementos presentes na imagem.
- Cada grupo terá um tempo para ensaio e posterior apresentação para os demais grupos.
- Em seguida, cada grupo escreverá um novo diálogo (texto teatral) para a história contada por um outro grupo.
- Para finalizar, todos os grupos socializam, através da leitura, os novos diálogos construídos.

Material Necessário

- Postais, fotografias, reprodução de obras de arte, cartoons;
- Papel ofício, lápis ou caneta.



Lugares para visitar

Museu Paço do Frevo

Maria das Graças Vital de Melo

Por que visitar?

O Paço do Frevo, localizado no bairro do Recife, é um espaço cultural que reúne a história de um dos principais símbolos de Pernambuco: o frevo, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural e imaterial brasileiro, em 2007, e como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO, em 2012. O Paço do Frevo é um centro de referência de ações e projetos que buscam viabilizar a valorização, documentação, proteção, transmissão e salvaguarda desse ícone da identidade pernambucana. Além de ser um espaço de difusão, pesquisa e lazer, é também de formação nas áreas de dança e música do frevo através de oficinas e de apresentações musicais, principalmente na época de Carnaval. O museu foi inaugurado em 9 de fevereiro de 2014, no dia do aniversário do frevo.

O que observar?

Ao visitar o Paço do Frevo, observe externamente o estilo eclético do prédio construído no início do século XX, que mostra uma arquitetura sóbria, muito ligada à sua função comercial original, que sediava a antiga empresa inglesa de telégrafo Western Telegraph. Ao adentrar no museu, veja

Fontes das imagens

Abaixo: Foto: Clélio Tomaz | <https://www.guiaviajarmelhor.com.br/museu-paco-do-frevo-em-recife>

todos os espaços com atenção, do térreo ao terceiro andar: a exposição permanente que fica no último piso, as exposições temporárias, as salas de aula de dança e música, a biblioteca. Vá lendo os “livros” de madeira fixos na parede, que contam o que aconteceu desde 1900 até 2014. Observe também o Glossário do Carnaval e o piso, que é em vidro e serve de vitrine para estandartes dos blocos carnavalescos.

Para refletir/pensar:

- Quais são as linguagens utilizadas para contar a história do frevo, os passos da dança, as modalidades e seus representantes?
- O que significa “sábado gordo”?

Para maiores informações:

- <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/paco-do-frevo>
- https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g304560-d6436885-Reviews-Paco_do_Frevo
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Pa%C3%A7o_do_Frevo
- <https://cantinhodena.com.br/2016/03/paco-do-frevo-espaco-exclusivo-dedicado-ao-ritmo-pernambucano>
- <http://www2.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/Anexo-A-TR-Plano-MuseoI%C3%B3gico-Pa%C3%A7o-do-Frevo.pdf>



Outras informações:

- O Paço do Frevo fica na Praça do Arsenal da Marinha, s/n, Bairro do Recife, PE. CEP: 50030-360. Telefone: (81) 3355-9500. Site: www.pacodofrevo.org.br
- Funciona de terça a sexta, das 9h às 17h e nos sábados e domingos das 14h às 18h.
- Os ingressos custam R\$ 8,00 (inteira) e R\$ 4,00 (meia). A entrada é gratuita para crianças até 7 anos, estudantes da rede pública com visita pré-agendada, professores da rede pública com até 4 acompanhantes, funcionários de museus e guias turísticos da EMBRATUR. Nas terças-feiras, a entrada é gratuita para todos.

Fontes das imagens

Direita: Fotos: Cynara Vianna

<https://cantinhodena.com.br/2016/03/paco-do-frevo-espaco-exclusivo-dedicado-ao-ritmo-pernambucano>

Abaixo: Foto: Ivan Torres

<https://www.guiaviajarmelhor.com.br/museu-paco-do-frevo-em-recife>





Fontes das imagens

Acima: Foto: Clélio Tomaz

Esquerda: Foto: Sheyla Galvão Garrido

<https://www.guiaviajarmelhor.com.br/museu-paco-do-frevo-em-recife>



**Biblioteca:
eu recomendo**

Minha trajetória na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães (BCCT)

Anna Paula Alves Monteiro

Minha história com a BCCT vem de muito tempo atrás e rememorar essa trajetória me faz perceber como a poesia dos momentos que vivemos nos desperta para um infinito de possibilidades antes nunca descoberto. Então, vamos do início.

Tudo começou em meados de 2011. Após haver terminado o ensino médio no ano anterior, eu estava me preparando novamente para o vestibular no final do ano. Estava estudando em um curso preparatório pela tarde e, pela manhã, não fazia nada. Então, no meio de uma conversa entre amigos sobre aptidões e cursos de graduação, surgiu a oportunidade de trabalhar na Biblioteca Comunitária pela manhã.

“Seria ótimo para mim”, pensei. Era perto de casa, era pela manhã e era com gente conhecida. Mas, ao mesmo tempo, eu tinha uma trava muito grande com crianças. Não me achava competente o suficiente para trabalhar diretamente com elas. Mesmo assim, topei a empreitada e tive meu primeiro contato com a magia que acontece dentro de uma biblioteca comunitária.

A BCCT era diferente de todas as bibliotecas que eu havia frequentado, e estar lá me fez dar outro significado para a palavra “biblioteca” e para a palavra “leitura”.

Eu sempre pensei que leitura fosse uma atividade individual, na qual você lê em silêncio para você mesmo. Quando criança, lembro-me das vezes que fui repreendida por ler um livro em voz alta na biblioteca da escola ou até mesmo em casa, ainda que fosse só para mim. “Ler em voz alta causa dispersão”, eles diziam, “atrapalha o outro”, e eu fazia um esforço tremendo para ler em silêncio. Quando conseguia, era ótimo, quando não, fechava o livro e não queria mais saber. Com o tempo, adquiri a habilidade de ler pra mim mesma, ainda que quisesse ler em voz alta só para me ouvir.

Na BCCT desmistifiquei muito do que entendia sobre leitura. O trabalho de acolher as crianças da comunidade através das mediações dos livros, por exemplo, eu só pude entender na prática vivenciando e sendo conquistada pelo universo das histórias.

Por biblioteca, eu entendia um lugar onde se guardavam todos os tipos de livros, onde fazíamos em-

préstimos, onde líamos em silêncio e onde estudávamos. Com o tempo na BCCT, essa concepção foi se expandindo e vi que era possível existir uma biblioteca onde não só os livros nas estantes atraíssem a leitura, mas também as pessoas que lá estavam faziam do ato ler aquela coisa gostosa que a gente não quer parar.

Quando cheguei à biblioteca, fiquei encantada com a quantidade de livros que existiam e com a quantidade de crianças que frequentavam aquele pequeno lugar por livre e espontânea vontade.

Eu observava tudo como um aprendiz que deseja muito exercer a função de seu mestre. Observava as mediadoras, as crianças e os livros. Tudo isso me fascinava de um jeito incrível e ajudava a compor muito do que eu sou hoje.

Em 2012 precisei me ausentar por um tempo, mas levei comigo todo aprendizado e desenvolvimento que havia sido despertado lá. Voltei em 2017, na certeza de ter encontrado minha vocação: ser a ponta para o conhecimento, ser a bússola que mostra o caminho, que diz que é muito bom e que torce para que o outro o escolha. Essa é, de fato, a função de quem faz mediação de leitura.

Continuando esse breve relato, destacarei na forma de tópicos algumas coisas que me marcaram na Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiães.

Das crianças

Como falei anteriormente, no começo, as crianças eram meu temor. Eu não sabia direito como lidar com elas. Não sabia se ia dar conta, mas me surpreendi com o acolhimento que tive por parte delas.

Percebi que a leitura carrega consigo muita afetividade e o ato de contar histórias ou ler para alguém gera um vínculo afetivo muito forte que se desenvolve e faz o adulto e a criança mergulharem no universo das narrativas literárias de um jeito único.

Fui criando laços e desenvolvendo técnicas para proporcionar boas experiências literárias às crianças com os livros. Com o tempo, as histórias mediadas que antes eram escolhidas aleatoriamente, agora eram lidas por

mim antes e planejadas para a mediação. Pude entender a importância disso na hora de atrair o leitor.

Muitas crianças gostavam de ler em voz alta. Eu adorava quando me pediam para ler. Dividíamos as páginas e fazíamos roda de leitura, onde cada uma lia uma parte do livro, do seu jeito, em voz alta. E eu permitia, sem repreensões ou correções. Tudo era permitido, desde que lêssemos e entrássemos juntos na história. Foram experiências incríveis.

Percebi que a entonação da minha voz precisava ser diferente. Precisava ter sentimento para envolver os olhinhos e ouvidos atentos, até que certo dia percebi uma criança lendo um livro para outra e fazendo a mesma entonação de voz que eu fazia ao ler. Isso foi fantástico, pois estavam trabalhando elementos narrativos sem perceber e eu sabia que estava proporcionando experiências que não se restringiam somente à minha presença, mas se perpetuariam com elas, as crianças, em outros espaços, com outras pessoas, como aconteceu comigo.

Fascinada pela mediação de leitura, resolvi pegar um livro que estava na cômoda de minha mãe e que ela não lia havia anos. Na verdade, nunca o terminou. Então pensei: “Mãe, vamos ler esse livro?” Ela disse: “Eu não enxergo”. Eu disse: “Vamos fazer assim, eu faço a mediação dele com a senhora, leio em voz alta um capítulo por dia. Que tal?” E assim começamos a nos aventurar em Pollyanna, de Eleanor Porter. Eu sabia que aquele livro era especial para minha mãe, afinal minha irmã havia recebido esse mesmo nome por causa do livro. Foi uma experiência, de fato, muito boa. Transcendeu a biblioteca e eu não tenho



No Projeto Intercâmbio Postal Do México ao Brasil. Fonte: <http://bibliotecacomunitariact.blogspot.com/search/label/Atividades%20da%20BCCT>

dúvidas de que as crianças que frequentam a BCCT transcendem também ao levarem os livros para casa e lerem para seus pais, irmãos, primos.

Dos livros

Esse contato direto com os livros escritos para crianças me fez ter um apreço particular pela literatura infantil. Esse tipo de livro era o carro-chefe da biblioteca e eu adorava. Antes da biblioteca, eu gostava de ler. Lia poemas, livros de aventura, curiosidades, gibis da Mônica, etc., mas não era uma leitora voraz. Não lia muitos livros em pouco tempo, mas quando lia, viajava legal. Talvez eu não tivesse encontrado o tipo de livro que mais me atraía. Por meio da BCCT, percebi que a literatura infantil e a infanto-juvenil me alcançavam de um jeito mais profundo e prazeroso. Comecei a trazer livros para casa. E a saga começou.

Lembro-me de um livro que muito me marcou, chamado *A caligrafia de dona Sofia*, de André Neves. Eu achei esse livro por acaso nas estantes da biblioteca e foi incrível como ele me alcançou pela arte das ilustrações, pela singularidade e delicadeza do conteúdo e pelos poemas. Ah, os poemas...

Descobri na BCCT também os livros de imagens de Eva Furnari, a bruxinha me fazia viajar naquelas tirinhas sem texto verbal. Comecei a pensar como é interessante essa capacidade que nós temos de relacionar as imagens e as palavras, principalmente as crianças. Como é interessante quando elas imaginam histórias através das imagens. Eu adorava fazer mediação desse tipo de livro. Lembro-me também de livros que as outras mediadoras me indicavam de literatura infanto-juvenil. Descobri Pedro Bandeira e as histórias de amor adolescente que me proporcionavam momentos únicos. *A marca de uma lágrima* e *a Hora da verdade* foram eles. Quando concluía a leitura de um livro um pouco mais denso,

me achava o máximo e recomendava a leitura para muita gente.

Muitas portas se abriram para mim, digo, muitos livros.

Do espaço físico

Mesmo sendo pequenino, o espaço acolhe muita gente e muita coisa boa. Muitas Semanas do Conto foram feitas naquelas paredes. Muitas crianças aprenderam a ler naquele lugar. Muitas crianças levaram livros emprestados para casa. A biblioteca dentro da comunidade é um espaço muito rico. É a porta de entrada para o universo dos livros. Acredito que todos que passaram por lá saíram diferentes. Do novo ao velho, do homem à mulher.

Na BCCT conheci vários escritores, poetas, cordelistas, contadores de histórias. Participei de muitas performances e me encantei ainda mais pela arte.

A vivência de formações no âmbito da leitura, da arte e da cultura e a organização de eventos literários como A Semana do Conto de Histórias, me despertaram para a importância social da literatura e da arte na sociedade. Algo que não deve ser deixado de lado, mesmo em comunidades carentes. Na verdade, o povo precisa mais que pão e circo, precisa de arte, cultura, cidadania.

Com certeza, tudo o que vivi foi um divisor de águas na minha vida. Contribuiu para a escolha da minha formação acadêmica e da minha profissão. Meu coração é só gratidão por tudo e esperança de um futuro melhor para todos.



Mediação de leitura na BCCT. Fonte: Acervo da BCCT, 2019.



Resenhas

Jorge Amado –

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá

Helen Santos

O mundo só vai prestar

Para nele se viver

No dia em que a gente vir

Um gato maltês casar com uma alegre andorinha

Saindo os dois a voar

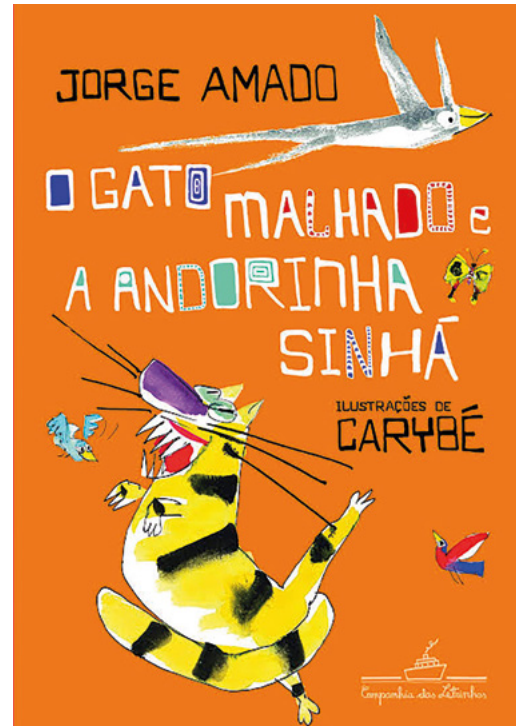
O noivo e sua noivinha

Dom Gato e Dona Andorinha.

(Trova do poeta Estêvão da Escuna – poeta popular do Mercado Sete Portas, Bahia)

É típico de quem ama literatura ter a mania de espalhar esse amor a quem está ao redor, quase que por osmose; e particularmente, gostando alguns ou não, sou a prova disso! E aqui compartilho essa mania deliciosa, através de uma obra especialmente iniciada pelo autor com uma dedicatória para o próximo mais próximo, o seu filho – “Esta história é um presente para o meu filho João Jorge, em seu primeiro aniversário. Paris, 25 de novembro de 1948”. E assim nos chega Jorge Amado iniciando essa sua história para crianças, ou melhor, história que possui magia para encantar o leitor de qualquer idade.

E aqui uma rápida digressão junto a um pedido: Não rotulemos a literatura! Vejamos um bom motivo: aqui apresentamos uma obra voltada em princípio ao público infantil; mas como a literatura é LITERATURA – uma linguagem artística expressa no território onde as metáforas da vida e a plurissignificação das palavras reinam, nos permitindo vivenciar, ver e enxergar o mundo com os olhos da subjetividade – ela sempre auxiliará a nos constituir sensivelmente. Jorge Amado não é o primeiro autor para o público adulto que trilha e se aventura na literatura infantil. Vários autores, nacionais (Clarice Lispector; Carlos Drummond de Andrade; João Ubaldo Ribeiro; Rachel de Queiroz...) e internacionais (Eduardo Galeano; José Saramago – Nobel de Literatura de 1998 –; Mario Vargas Llosa – Nobel de Literatura de 2010 –; Salman Rushdie; Neil Gai-



man...), arriscaram-se nesse terreno e foram bem-sucedidos ao desenvolverem temáticas críticas e fascinantes trabalhadas como poesia, romances fantásticos e contos que desafiam, instigam e levam crianças e adultos a viajarem em suas páginas, sem a perda da qualidade literária. Assim sendo, a literatura se configura como uma linguagem que exala cultura em níveis diversificados.

Mas, voltemos ao que realmente nos importa neste momento, a obra “O gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, e como ela nasceu para o público. A obra só veio a ser publicada em sua primeira edição no ano de 1976. E nesse contexto, reza a lenda que Jorge Amado a escreveu e guardou entre os pertences de seu filho, que só 28 anos depois tomou conhecimento do texto, que estava guardado entre suas coisas da infância, e o publicou com lindas ilustrações de Carybé.

Assim se inicia essa história que tem inspiração na tradição oral das narrativas populares, as quais a literatura tem o poder de materializar. Escrita por Jorge Amado com

a mesma fluidez textual dedicada aos seus textos voltados ao público adulto, nela desenvolve o que podemos considerar como gênero textual fábula apresentada em cenários mágicos, onde um gato encrenqueiro – e valentão – se sente em princípio intimidado por uma andorinha, que não se amedronta com ele e ainda lhe diz que **“ela sabe voar e ele não”**.

Era uma vez antigamente, mas muito antigamente, nas profundas do passado quando os bichos falavam, os cachorros eram amarrados com linguça, alfaiates casavam com princesas e as crianças chegavam no bico das cegonhas. Hoje meninos e meninas já nascem sabendo tudo, aprendem no ventre materno, onde se fazem psicanalisar para escolher cada qual o complexo preferido, a angustia, a solidão, a violência. Aconteceu naquele então uma história de amor.

O enredo é dividido em 15 capítulos: a obra inicia no amanhecer da primavera e no período de um ano visita cronologicamente o ciclo das quatro estações. E contando esse conto temos as vozes de também 15 personagens: O Gato Malhado; A Andorinha Sinhá; A Velha Coruja; O Reverendo Papagaio; A Vaca Mocha; O Pai Andorinha; A Mãe Andorinha; O Rouxinol; O Sapo Cururu; A Galinha Carijó; A Cobra Cascavel; A Manhã; O Tempo; O Vento; e, por fim, os diversos animais do parque. Para expressar essa multidão de personagens, o autor toca seu texto com duas fortes figuras de linguagem, a metáfora e a personificação, expressas com narrativa em terceira pessoa. Compõe ainda a obra uma nota explicativa do autor sobre como nasceu a obra, um posfácio desenvolvido pela escritora Tatiana Belinky, e colocações do próprio João Jorge com curiosidades de sua infância e de sua família.

A fábula conta uma história gradativa: primeiro da cisma; depois da amizade e depois do amor acontecido entre um gato e uma andorinha. E mostra como esse sentimento vai se transformando, junto aos personagens. Tudo começa na eternidade, onde se encontram a manhã, o tempo e o vento, e perpassa através dos ciclos das estações do ano num parque com os demais personagens se revezando. E

nesse cenário, a história vem calmamente para uma manhã da primavera; segue acelerando a felicidade no verão; no outono, há o início da separação; e no inverno, o gato confirma que seu amor pela andorinha é impossível.

Uma possível interpretação desta fábula pode estar ancorada nas relações humanas pelo viés sociocultural da primeira metade do século XX, retratadas com uso de metáforas, como o gato que está embaixo e, por sua condição de felino, se colocava como intimidador para sobreviver e tirar algumas vantagens; e a andorinha, que voa e está acima dos demais personagens – na maioria animais que vivem na terra –, como se fosse um privilégio de berço. Outras interpretações mais contemporâneas também podem ser levantadas, como a possibilidade de constatação das diferenças de ideias e a possibilidade de convivência harmoniosa entre os seres, bem como o oposto, ou seja, a total impossibilidade desta convivência que, diante do amor, se transforma minimamente em respeito. É como se o conto nos dissesse que, embora diante do impedimento do amor, podemos minimamente respeitar o fluir da vida e o percurso de cada um. Mas, “O amor acontece independente da espécie”, como nos diz a interpretação vinda de um pequeno grande leitor literário João Guilherme Luz, de 08 anos, e diante dela, levando-se em conta que o mundo ao redor expressa a nossa condição humana, com toda a certeza podemos também considerar esta última tão sincera, desenvolvida na pureza do olhar não menos crítico de uma criança.

[...] A manhã descreveu a festa inteirinha ao Tempo, dando detalhes dos vestidos, das comilanças, da mesa de doces, da ornamentação da sala. Mas tudo isso o leitor pode imaginar a seu gosto, com inteira independência. [...]

Em suma, numa obra considerada para os públicos infantil e infanto-juvenil, percebemos o esboço traçado pelo autor de uma sociedade, a qual está representada pelos animais e demais personagens e inserida num lugar incógnito que pode ser qualquer lugar. Uma grande metáfora nos apontando que o ser humano pode ser anjo ou

demônio, inserido num meio plural repleto de singularidades, transitando no viés do bem e do mal, do bom e do ruim. E no que tange a interpretações, toda obra literária nos deixa livres para imaginar, fazendo jus à página em branco nas quais os leitores possuem determinada coautoria. Ao ler esta fábula, a minha interpretação pessoal me leva a uma mensagem direcionada à aceitação e convivência com as diferenças, sejam elas sociais, culturais, raciais, etc. E aí voltamos ao ponto inicial desta nossa conversa, e também da obra em questão:

*O mundo só vai prestar
Para nele se viver
No dia em que a gente vir
Um gato maltês casar com
uma alegre andorinha
Saindo os dois a voar
O noivo e sua noivinha
Dom Gato e Dona Andorinha.*

“O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá”, um livro para leitores de 08 a 8.000 anos. &



Carybé

Referência

AMADO, Jorge. **O gato Malhado e a Andorinha Sinhá**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

Lygia Fagundes Telles – Verão no Aquário

Telma Leal

Com quem passei o final de semana?
Com Lygia.

Conhece? Aquela de *Ciranda de Pedra*, *As meninas*, e tantas outras histórias. Lygia me conduziu neste final de semana ao Aquário, neste verão escaldante.

Paixão, traição, solidão.

Desejos, medos e anseios corporificados em mulheres oprimidas por expectativas jamais alcançadas em um tempo em que às mulheres cabia apenas o casamento.

A inquietude, a ousadia, a rebeldia de Raíza e de Patrícia, sua mãe, contrastam com as lembranças de um pai entregue ao alcoolismo e com as fraquezas de André, amigo ou amante de Patrícia, objeto de desejo de Raíza.

Os encontros e desencontros que Bach expressa com precisão e Lygia descreve com maestria – “O cravo, O violoncelo. O cravo. O violoncelo – mas não tinha fim aquele diálogo absurdo e no qual o cravo, com sua voz de velho obstinado, voltava sempre ao mesmo tema, sem ouvir o violoncelo que argumentava com veemência. Às vezes as duas falas se juntavam para prosseguirem mais separadas ainda” – se sucedem a cada linha. Sim, foram esses encontros e desencontros que me ocuparam nestas tardes quentes de março.

Ouvindo Fernando em suas noites de amor com Raíza, compreendi o que em mim já era sabido: “Nada de querer guardar a flor dentro de um livro, não existe coisa mais triste no mundo do que fingir que há vida onde a vida acabou”. Sim, por que mascarar a morte e a dor? Por que aprisionar quem já passou?

Como Raíza, como Patrícia, também reafirmei que “gente como nós também podia ressuscitar a qualquer tempo”. E assim, comemorei o reencontro das duas, mãe e filha, explodindo para além daquele aquário, pois a elas caberia o mar. Ah, o mar!!!!



Amo o Mar que me encanta, me alenta, me desorienta

Amo o Mar que me promove, me descola a mente

Amo tanto o Mar que me vejo nele, com ele.

Tudo nele é verdade

Não há limites, não há medo, não há chegada

O Mar que a todos acolhe

Que não se vende, não se rende.

Tudo nele é intensidade

Não há subterfúgios, não há fingimento, não há parada

O Mar que é liberdade

Que não prende, não ofende

Tudo nele é desafio

Não há certezas, não há disputas, não há ideias veladas

Sem limites, sem medo, sem chegada

Sem subterfúgios, sem fingimento, sem parada

Sem certezas, sem disputas, sem ideias veladas

Eu e ele, despontando no horizonte que nenhuma vista alcança.

Quisera falar do mar para Raíza, para Patrícia. &

Referência

TELLES, Lygia Fagundes. **Verão no aquário.**

São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Um pouco de humor e apurando o olhar

Tirinhas



<https://blog.estantevirtual.com.br/2011/05/26/livros-tambem-sao-tema-de-tirinhas>



<http://vercompalavras.com.br/blog/tirinhas-com-audiodescricao-conheca-o-personagem-tubinho>

O melhor de Calvin Bill Watterson



<https://maiseducativo.com.br/wp-content/uploads/2016/09/calvin-vai-ao-banheiro.jpg>



<http://tirinhasdogarfield.blogspot.com>

Já viu cenas como estas?

Cenas do cotidiano com objetos em miniatura



7.9 thu

MINIATURE CALENDAR www.miniature-calendar.com

Tatsuya Tanaka | <http://www.revistapepper.com.br/noticia/cenas-do-cotidiano-com-objetos-em-miniatura>



Hyemi Jeong | <http://www.revistapepper.com.br/noticia/cenas-do-cotidiano-com-objetos-em-miniatura>

Veja autorretratos inusitados!



Arnold Böcklin – Autorretrato com a Morte tocando violino (1872). Óleo sobre tela. https://pt.wikipedia.org/wiki/Arnold_Böcklin



Autorretrato em mosaico feito com recortes de revistas e depois fotografado.

Vik Muniz – Autorretrato – Série Retratos de Revistas (2003) <https://artmap.com/static/media/0000112000/0000111028.jpg>

Revista Especial

Lançamento na VI Feira de Leitura do Centro de Educação da UFPE – Novembro de 2019

Esta revista foi impressa pela Cepe Editora, e composta em Fira Sans e Kumar One, projetadas por Carrois Apostrophe e Indian Type Foundry, respectivamente.

O papel utilizado foi o offset, 90g no miolo e 150g na capa.

Tiragem de 500 exemplares.

REALIZAÇÃO:

CEEL 15 ANOS

CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO



APOIO CULTURAL:

CEPE
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Releitura
BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS EM REDE
Para tecer o futuro nas teias da literatura e da criatividade



**BIBLIOTECA COMUNITÁRIA
DO ALTO DO MOURA**

✉ bibliotecadoaltodomoura@gmail.com

